SEMANA

NO TEXTO:

CUSCO

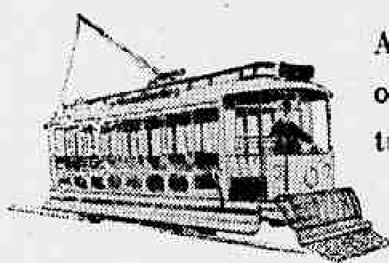
A CIDADE SAGRADA

1900/1950

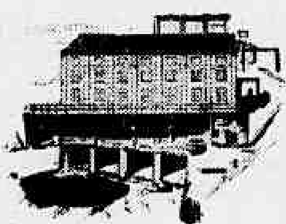
O trabalho do homem e a eletricidade fizeram de

SÃO PAULO e RIO

AS GRANDES METRÓPOLES DE HOJE!

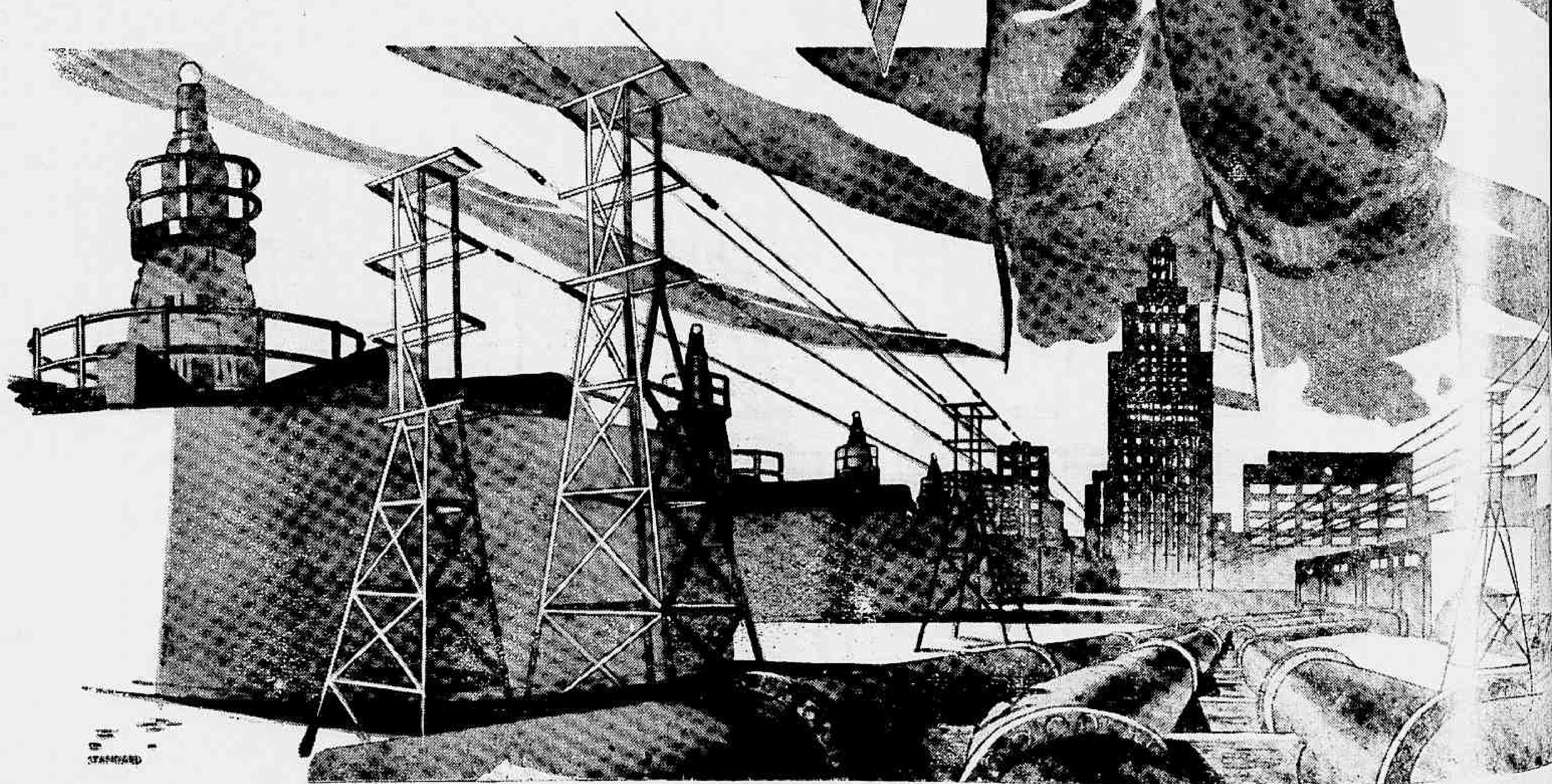


A 7 de maio de 1900 os paulistanos viram trafegar o primeiro bonde elétrico. Foi esse o marco inicial do vertiginoso progresso da capital bandeirante que se tornou o maior centro industrial da América Latina. Realizava-se, enfim, o grande sonho de um grupo de homens de ação empreendedores e capazes que, buscando nas águas do Tietê e seus afluentes as fôrças vivas da natureza, asseguravam a São Paulo a grandeza industrial de que os brasileiros hoje se ufanam. Cinquenta anos após o lançamento da preciosa semente que tanto contribuiu para o progresso do Brasil, a Light, com suas Companhias Associadas, emprega em seus serviços cêrca de 45 mil pessoas e rememorando a longa jornada percorrida, se orgulha de ter contribuido para o progresso das regiões a que serve, tornando-as as mais desenvolvidas do país. Para atender a esse desenvolvimento, a Light, ampliou suas instalações, colocando ao alcance da capacidade de trabalho e do espírito de iniciativa dos brasileiros os mais avançados recursos técnicos na produção e distribuição de energia elétrica, para a evolução de suas indústrias, para a iluminação de suas cidades, para os transportes côletivos e para o confôrto de seus lares.



Como no início de suas atividades, a Light continua a marchar na vanguarda, para o progresso do Brasil e, assim, já está em plena execução um plano de gigantescas obras em Santa Cecília e Cubatão as quais, no gênero são comparadas às maiores já realizadas no mundo.

LIGHT





A PRIMEIRA CONVENÇÃO DO ANO

"BRIGADEIRO! BRIGADEIRO! BRIGADEIRO!" EM 1950, COMO EM DEZEMBRO DE 45 ★ O MOVIMENTO DOS JOVENS APRESSOU A DECISÃO ★ O ACÔRDO INTERPARTIDÁRIO FÊZ A U. D. N. PERDER TEMPO ★ UM GABINETE DE TÉCNICOS PARA A PERFEITA ORIENTAÇÃO DOS CANDIDATOS

Texto de CARLOS DUARTE ★ Fotos de ADIR VIEIRA



CONTINUA





MÃE, FILHA E IRMÃO. Enquanto os convencionais tomavam medidas para lançar o seu nome, o Brigadeiro, sua genitora, D. Geni e sua irmã, srta. Eliane, permaneciam em casa.

A U.D.N. quebrou o impasse que há longo tempo reinava na politica nacional, lançando a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Com o mesmo homem que, em 1945, procurou fazer frente à pujança eleitoral da ditadura, então derrubada do poder, ela tem, agora, mais uma vez, que enfrentar uma luta. Desta vez será entre outros. O sr. Getúlio Vargas e talvez outro, segundo as aparências indicam e todos aguardam.

Fêz-se o chamado "Acôrdo Inter-Partidário", no qual o P.S.D., que era e é ainda o partido governamental, a U.D.N. e o Partido Republicano se comprometiam a manter uma trégua politica, para que o govêrno pudesse governar o Brasil e a paz entre os nossos homens públicos possibilitasse ao país entrar, de fato, num regime democrático, de entendimento, de comunhão de idéias e principios, vizando o bem da pátria, prejudicada pela burocracia, pela falta de um programa administrativo; e para livrá-la dos referidos "perigos". Assim foi dito; sôbre os resultados, que fale o próprio leitor, tão capacitado quanto nós para julgar os politicos, nesse momento. A U.D.N., embalada na rêde da paz interna, abriu campo para a ação do govêrno, que, assim, ficou livre de maiores embaraços. E assim foram se aproximando as eleições que se realizarão em outubro. Primeiramente nos bastidores de cada partido e depois entre os seus próprios porta-vozes e mesmo na presidência do país, o problema começou a ser ventilado: quem seria o substituto do general Dutra?

A pergunta era inquietante: "Um pessedista" — diziam alguns. "Um ademarista" — afirmavam outros. O P.R., inclusive, tinha as suas esperanças, e custaram a morrer as dos populistas do sr. Ademar de Barros. A U.D.N., prêsa que estava ao "Acôrdo Inter-Partidário", respeitando o compromisso, mantinha-se estática: a questão tinha que ser resolvida em perfeito entendimento. Começaram êstes. Mas as posições tomadas na véspera se mantinham de pé. A U.D.N. perdia tempo; chegou a dar a entender que sossobraria ante a maré pessedista| O presidente Dutra queria um substituto tirado dos quadros do seu partido. Veio a falada "fórmula mineira". O homem seria lá das "Alterosas"... e pessedista. Deu em nada, a solução, como se viu. Outras "fórmulas" (paulista., gaúcha, etc.), também. A U.D.N. continuava perdendo tempo. Surge, então, o "Movimento Nacional Popular Pró-Eduardo Gomes", lançado pelos estudantes, liderado por um estudante (Wilson Leite Passos) e desde logo sustentado por um grande jornal aqui do Rio — e outros jornais, homens públicos e povo — não só nesta capital, como em todo o país. O grito de alerta da mocidade, forçoso é reconhecer-se, muita influência teve para a eclosão dos últimos acontecimentos politicos: levou a U.D.N. a definir-se, lançando mais uma vez à arena presidencial o seu candidato natural, isto é, candidato sem competidores à



IMPRESSIONANTES aspectos da Convenção Nacional Udenista. Cêrca de 300 representantes do Partido do Brigadeiro foram ao Palácio Tiradentes. Em todos os cantos havia gente.





UM GRANDE comício marcou o encerramento da convenção udenista. Tôda a frente e escadarias da Câmara ficou ocupada pelo povo, até o fim do discurso do sr. Eduardo Gomes



GABRIEL PASSOS, líder da bancada federal udenista, fêz um discurso sôbre a necessidades mais urgentes do Brasil.



PRADO KELLY, que vemos acima ladeado pelo deputado Monteiro de Castro, presidiu os trabalhos da Convenção



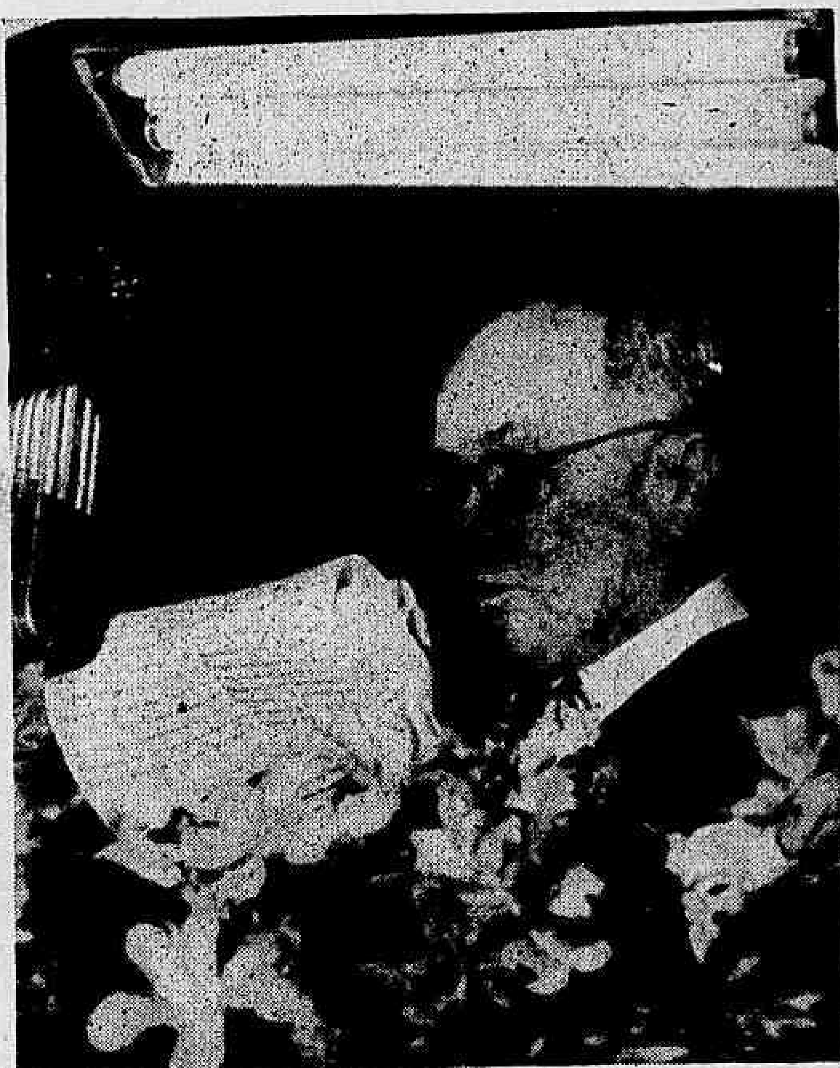
JOSÉ AMÉRICO, como sempre, fêz o povo vibrar com o seu discurso, em que lançou o nome de Eduardo Gomes.



SOARES FILHO, deputado fluminense, foi o líder dos trabalhos da Convenção, prestando bons serviços ao partido.



DOIS VEREADORES cariocas, Lígia Lessa Bastos e Jorge de Lima, palestram com o presidente da UDN carioca.



OS CHARUTOS do sempre ativo sr. Flores da Cunha, necessàriamente tinham que chamar a atenção do fotógrafo.



FERREIRA DE SOUSA, líder da bancada údenista do Senado, também se fêz notar pelo brilhante discurso proferido.



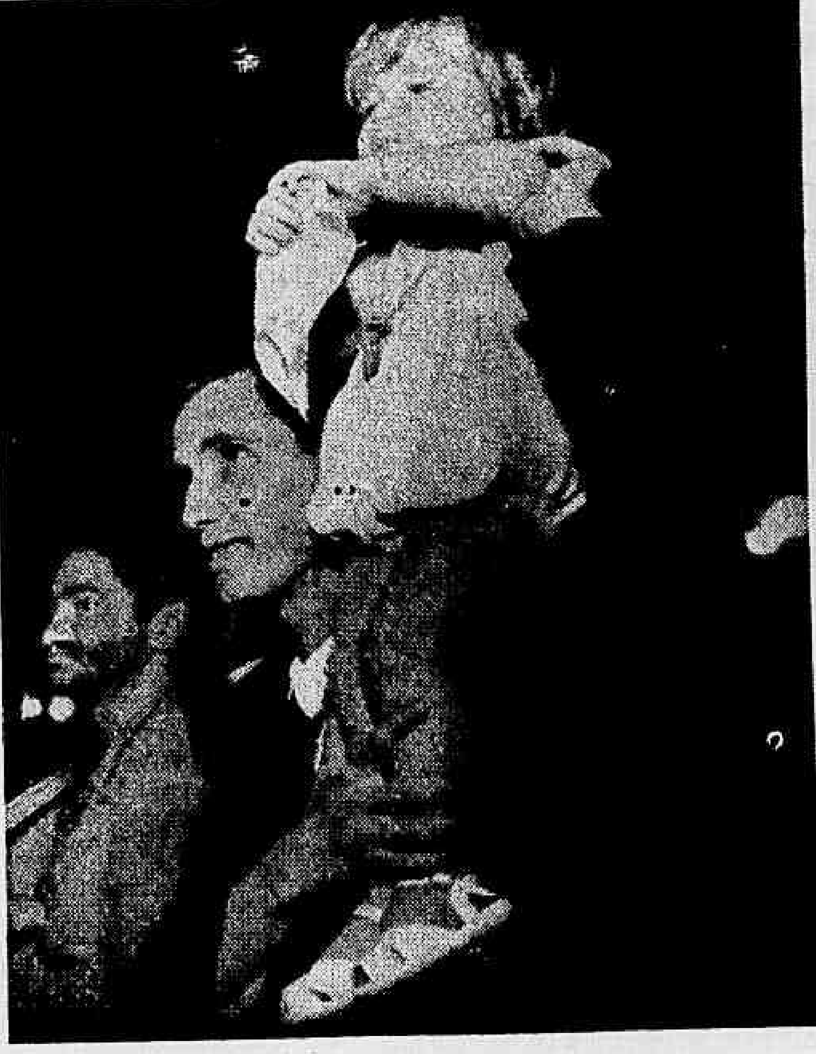
A VOTAÇÃO DECISIVA. 259 convencionais presentes; Duzentos e cinqüenta e nove votos a favor do Brigadeiro.



DOIS DEMOCRATAS destacados, D. Nuta Bartlet James e o deputado general Euclides Figueiredo, palestrando.



NAS ESTÁTUAS, escadas, varandas mais próximas, os udenistas queriam ver o Brigadeiro e todos êles vibraram.



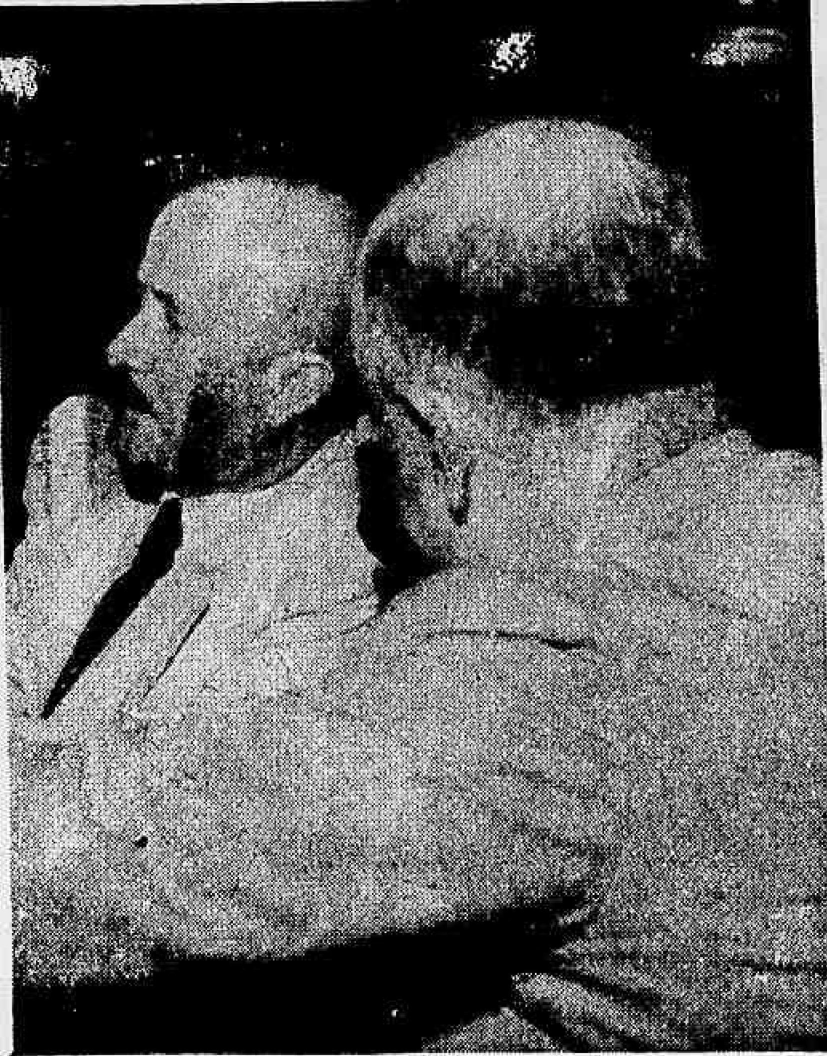
A GAROTINHA que, por enquanto, prefere o colo da babá, a qualquer cadeira de partido, também foi ao comício...



CONTRASTE. Enquanto a massa udenista se entusiasmava, vimos esta senhora chorando... Deve ter sido de alegria.



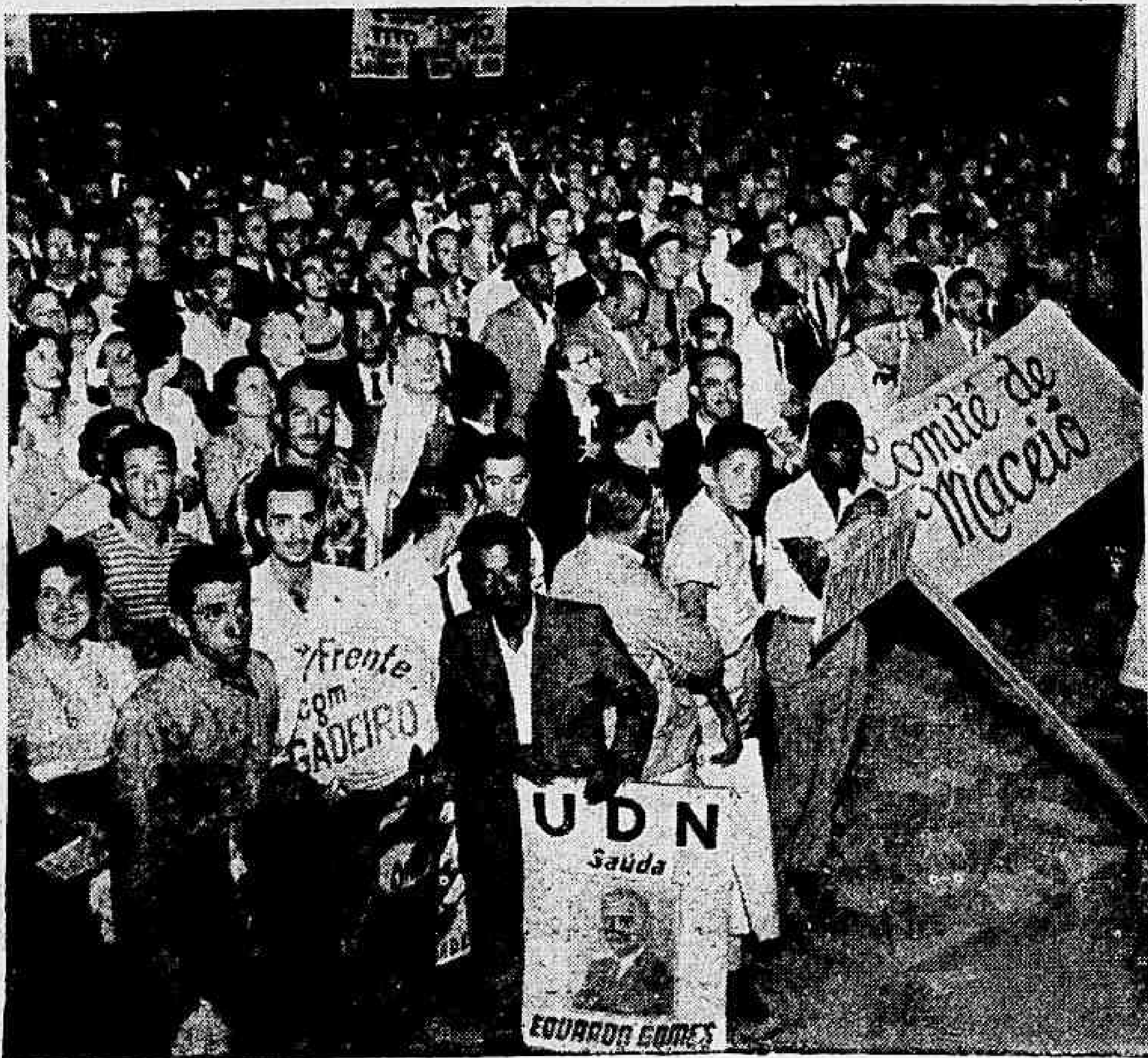
O CORONEL Juraci Magalhães assina a folha de presença. Léa, a bonita e diligente secretária, assiste solícita.



OS COCHICHOS eram comuns nos cantos do majestoso recinto. Aliás, isso é fato corriqueiro entre aquelas paredes.



BANDEIRAS da UDN e do Movimento Nacional Popular pró Eduardo Gomes, eram vistas em todos os cantos.



altura do partido, considerando-se o prestígio popular de cada um. Veio, assim, o brigadeiro, e com êle, por fôrça do acontecimento, dias depois, o candidato do P.S.D., sr. Cristiano Machado, por sinal mineiro, pois Minas é talvez o maior centro eleitoral pessedista. O P.S.D., dessa forma, depois de fazer a U.D.N. perder muito tempo, apresentou logo, então, o "candidato da casa". Ganhou com isso? Aguardemos os resultados das eleições, não esquecendo que êle é o partido que governa na maioria dos Estados do país, o qual poderá fazer eventuais alianças que, por ventura lhe oferecerem.

Com quem votará, por exemplo, o sr. Ademar de Barros? "Com o sr. Getúlio" — diz-se. Mas, em política tudo pode acontecer e não acontecer.

Essa é a situação que a U.D.N. arrisca-se a enfrentar: o sr. Getúlio Vargas, de um lado; o P.S.D., do outro, com a incógnita que é o sr. Ademar de Barros. Com firme decisão, porém, vêm de lançar-se à luta. "Podemos perder, mas também temos algumas esperanças de ganhar" — tal parece ser o pensamento dos líderes udenistas. "De qualquer forma, mais importa que o Brasil siga a trilha constitucional, caminhe com a Democracia. Se ganharmos, porém, o Brasil terá dias mais felizes! O preço da liberdade é a eterna vigilância!"

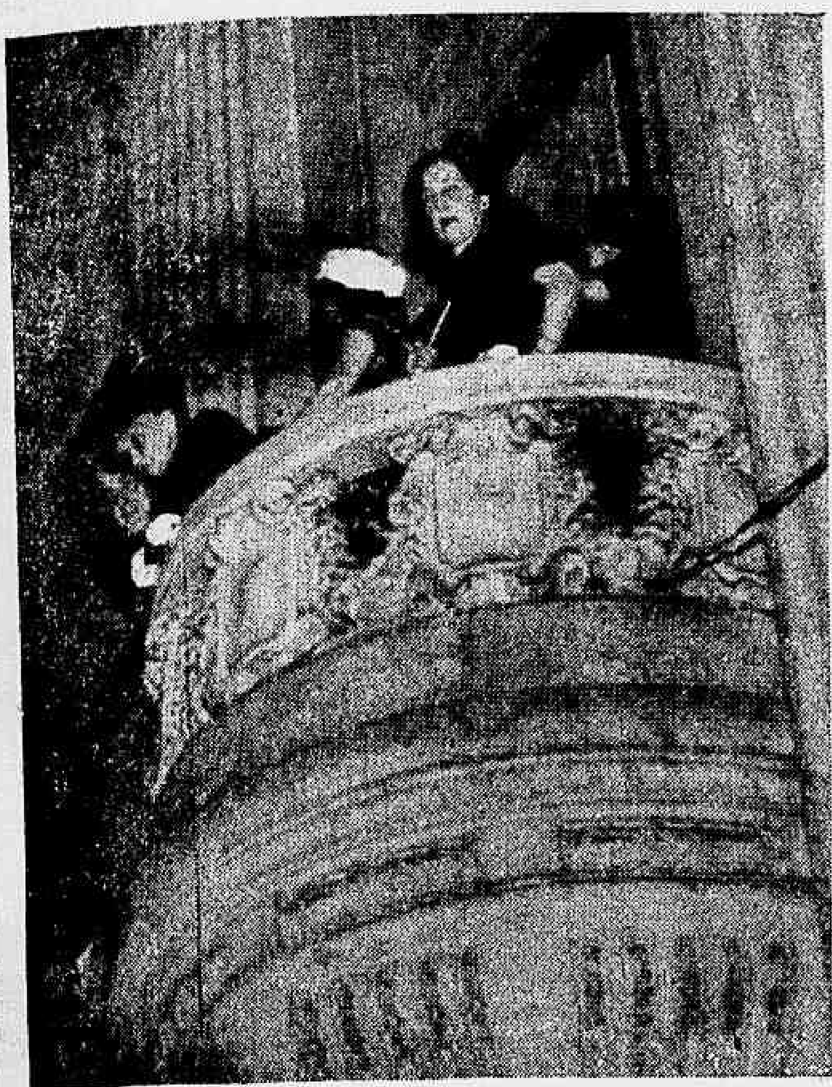
•

Essa a impressão deixada pela Convenção Nacional da U.D.N. Foi um grande acontecimento a reunião dos representantes udenistas de todo o país, no Palácio Tiradentes, nos mesmos bancos onde se sentam os nossos deputados. Aproximadamente 300 delegados estaduais participaram dos trabalhos da Convenção, a de maior vulto que já se realizou em nosso país. Disse, abrindo os seus trabalhos, o deputado Prado Kelly, presidente do partido:

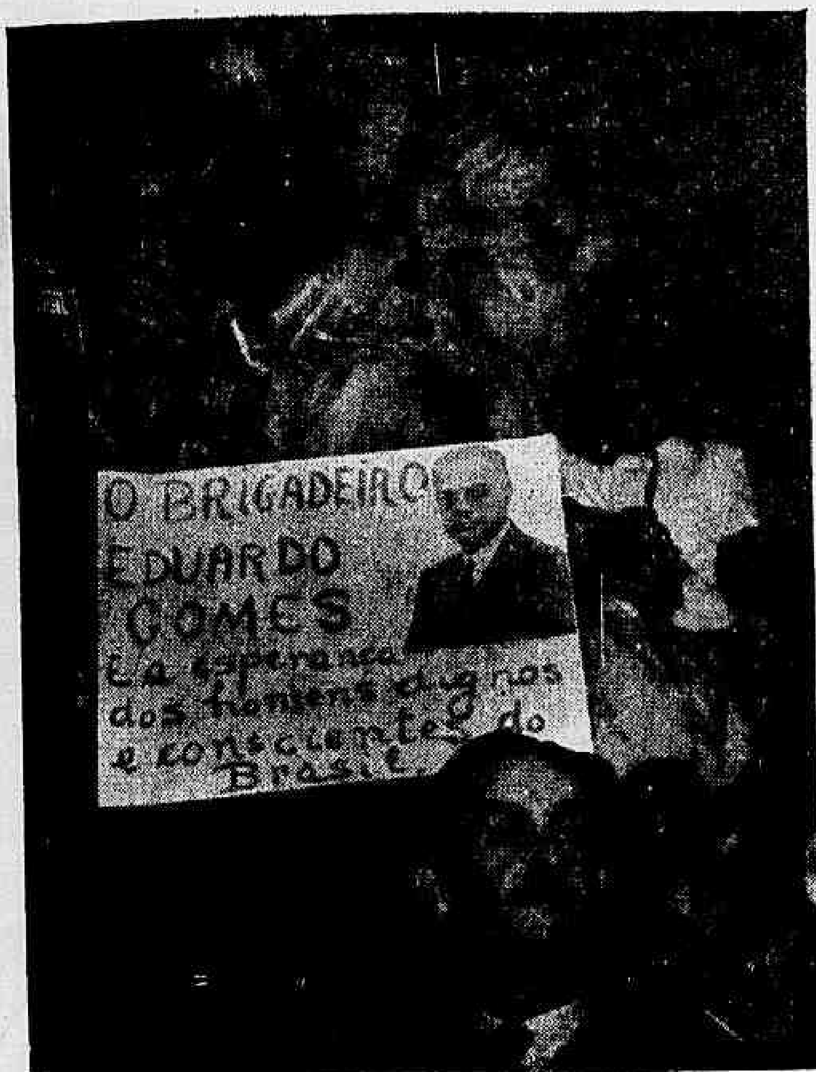
"Pela primeira vez em sessenta anos, se realiza no Brasil uma convenção de tipo genuinamente democrático para escolher o candidato de um partido à Presidência da República. Estão neste recinto os representantes da grande massa eleitoral que sagrou nas urnas a nossa legenda; e o voto de cada um dêles corresponde ao de cinco mil cidadãos que lhe conferiram a faculdade de falar em seu nome. Nenhum Município está faltando a êste comício. Na singela manifestação dos seus delegados opinam todos os patrícios que, em nossas fileiras, são o humilde instrumento da vontade soberana do país."

De todos os Estados vieram delegações para a Convenção, sendo que a maior, de São Paulo, se compunha de 47 pessoas. Grandes também as delegações de Minas e Bolivia. Além da sanção ao nome do brigadeiro Eduardo Gomes, apontado publicamente, dias antes, pela direção nacional do partido, a Convenção reelegeu o sr. Prado Kelly, presidente do partido, e bem assim o deputado Monteiro de Castro, secretário-geral. Serviu, sobretudo, a grande reunião para a confraternização dos udenistas de todos os recantos do país e para o ajuste da máquina partidária para o embate eleitoral que se aproxima e ao

OUTRO ASPECTO da massa popular que compareceu ao comício, o primeiro em que o Brigadeiro tomava parte. Mantinha essa atitude desde a campanha presidencial em 1945.



CALMA E CONTENTE, d. Geni Gomes, genitora do Brigadeiro, compareceu. De uma das sacadas ouve o filho falar.



A QUIETUDE que envolve essa estátua foi quebrada pelo vozerio. O monumento continua impávido e a multidão grita.



EDUARDO GOMES, ao receber em sua residência a comissão de convencionais udenistas que lhe foi comunicar a escolha de seu nome, mais uma vez, para o pleito presidencial, falou pelo rádio, quebrando o silêncio em que vinha se mantendo.

qual acorrerão cêrca de 9.000.000 de brasileiros. Serviu também para amainar pequenos casos regionais sem maior importância. Nada foi dito, no entanto, sôbre o recurso do deputado estadual de São Paulo, sr. Romeu Lourenção, que foi expulso do partido, em São Paulo, em 1948.

O deputado paulista, para tal fim, veio às pressas do norte do Paraná, onde se encontrava, recolhido ao leito, em virtude de uma costela quebrada num acidente de automóvel... Um detalhe que não pode ser esquecido é que, pôsto o nome do candidato do partido em votação, podendo cada convencional votar livremente, 259 pessoas votaram, apurando-se 259 votos no brigadeiro! A U.D.N. está, portanto coesa em tôrno do seu candidato. Deve-se notar também um aspecto inédito em nossos meios políticos e que é bom sinal de progresso: convidados, todos os demais partidos compareceram pela figura de seus presidentes ou representantes categorizados, à sessão de encerramento da Convenção. Vimos, assim, na tribuna de honra dos convencionais udenistas os srs. senador Salgado Filho, presidente do P.T.B., deputado Artur Bernardes, presidente do Partido Republicano, deputado João Mangabeira, presidente do Partido Socialista Brasileiro, senador Vitorino Freire, presidente do Partido Social Trabalhista, Teles da Cruz, secretário-geral do Partido Democrata Cristão, Carvalho Guimarães, do Partido Libertador, Deodoro de Mendonça, do P.S.P., Francisco Cockrane, do Partido de Representação Popular, e deputado Cirilo Jr., presidente do P.S.D. Os convencionais sondavam com demoradas salvas de palmas a cada um dêsses representantes dos outros partidos, à medida que êles iam chegando.

Os discursos que mais impressionaram durante a Convenção foram os do senador José Américo, cuja linguagem clara e dura, sempre são recebidas com especial atenção não só pelos udenistas como todo o nosso povo; e o do brigadeiro.

★

Contando, segundo parece, com a adesão do Partido Libertador, que lhe trará apreciável contingente eleitoral de uns 300.000 votos, pelo menos; do Partido Republicano, forte em Minas, e, provàvelmente, do P.S.B., a U.D.N. inicia cheia de entusiasmo, a sua campanha eleitoral. O "Movimento Nacional Popular Pró-Eduardo Gomes" está redobrando de atividades, no Rio e nos Estados. Por subscrição pública, o partido está angariando dinheiro para a sua propaganda eleitoral. A propósito, um detalhe interessante é que a U.D.N. está organizando seu programa à semelhança do que se faz na Inglaterra e nos Estados Unidos: técnicos pertencentes à própria U.D.N. e aos demais partidos que já formaram, ou vierem a formar na candidatura do brigadeiro, farão um "apanhado" substancioso dos principais problemas nacionais, apresentando ao mesmo tempo a solução cabível para cada caso, de forma a fornecer ao seu candidato à presidência da República e outros quaisquer cargos eletivos uma base objetiva para os seus discursos.



LENÇOS BRANCOS abanando, tal como em 1945. Os udenistas guardaram o símbolo criado pelo próprio Brigadeiro nas eleições passadas. Vencerão? A resposta será dada em outubro!

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 21 ★ 27-5-950

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

O CENTENÁRIO DE SÍLVIO ROMERO



Segundo publicaram os jornais, o deputado por Sergipe, sr. Leite Neto, ocupou a tribuna da Câmara durante a hora do expediente, para falar sôbre o centenário de nascimento do grande escritor, crítico e historiador sergipano, Sílvio Romero, a verificar-se no dia 21 de abril de 1951. Ao terminar suas considerações sôbre a vida e a obra cultural do imortal brasileiro, justificou e apresentou um projeto de lei autorizando o Poder Executivo a abrir, pelo Ministério da Educação, um crédito de 500 mil cruzeiros, como auxílio à Prefeitura Municipal de Lagarto, nas comemorações do centenário do nascimento de seu grande filho. Nada mais justo que a nação colabore para glorificar aquela vida dedicada, inteirinha, à cultura nacional. Sílvio Romero foi uma de nossas maiores inteligências. Escritor fecundo e útil crítico, sociólogo, parlamentar e jurista, deixou traços luminosos na trajetória de sua existência em nossa pátria. Mas como se deseja aplicar êsse crédito? Assim: 200 mil cruzeiros para a Prefeitura de Lagarto, destinados à construção da Biblioteca Municipal Sílvio Romero, e os 330 mil restantes para o Govêrno de Sergipe custear as festas comemorativas dêsse primeiro centenário. Não nos parece muito acertado o emprêgo dessa verba. Achamos que seria muito mais útil aos brasileiros e à memória do imortal sergipano que o Ministério da Educação convertesse os 500 contos de réis em edições populares, baratas, sem nenhum luxo, das melhores obras de Sílvio, especialmente a sua História da Literatura Brasileira e dos contos folclóricos do Nordeste. Isso ficaria e produziria efeitos benéficos na cultura da atual geração e nas gerações vindouras. Enquanto as festanças...

O PROBLEMA DO TRÂNSITO



Faz poucos dias, o novo diretor do Serviço de Trânsito do Distrito Federal reuniu no salão de festas do Automóvel Clube do Brasil autoridades, motoristas, representantes da imprensa, diretores do Automóvel Clube do Brasil e outras pessoas de destaque de nosso meio social e expôs, detalhadamente, o que pensava para resolver ou atenuar a angustiosa situação do trânsito da sufocada Capital Federal. A exposição realizada pelo major Menezes Côrtes impressionou muito bem os assistentes não deixando mesmo de causar admiração a segurança com que falava e exemplificava, pedindo sugestões aos presentes. Essa surprêsa se justificava porque, segundo declarações do próprio diretor do Serviço de Trânsito do Rio, não possuía êle nenhum estudo especializado sôbre o assunto ao ser nomeado para tal cargo, não passando suas observações de simples percepção comum a qualquer motorista particular que roda aí pelas ruas da Capital. Vê-se, porém, que o novo diretor encarou com seriedade o problema e destina grande parte de seus dias ao estudo do tráfego nesta Capital, procurando resolver-lhes os embaraços. Sua atitude diante da numerosa assistência no Automóvel Clube do Brasil, solicitando sugestões aos que o ouviam, é outra prova de que o responsável pela segurança de pedestres e de motoristas tem vontade de acertar, de corrigir nossos erros, de melhorar o trânsito do Rio. Neste assunto, todo mundo, nesta cidade, se julga com qualidades para criticar o Serviço de Trânsito, apontar-lhe as falhas e mostrar como poderíamos resolver o problema de um dia para a noite... Nada mais falso. O Rio só resolverá êsse problema quando possuir vias de acesso. E o mais é teoria.

O PAI DO JORNALISMO



12 de maio tem para todos os que se dedicam ao jornalismo no Brasil uma significação imorredoura. Foi nesse dia que no ano de 1837, desaparecia do número dos vivos e dos batalhadores da imprensa aquêle que se chamou Evaristo Ferreira da Veiga.

Evaristo da Veiga, como era geralmente conhecido, é considerado, e com justas razões, "o pai do jornalismo brasileiro". Foi êle o seu criador, a pena vibrante da "Aurora Fluminense", homem de caráter retíssimo, defensor apaixonado dos direitos do povo. Evaristo da Veiga era carioca, tendo nascido a 8 de outubro de 1799, educando-se naquele ambiente colonial, quando sua pátria ainda se via acorrentada a Portugal, sofrendo as contingências de nação submissa a coroas estrangeiras. Com o decorrer dos anos, Evaristo foi-se habituando aos embates dos nacionais contra a colonização e a subserviência, ouvindo as vozes dos patriotas, as referências aos inconfidentes, sentindo de perto os efeitos da guerra napoleônica sôbre Portugal, forçando a fuga da Côrte de D. João VI para o Rio com todos os seus quinze mil acompanhantes.

Depois, já adulto, enfrentou as lutas pela independência do Brasil, tornou-se figura de vanguarda do Partido Liberal Moderado, dedicando-se às mais justas reivindicações dos brasileiros que não podiam, de forma alguma, continuar sujeitos à influência estrangeira. E em 1830, graças à sua influência e ação decisiva corporificou-se a oposição ao mandonismo ádvena e o Brasil se viu libertado das influências estrangeiras. Evaristo da Veiga ficou em nossa história post-independência como a de um batalhador infatigável, correto em suas atitudes, o criador da Imprensa Brasileira.

A MAIOR DATA NACIONAL



Dizia Rui Barbosa que o nosso 13 de Maio era a maior data do Brasil. Àquele tempo era feriado em tôda a extensão do nosso território e o povo se reunia em festejos cívicos, os clubes e associações culturais se mobilizavam para celebrar a data máxima do país.

Hoje... Raríssimas comemorações. Nem mesmo é facultativo o ponto nas repartições públicas. Tudo decorre com a mesma rotineira feição de um dia como outro qualquer. Essa data sempre se fêz acompanhar de episódios curiosos. Lendo-se os Anais do Congresso Legislativo, vamos descobrir em seus arcanos fatos incríveis. Além disso, quantos nomes que poderiam e deveriam estar imortalizados em praças públicas, foram relegados ao mais criminoso esquecimento? Veja o leitor o que ocorreu com o médico Antônio Ildefonso Gomes, ilustre mineiro, estudioso das ciências botânicas, adepto da homeopatia e um brasileiro que, desde sua mocidade, aí por 1840, lutava pela emancipação dos escravos. Em 1850 (17 de agôsto) dirigiu aos legisladores brasileiros, uma petição que abaixo reproduzimos:

"Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação Brasileira: Sou uma fração dessa mesma soberania que aí representais. Julgo-me autorizado a curar da segurança pública e propriedade nacional, e tenho o direito de petição. Desejando, desde já, dar o primeiro golpe mortal na escravidão, êsse monumento histórico de nossa impiedade, colosso horrendo de crimes e iniquidades, cancro roedor da associação brasileira, legítimo monstro político e opróbrio do século XIX, peço com urgência uma lei que proíba possuir escravos: I — à Fazenda Nacional, porquanto os chamados escravos da Nação servem só para furtos e prevaricações de empregados; II — a tôdas as ordens religiosas, tanto monásticas, como denominadas "terceiras"; III — a todos os hospitais, estabelecimentos pios e casas de caridade. E. R. M. Rio de Janeiro, 17 de agôsto de 1850 (a.) Antônio Ildefonso Gomes, doutor em medicina."

13 de Maio! Dia dos esquecimentos imperdoáveis...

A PERSONAGEM DA SEMANA

No meio da confusão política que se generalizou no ambiente brasileiro, verificou-se um acontecimento que colocou em especial relêvo a figura já por todos os motivos de projeção nacional que é o sr. Prado Kelly. O fato do lançamento da candidatura do sr. Eduardo Gomes à Presidência da República era esperado, não constituindo, pròpriamente, uma novidade; mas, a maneira pela qual se realizou a 4.ª Convenção da União Democrática Nacional, vale como página das mais brilhantes na história da evolução política do Brasil. Vê-se que tudo foi bem estudado e preparado para que o país assistisse, antes de mais nada, a um espetáculo notável como demonstração de educação política e melhoramento dos nossos hábitos partidários. A ordem reinante, a maneira serena e segura com que foram orientados os trabalhos do conclave; a presença dos representantes máximos de todos os nossos partidos democráticos, que, educadamente, atenderam ao gentil convite; a elevação do sentido que os oradores procuraram imprimir aos seus discursos, tudo isso, manda a verdade que se diga, fêz que o sr. Prado Kelly desse ao Brasil uma bela lição de Democracia. A coragem da atitude (numa hora de encolhimento geral, em que cada um procura acoelhar-se, fugindo ao contacto do povo, como que para jogar na certa), não prejudicou



presidente da UDN
O sr. Prado Kelly,

a grande altitude do pensamento, a largueza do gesto, que agradou a gregos e troianos, acendendo um clarão de fé no ambiente turvo da madrugada que não termina nunca. Qualquer que seja o resultado eleitoral da candidatura do sr. Eduardo Gomes, o episódio dessa 4.ª Convenção da União Democrática Nacional, organizada e dirigida pelo aprumo moral e político do sr. Prado Kelly há de ficar registrado nos anais de nossos costumes partidários, como uma das mais belas páginas de nossa evolução política no regime republicano. E queira Deus que a boa semente, nesta hora lançada, germine em tôdas as searas e a política brasileira receba os efeitos benéficos da memorável reunião colocando-se sempre os interêsses do Brasil acima das competições partidárias. Os benefícios de tal procedimento são visíveis e quantos têm capacidade de observação da política nacional, exaltando-se o acontecimento entre as próprias hostes dos demais partidos, cujos chefes não pouparam palavras de elogios ao sr. Prado Kelly, o arquiteto dessa parada de elegância partidária, num momento em que tudo concorre para a desunião política no Brasil. E, assim, o condutor privilegiado do acontecimento, — notável sob todos os aspectos — o sr. Prado Kelly, presidente da União Democrática Nacional foi, sem favor, a personagem da semana.



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 EM HOMENAGEM A QUEM FOI DADO AO RIO O NOME DE S. SEBASTIÃO:
— Ao santo-mártir?
— A D. Sebastião, então rei de Portugal?
— Ao navegador Sebastião Cabot?

2 QUE NOME TINHA O MORRO DO CASTELO, QUANDO MEM DE SÁ INSTALOU ALI A CIDADE:
— São Januário?
— Morro da Misericórdia?
— São Bento?

3 QUE LOGRADOURO PÚBLICO DO RIO ANTIGO SE CHAMOU "ROCIO PEQUENO":
— O largo da Segunda-Feira?
— A Praça Onze?
— A da República?

4 QUE CONSTRUÇÃO HAVIA NO LOCAL EM QUE ESTÁ HOJE A IGREJA DA SANTA CRUZ DOS MILITARES, NA RUA PRIMEIRO DE MARÇO:
— Uma fortaleza?
— Um teatro?
— Um convento?

5 QUEM FUNDOU A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, NO RIO:
— D. João VI?
— Estácio de Sá?
— O padre Anchieta?

6 COMO SE CHAMAVA ANTIGAMENTE A RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, ONDE ESTÁ A "REVISTA DA SEMANA":
— Caminho do Boqueirão?
— Rua das Mangueiras?
— Estrada Real?

7 QUAIS ERAM OS HABITANTES DA ZONA DO RIO ANTIGO, ONDE ESTÁ HOJE A RUA DO LAVRADIO:
— Os índios caeté?
— Uma colônia de cristãos-novos?
— Jacarés?

8 QUAL O PRIMEIRO EMBELEZAMENTO URBANO DO RIO:
— A praça 15 de Novembro?
— O Largo do Machado?
— O Passeio Público?

9 QUEM PROMOVEU SANTO ANTÔNIO AO PÔSTO DE CAPITÃO:
— Tomé de Sousa?
— O conde de Rezende?
— O governador Francisco de Castro Morais?

10 QUE ATO DE HUMANIDADE PRATICOU DUGUAY-TROUIN, DEPOIS DE TOMAR A CIDADE DO RIO DE JANEIRO:
— Livrou da Inquisição uma família?
— Deu donativos à Santa Casa?
— Perdoou os assassinos de Duclerc?

11 QUAL O GOVERNADOR-GERAL QUE EXPULSOU OS JESUÍTAS DO BRASIL:
— Gomes Freire de Andrade?
— O conde da Cunha?
— O marquês do Lavradio?

12 COMO SE CHAMAVA O JOVEM ESTUDANTE BRASILEIRO QUE PEDIU AUXÍLIO AOS ESTADOS UNIDOS EM FAVOR DA CONSPIRAÇÃO DE TIRADENTES:
— José Alves Maciel?
— Maurício Dantas?
— Jorge de Andrade Lima?

13 A QUEM SE DEVE A CONSTRUÇÃO DO MONUMENTO A TIRADENTES, EM OURO-PRÊTO:
— A D. Pedro II?
— A Saldanha Marinho?
— A José Bonifácio?

14 QUE FATO DEU MOTIVO À MUDANÇA DE D. JOÃO VI E TÔDA A CORTE, DE LISBOA PARA O RIO, EM 1807:
— A uma epidemia de peste?
— À invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão?
— À celebração do Reino Unido de Portugal e Brasil?

15 QUAL O PRIMEIRO ESTABELECIMENTO BANCÁRIO FUNDADO EM NOSSO PAÍS:
— O Banco do Comércio?
— O Banco da Cidade do Rio?
— O Banco do Brasil?

16 QUEM CRIOU, NO BRASIL, A ORDEM DO CRUZEIRO DO SUL:
— O Presidente Epitácio Pessoa?
— D. Pedro I?
— D. João VI?

17 QUAL O MOTIVO QUE DETERMINOU A CRIAÇÃO DA ORDEM DA ROSA, NO BRASIL:
— Comemorar o segundo casamento de D. Pedro I?
— O nascimento de D. Pedro II?
— O casamento de Isabel com o Conde d'Eu?

18 QUE NOME TINHA, ANTIGAMENTE, A ILHA FISCAL:
— Dos marinheiros?
— Das Cobras?
— Dos Ratos?

19 EM QUE ANO SE FÊZ O PRIMEIRO RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO DO BRASIL:
— 1808?
— 1872?
— 1922?

20 COMO SE CHAMA O RIACHO QUE FORMA A CASCATINHA, NO ALTO DA BOA-VISTA:
— Andaraí?
— Maracanã?
— Riacho das Antas?

(*Respostas na página* 58)

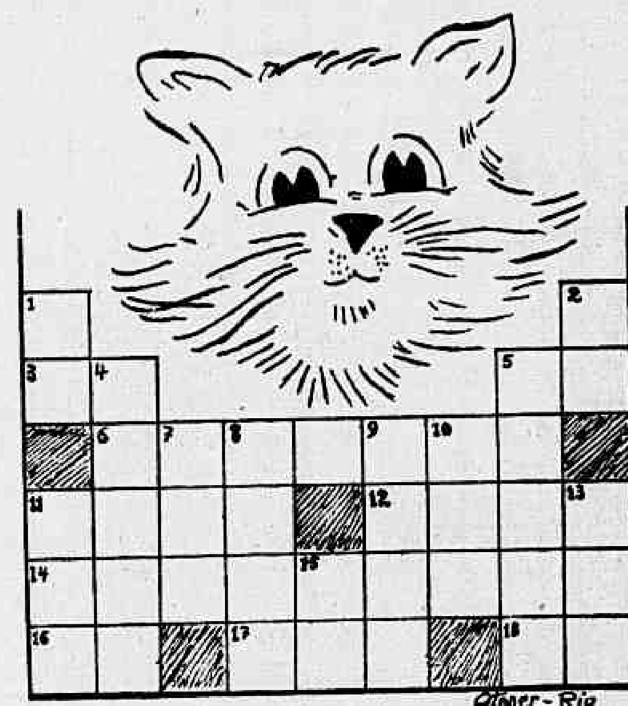
PALAVRAS CRUZADAS

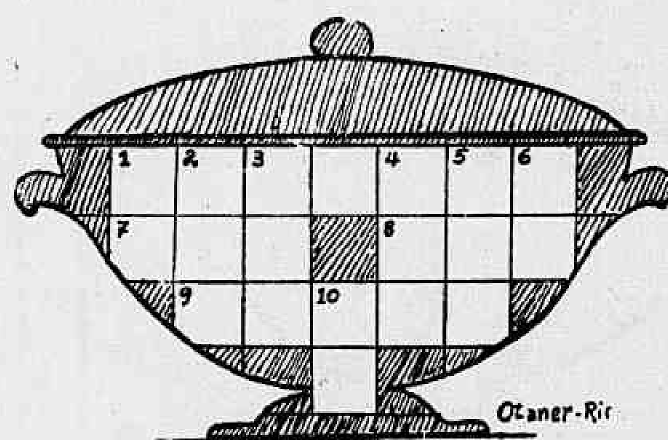
PARA VETERANOS

PROBLEMA N. 3

HORIZONTAIS: 3. A primeira risca do jôgo do aro ou arco — 5. Roda — 6. Amigo de gatos — 11. Desejo — 12. O gado que tem a cabeça branca e o resto do pêlo do corpo de outra côr — 14. Voracidade — 16. Prediz — 17. Arara — 18. Prefixo que traz a idéia de tendência de movimento para dentro.

VERTICAIS: 1. Vácuo — 2. Sufixo que significa aumento — 4. Amparo — 5. Adapte — 7. Ora! — 8. Correia — 9. Ainda — 10. Pequeno braço de rio — 11. Suavidade — 13. Deus sírio — 15. Andar.





PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 3

HORIZONTAIS: 1. Ato de correr — 7. Lá — 8. Lista — 9. Prover de armamento.

VERTICAIS: 1. Aqui — 2. Folha de palma — 3. Escarnecer — 4. Raiva — 5. Sofrimento físico — 6. Outra coisa — 10. 3.ª nota musical.

Soluções dos problemas do número anterior

PARA NOVATOS — **Horizontais:** Lá — Cair — Lima — Apôr — Rita — Ames. **Verticais:** Limote — Araras — Clara — Aipim.

PARA VETERANOS — **Horizontais:** Pé — Aribás — Rimoso — Ícones — SS. **Verticais:** Parí — Erica — Bases — Imo — Bons — S.O.S.

★

COLABORAÇÃO — Com o máximo prazer aceitamos a colaboração dos cruzadistas que nos queiram favorecer com seus problemas, os quais devem obedecer às seguintes condições

a) desenho feito a nanquim, em papel de desenho, devendo cada problema vir acompanhado de um «fac-simile» a lápis com a respectiva solução;

b) não são admitidas palavras invertidas, decepadas, isto é, sem letra inicial ou final, bem como iniciais de nomes próprios ou de coisas;

c) são admitidos os dicionários mais comuns: Peq. Dic. Bras. da Língua Portuguêsa, Simões da Fonseca e Cândido Figueiredo (edições pequenas), Pequena Enciclopédia de Monossílabos, Enciclopédia do Charadista.

d) os colaboradores deverão, para nossa verificação, indicar os dicionários usados na confecção dos seus problemas.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.

A "REVISTA DA SEMANA" E AS COMEMORAÇÕES DO ANO SANTO

Acompanhe essas extraordinárias festividades religiosas lendo as reportagens que a "REVISTA DA SEMANA" já começou a publicar a respeito do magno assunto.

Em cada número da "REVISTA" será lançada uma reportagem feita para o seu grande público, pelo enviado especial da redação a Roma. A "REVISTA DA SEMANA" é vendida em todos os pontos de jornais do Brasil ao preço de Cr$ 3,00. Uma assinatura (porte simples) custa, por seis meses, Cr$ 70,00, e por um ano Cr$ 140,00; sob registro custa, por seis meses, Cr$ 85,00 e por um ano Cr$ 170,00.

Redação: Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.



FLAGRANTE DA MESA dos convidados de honra à festa, vendo-se, da esquerda para a direita: a sra. Sampaio, espôsa do cônsul do Haiti; sra. Maria Nascimento; sr. Pierre Rigaud, embaixador do Haiti; sr. Sampaio, cônsul do Haiti; e a sra. Rigaud, embaixatriz do Haiti. A presença do embaixador da República centro-americana, foi nota de destaque da noite.

BONECA DE PIXE 1950

O QUE FOI A ELEIÇÃO DA NEGRA MAIS BONITA DO RIO DE JANEIRO ★ FESTA SOCIAL E DECENTE CONGRAÇAMENTO ENTRE PRETOS E BRANCOS

Reportagem de SABINO CANALINI

PARA festejar condignamente o 13 de maio, que é considerado entre os pretos como a data do inicio da redenção tão longamente desejada pela raça infeliz, realizou-se nos salões do Sindicato dos Contabilistas o Grande Baile da Abolição. Essa festa é efetuada sob os auspicios do Teatro Experimental do Negro, e durante a mesma é eleita a negra mais bonita do Rio, que recebe o titulo de "Boneca de pixe" e os prêmios "Jacl de Oliveira Lima". No ano passado, por motivos de fôrça maior, não houve êsse concurso anual. Isso, contudo, não arrefeceu o entusiasmo das candidatas inscritas, nem diminuiu o interêsse público quê o certame vem despertando, desde que foi instituido, nas várias camadas sociais da cidade. Êste ano, já há algum tempo que o concurso havia sido anunciado e que as candidatas



EM HOMENAGEM à embaixatriz do Haiti, Ruth de Sousa, do Teatro Expèrimental oferece-lhe uma corbeille de flores.



PARA MOSTRAR que não tem preconceitos de côr ou raça, a moça loura dançou várias vêzes com o rapaz de côr.



ÊSSE CASAL, assim como muitos outros, fêz a mesma coisa: apenas agora a moça é de côr e o cavaleiro é branco.



CATY SILVA — "BONECA DE PIXE"
(Maracanã)



ANTONINA BARROS — 2.ª COLOCADA
(Glória)

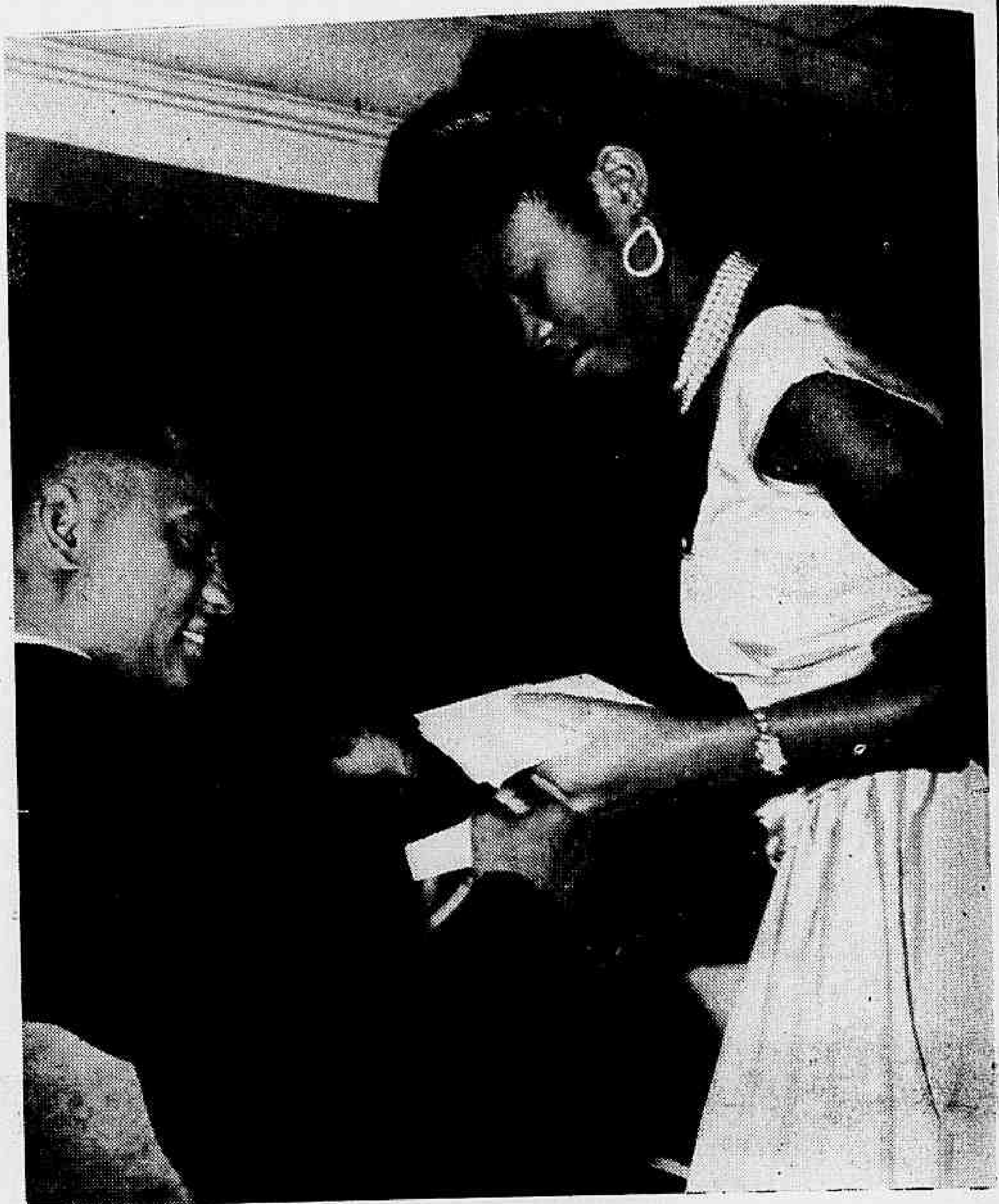


NELLY SANTOS — 3.ª COLOCADA
(Santa Teresa)



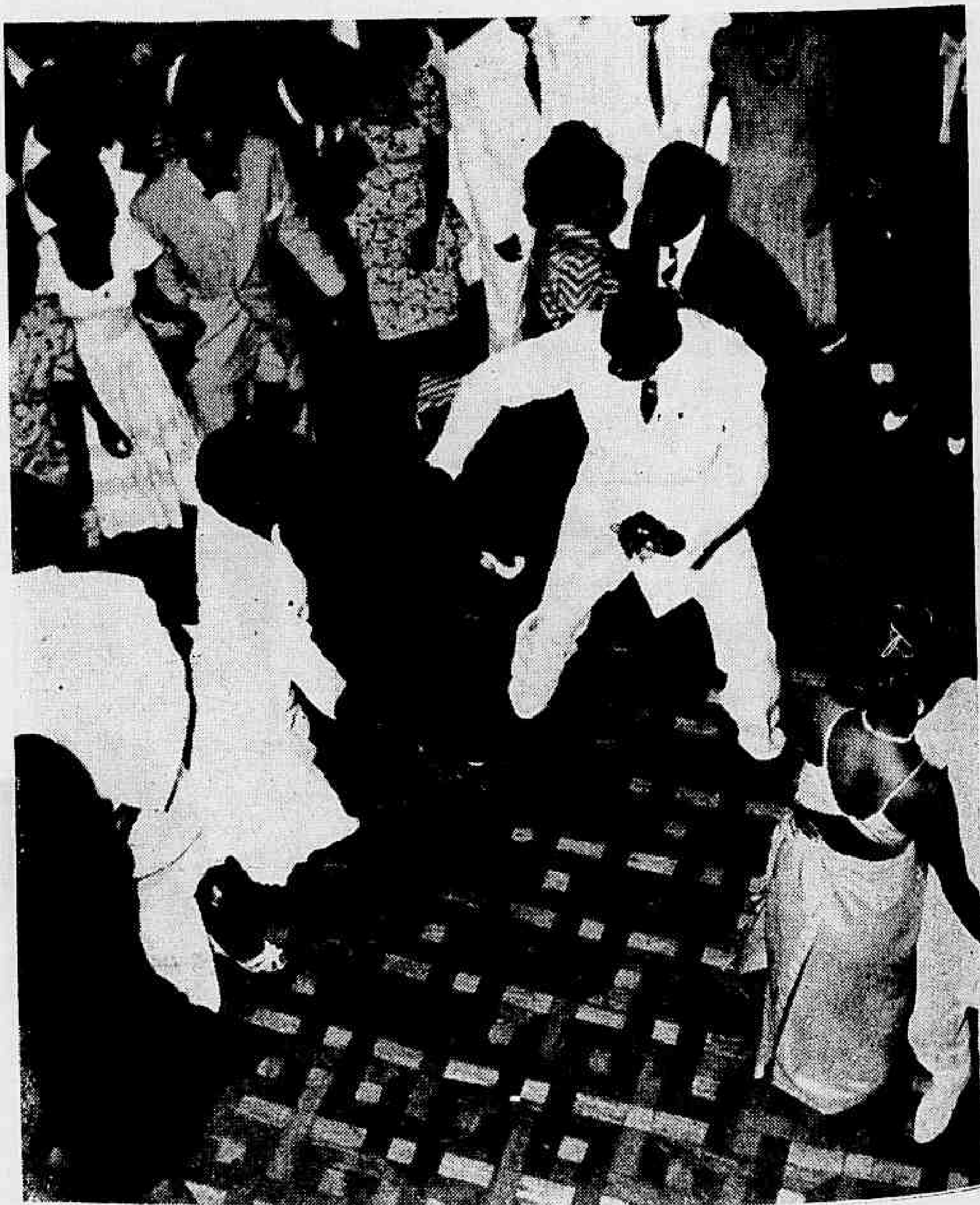
IRACILDA MORAES — 4.ª COLOCADA
(Abolição)





CARMEN SILVA, na intimidade Caty, é a Boneca de Pixe 1950. Sorri satisfeita após ganhar o título, o dinheiro e a estatueta. Ao lado o embaixador do Haiti comprando votos.

estavam tomando posições para a arrancada final, na ânsia de conseguir o ambicionado título e os tentadores prêmios. Têm êles o nome de "Jael de Oliveira Lima" porque são devidos à generosidade dêsse engenheiro, verdadeiro amigo dedicado e desinteressado de tôdas as iniciativas que os pretos realizaram para melhorar as condições de vida de sua raça no Brasil. Jael de Oliveira Lima tem sido o incentivador e o financiador de muitas das realizações que os pretos têm levado avante para mostrar que também são brasileiros, tão humanos quanto os brancos e às vêzes mais sensíveis que nós. Para estimular os valores estéticos e seu desenvolvimento, criou êle os prêmios que levam o seu nome, oferecendo êste ano a quantia de 10.000 cruzeiros para a negra que fôsse classificada em primeiro lugar. Contando ainda com o patrocínio da revista "Quilombo", que é o órgão de defesa dos interêsses dos



JÁ NO FIM da festa, ao som de endiabrados «swings», os dançarinos de côr demonstram que quanto a ritmos, êles são de fato, os maiores. Passos cheios de fogo e de vibração!



AS DUAS HORAS da madrugada foi divulgada a penúltima apuração, vendo-se em semi-círculo, junto ao microfone, as candidatas colocadas. A frente está Abdias Nascimento, líder do movimento a favor dos pretos no Brasil e fundador do Teatro Experimental do Negro. Entre as candidatas está Maria Teresa, vencedora de 48, e Solange, a vênus de ébano.

pretos no Brasil, o concurso oferecia também a estatuela em bronze, modelada pelo escultor patrício Bruno Giorgi, representando a "Boneca de Pixe".

Para unir o útil ao agradável, o criador da festividade, Abdias Nascimento, líder incansável do movimento em prol da destruição completa do ostracismo em que ainda vive o prêto em nossa terra, resolveu patrocinar com o Teatro Experimental do Negro a eleição da "Boneca de Pixe" de maneira digna e edificante. Já experimentou, anos atrás, fazer a eleição da mais bonita entre as mulatas, mas à última hora foi o concurso desvirtuado, tornando-se motivo de licenciosidade, a começar pelo desfile das candidatas em maiô. Resolveu, portanto, abolir a apresentação das moças em trajes sumários, como também não submeter a eleição apenas à simpatia que por acaso pudessem despertar as candidatas. Quis dar ao concurso uma finalidade e uma utilidade. Esta foi conseguida decidindo que os votos para eleger a "Boneca de Pixe" fossem vendidos ao preço de um cruzeiro cada um, revertendo a quantia recolhida em benefício do Teatro Experimental do Negro. Devemos realçar, portanta, a causa pela qual os votos foram vendidos. Causa essa que poderá alcançar efeitos os mais salutares par o desenvolvimento social, espiritual e psicológico na vida dos pretos brasileiros.

Para a festa foi convidado de honra o embaixador da República do Haiti, sr. Pierre Rigaud, que compareceu acompanhado de sua espôsa e do Consul do Haiti, sr. Sampaio e senhora. O diplomata foi escolhido por ser o primeiro representante de

(Cont. na pág. 47)



ENQUANTO DURAVA a votação, as candidatas subiam até à sala de apuração para levar os votos à contagem. Desciam em seguida ao salão de baile para continuar a venda das cédulas entre os convidados. Da esquerda para a direita vemos Maria Assunção, Caty, Abdias Nascimento, o secretário e Nelly Santos. Na mesa, um bronze de Bruno Giorgi, um dos prêmios.

O ESTUDANTE

Novela de MARY CHERZMAM

ALTO, magro, de óculos. A testa é larga, denotando inteligência. Suas passadas são grandes como se estivesse sempre com pressa. Sua cabeça está sempre erguida; seu olhar é firme e penetrante. Quando o vejo está sempre com um livro debaixo do braço. Parece que nada mais o interessa na vida do que o estudo.

A única coisa que conheço da vida dêle é que mora perto de mim; de manhã vai para a faculdade, vem para o almôço e volta novamente para lá, só regressando à noite. Seja de manhã, à tarde ou à noite, a expressão de seu rosto é a mesma. A barba sempre bem feita, o bigode fino, os cabelos cortados à cadete, a roupa impecável; êle é sempre o mesmo, e no entretanto eu gosto dessa igualdade; eu gosto dessa figura que passa todos os dias por mim, apesar de nenhuma vez sequer ter erguido os olhos para minha janela. Cada dia representa uma nova esperança. O dia passa, mas a esperança fica...



O que terá acontecido? São onze horas e êle ainda não passou. Estarei atrasada? Ter-se-á êle adiantado? Não, não creio. Há três meses que êle passa a esta hora e eu sempre estou à sua espera. Estará êle doente? Talvez, quem sabe? E se estiver, será grave ou coisa passageira? E se fôr grave, por quantos dias estarei privada de vê-lo? Como serão longos os dias até que eu o possa ver novamente. O dia será triste; a noite será sombria.

Enquanto o espero, fico imaginando como seria adorável passear pelas ruas de braço dado com êle. Todos me olhariam com inveja e eu, tôda prosa, passaria feliz, sem dar importância a quem que que seja. Sairíamos só aos domingos. De manhã iríamos até o Alto da Boa-Vista ou então à Quinta. Se fôssemos ao Alto poderíamos trocar juras de amor, ouvindo as águas baterem nas pedras. O som da cachoeira é maravilhoso! As águas correm velozmente, desejosas de chegar ao fim, para poderem correr livremente. Mais tarde iríamos ouvir música. Música suave, embaladora. Teria minhas mãos entre as suas. Para que palavras se nossos olhos falariam tudo? Se alguém passasse por nós e nos fitasse diria certamente: — "Como são felizes! Como suas fisionomias são alegres!" Acordando dêste sonho, tomaríamos o bonde e voltaríamos para casa, para almoçar. Quase não comeríamos, pois estaríamos satisfeitos de amor. Dêste amor sublime que nos redime de tudo, que nos faz ver tudo bom e bonito. À tarde sairíamos para o cinema. Minha cabeça descansaria em seu ombro e, assim, bem juntos assistiríamos ao filme. Terminando êste, iríamos passear, fazendo planos para o futuro. Sonhávamos ter uma casa pequena, com um jardim na frente e um quintal nos fundos. No segundo ano de casados uma criaturinha rosada iluminaria nossa vida e se possível fôsse a nossa felicidade seria maior. Mas para quê sonhar, se tudo isto é impossível?

Chamam-me, mas eu não tenho fome.

Dia 13 — E' preciso que eu me distraia, não posso ficar prêsa a êstes pensamentos mórbidos. À noite irei à festa na casa de Lucy. Mais uma primavera que ela hoje completa. Primavera de sonhos, de alegria, de felicidade...

A casa está cheia. Todos estão alegres, risonhos; por que estarei sempre triste, sempre só? Ficarei aqui num canto. Como Pauly está bonita! Seus cabelos e olhos negros são maravilhosos! A bôca vermelha parece uma cereja apetitosa. Como está orgulhosa! Olha para os outros como se fôssem inferiores. Mas... quem acaba de chegar? Será possível o que eu estou vendo? Não estarei sonhando? Não. E' verdade. E' êle quem acaba de chegar e dirige-se para mim... Vem tirar-me para dançar... "Senhorita, quer dar-me o prazer?"

Dançando parecia estar num outro mundo. Num mundo de ilusão, de sonho. Quisera que a música nunca terminasse para que eu pudesse estar sempre envolvida pelos braços dêle. Começamos a conversar. Como eu imaginava êle não falava futilidades; sua conversa era profunda, demonstrando a imensa cultura que possuía. Admira a música, gosta do bailado e adora a ópera. Conhece-as quase tôdas; tem os retratos dos principais intérpretes devidamente autografados. Quase não me deixava falar. Aquêle rapaz sério, que passava todos os dias pela minha janela havia como que sofrido uma modificação. Era agora alegre, conversador, simpático e agradável. Eu que tanto desejara conhecê-lo, agora temia que isto houvesse acontecido. Como poderia esconder o imenso amor que sentia por êle?...

Saímos para tomar alguma coisa. Dirigimo-nos depois para o terraço. A noite estava maravilhosa. O céu estava repleto de estrêlas que piscavam alegremente para mim, como se compreendessem a imensa felicidade que eu sentia só êle não entendia que meus olhos brilhavam e meus lábios tremiam porque eu estava fremindo de amor, de amor por êle, meu adorado. Contemplávamos maravilhados a noite que se perdia dentro da escuridão quando começou a falar. Disse-me: — "Não sei porque, mas desde o primeiro instante senti uma confiança ilimitada por você. E' a primeira pessoa a quem eu confio tudo o que se passou em minha vida e se passa em minh'alma.

"Com a idade de quatro anos perdi minha mãe. Quase não a conheci, mas meu pai, que a adorava, fêz com que eu também a adorasse. Eu ergui um altar para minha mãe e era para ela que eu contava à noite, tudo o que se havia passava durante o dia. As minhas decepções foi ela a primeira saber. Nem por isso deixei de ser amigo de meu pai; pelo contrário, éramos ótimos camaradas, mas êle era jovem, inteligente e bondoso e era justo que quisesse desfrutar dos prazeres da vida. Um ano depois que minha mãe morreu, meu pai casou-se novamente. Minha madrasta era uma mulher que o que tinha de bonita, tinha de orgulhosa.

Talvez, ou por não poder ter filhos, ou por que eu era o centro das atenções de meu pai, ela não me suportava. Eu era criança, mas uma criança que sofria. Quando chegava do colégio não ia correndo como as outras crianças atirar-me aos braços de nossa mãe; eu chegava e ia diretamente para o meu quarto. Quando não havia empregada êle ficava desarrumado numa desordem incrível. Meu pai, coitado, a princípio reclamou, mas ela lhe respondeu que não era nenhuma criada e, portanto, que pouco se importava com aquilo.

Desde cedo procurei estudar e ler, pois só assim conseguia esquecer o que acontecia em meu lar. Estranho, porque escrevi "meu lar"? Talvez porque fôsse a imensa vontade de ter um lar feliz em que aos primeiros sinais da aurora um galo cantasse; quando amanhecesse completamente o "louro" pediria café e os passarinhos conformados com a gaiola, cantariam. Não sei se de alegria ou de tristeza, mas cantariam, mostrando a voz maviosa que possuem. Mas como minha casa era diferente! Eu saia às oito horas e tudo era silêncio. Se algum objeto meu caia eu próprio me assustava.

Uma vez, por curiosidade, perguntei à empregada a que horas minham adrasta costumava acordar, ao que ela me respondeu: entre 10 e 11 horas. Quando ela acorda toca a campainha e eu vou ajudá-la a se levantar; depois levo-lhe café e se por infelicidade esqueço de colocar uma rosa na bandeja, ouço reclamações durante o resto do dia.

Meu almôço era sempre triste, pois o fazia sòzinho. Ficava, às vêzes, olhando para os pratos e imaginava mil e uma histórias. Lembro-me de uma delas: Era uma vez uma menina que era muito bonita. Todos gostavam dela, pois além de linda, era bondosa. Não havia pobre que por ela passasse sem levar uma moeda; ela distribuia alegria para quem sofria; felicidade para quem era infeliz.

Esta menina crescia e cada dia linda se tornava. Com a idade de 15 anos ela se apaixonou por um rapaz elegante, forte e bonito, como ela havia sonhado! Mas o príncipe encantado não era o príncipe do século XVIII mas o rapaz do século XX e assim sendo, êle não compreendeu aquela menina romântica que o amava com tôdas as fôrças de seu coração. Depois de alguns meses êle se cansou dela e foi à procura de outra aventura. Mas como sofreu esta menina! Seus olhos estavam sempre cheios de lágrimas e ela foi emagrecendo, emagrecendo... até que um dia pela cidade passou um cortejo acompanhado de inúmeras pessoas, quase tôda a população. Êste cortejo dirigia-se para o cemitério. Iam enterrar a menina romântica que havia amado loucamente, apaixonadamente aquêle rapaz do século XX e que morreu porque êle nunca mais voltou.

E no silêncio de uma casa eu fui crescendo.

Felicidade! Que seria felicidade? Parecia-me um perfume distante.

E os anos foram passando... Tenho hoje 23 anos e estou no último ano de Medicina. E' uma pena ter de terminar meus estudos universitários, mas não tem importância, pois meu único sonho está para se realizar — ser médico."

Já contei a você tôda a minha vida, agora é a sua vez, pode começar.

— De minha vida quase nada tenho a dizer; é bem contrária à sua. Vivi dentro de um lar em que a harmonia

(Cont. na pág. 48)

SEMANA em REVISTA



— Minha filha tem inúmeros pretendentes, mas passam-se os anos e ela não se decide!
— Ela é do PSD?!



— A Câmara Municipal quer indenizar o prejuízo dos artistas no incêndio do Teatro Carlos Gomes.
— E' natural a solidariedade com os colegas. Êles também são gente de circo...



— Não adianta tomar fortalezas. A guerra ao bicho não é uma guerra de posição; tem que ser uma guerra motorizada e de movimento...

— Há quem não goste do lenço branco, chamando o partido de **resfriado**...
— Eu também acho que o símbolo devia ser uma vassoura e uma lata de creolina...

— A senhora acha que com tantos desastres êle possa ter lucros com uma emprêsa de ônibus?!
— Tem, porque êle também explora uma emprêsa funerária!...



O escritor Mário Cordeiro, em seu gabinete de trabalho, quando concedia a entrevista ao repórter. O autor de "No Reino da Bicholândia" já foi menino um dia. Naturalmente que há muitos e muitos anos. Por isso êle sabe sentir para escrever bonitas histórias para a gurizada. Contou-nos êle a história da S.A.C.I. "O objetivo desta, disse, é incentivar a cultura na criança brasileira de hoje"

A CRIANÇA É PAI DO HOMEM

O escritor Mário Cordeiro, como Monteiro Lobato, é um dos mestres da literatura infantil ★ De panfletário temível ao mais cândido dos nossos criadores de entretenimentos para a petizada brasileira ★ Escreveu histórias alegres e doces para que haja menos gente amarga!

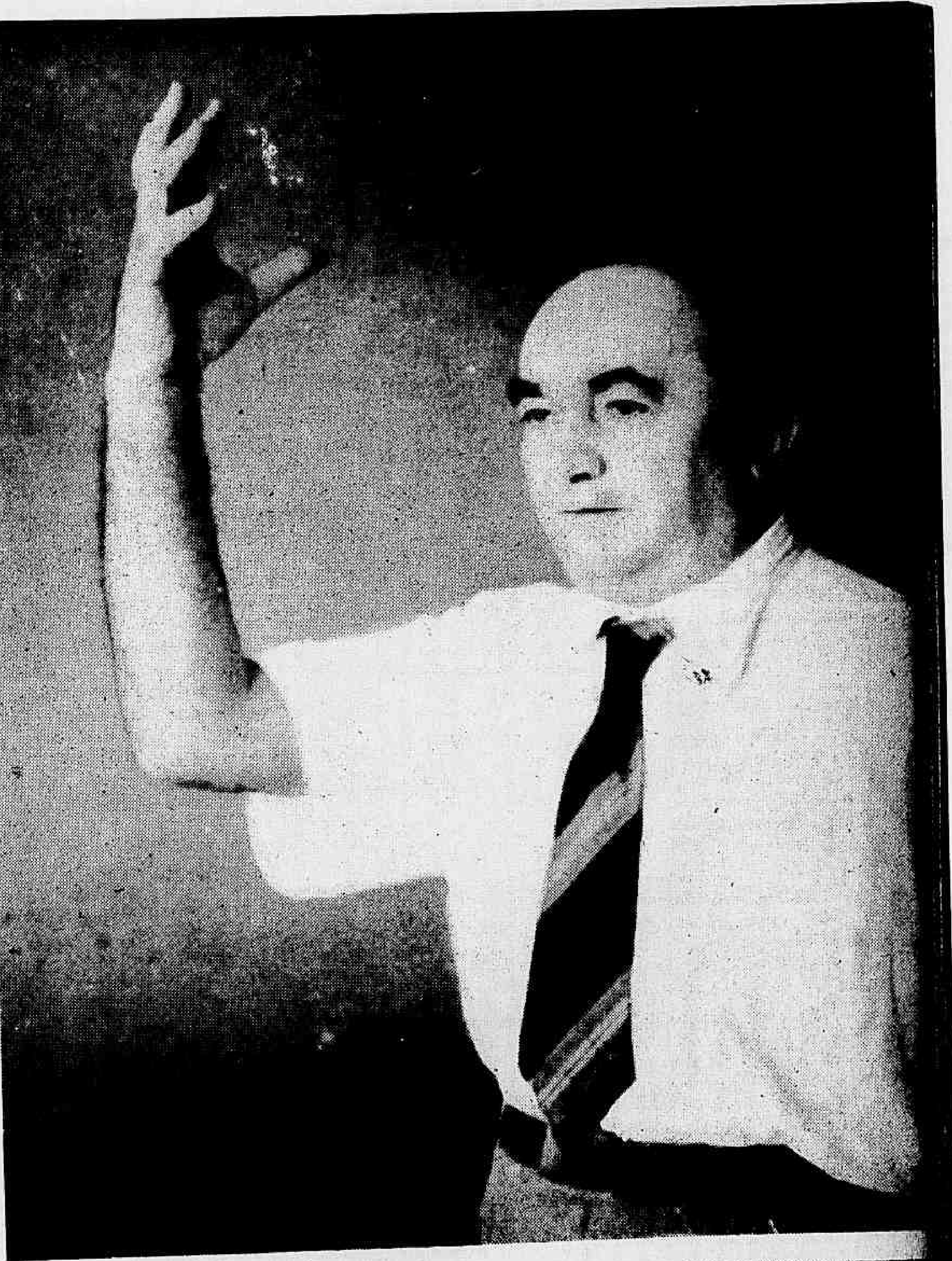
Reportagem de ARMANDO PACHECO

MONTEIRO LOBATO e Mário Cordeiro, dois mestres, dois ases da sátira, da ironia, da blague, finalmente, dois cépticos, são, justamente, os nossos melhores, felizes e fecundos escritores para crianças. Como o criador de Emília e Narizinho, Mário Cordeiro firmou sua reputação de autor infantil e seus livros alcançam edições que se sucedem como meteoros. Evidentemente não há na obra de ambos paralelos quanto ao fundo, porque em Mário Cordeiro o sentido que êle procura influir no espírito de seus pequeninos leitores não é nem um instante o iconoclasta que todos nós fãs de Lobato honestamente reconhecemos em seus trabalhos. Quer escrevendo para meninos ou barbados, M. L., ao contrário de M. C., embora distraindo e encantando com suas histórias, destila suavemente veneno. Por isso, certo escritor, orientalista fracassado e despeitado, proclamou de uma feita que a obra de Lobato era amoral ou amoralíssima, procurando subrepticiamente atirar inquisidores contra o pai do Visconde de Sabugosa, êle, o fulano, que para impingir "catataus" precisa custear suas edições sob disfarces de editor privado... Quando dissemos linhas acima que havia diferença entre Monteiro Lobato e Mário Cordeiro quisemos acentuar que o segundo escreve para a infância pondo fora do livro todo e qualquer laivo de descrença no gênero humano. Foi por descrer dos homens que Mário Cordeiro preferiu se dedicar (há um bocado de anos) a uma construtiva e instrutiva literatura infantil. Todavia jamais derramou em suas páginas aquêle cepticismo que conhecemos, aquêle terrível corrosivo do velho panfletário ainda não aposentado e volta e meia batendo-se em duelos ou enfrentando tribunais por crime de imprensa. É êsse Mário Cordeiro mata-mouros com alma de Dartagnan, Tartarin, Don Quixote e Sancho Pança, que passou a vida lutando contra tudo quanto era opressão e contra todos os opressores, foliculário violento, pasquineiro temível, que hoje escreve com espírito e alma em lago azul para a petizada do Brasil. Em Lobato às vêzes o ateu, increu se traía àlgidamente fôsse num conto, numa adaptação da história da terra e da humanidade. Êle não acreditava em nada e pouco se importava com os resultados negativos de um epicurismo um tanto-quanto bitolado dentro da realidade brasileira. Mário Cordeiro que sofreu muito mais e que lutou com mil e tantos obstáculos vedou às crianças o ingresso prematuro no butantã da vida. Cordeiro permanece fiel às suas lembranças de que já foi menino um dia, e como naquele tempo só gostasse de histórias bonitas e humanas, distribui agora, na idade provecta, "livros, livros a mancheias", e manda a gurisada brincar ao invés de pensar em coisas tristes, pois de tristezas está cheia a vida. Mário é um céptico sem dúvida alguma. Mas para que existam menos homens como êle, seus livros são de fato escritos para que a criança não perca sua personalidade nem mate suas ilusões de criança.

A CRIANÇA E' PAI DO HOMEM

Não é de Machado de Assis êsse aforismo, e sim indu ou indiano, velho como o mundo. Concordando com a sabedoria do Oriente consubstanciada em séculos de civilização, Mário Cordeiro produz obras infantis infundindo na mentalidade dos homens de amanhã as melhores coisas concebíveis neste mundo louco e ingrato. Num país onde pululam germes de criminosa e pseuda-literatura infantil destinada a fabricar monstros, a incentivar a prática de tudo aquilo que não desejamos para os nossos semelhantes, chega a ser verdadeira temeridade a sistemática teimosia de escritores publicarem trabalhos não só dignos da gurisada como também capazes de torná-los criaturas decentes e de grande sentimento moral e cristão. Se as estatísticas dizem ser esta a terra da maior percentagem de analfabetos, isto no campo da educação, se por outro lado, na parte de saúde pública afirmam ser também monstruosa a cifra de incapazes ou incapacitados fisicamente, por que então aumentar nossos males, nossas misérias, nossas desgraças e infelicidades permitindo o fomento dessas malditas histórias em quadrinhos que fazem das crianças bandidos e dos editôres nababos e novos-ricos sem consciência, sem entranhas? Por que permitir a proliferação dessas publicações sem outro objetivo a não ser caçar níqueis para o enriquecimento galopante dos aproveitadores da ingenuidade alheia? Opondo uma literatura que educa, diverte e instrui a uma onda de deletérias aventuras em quadrinhos, o escritor Mário Cordeiro realizou bela e oportuna exposição do livro destinado aos guris, na A.B.I. Êle que já foi jornalista de combate, que já foi anarquista um dia, que já se desencantou com os homens maus que fazem a vida péssima, tem sido um batalhador desde que resolveu integrar-se no mundo dos pequeninos leitores. Daí para cá não cessou mais de contar histórias. Histórias que não causam insônia, não provocam calafrios nem geram pesadelos, histórias que não despertam sentimentos possivelmente subalternos, atávicos ou não, que não fazem explodir complexos, enfim, que não tornam as crianças covardes, assustadiças, nervosas medrosas e tristes. Não são dessas histórias de "gangsters" com revólveres e metralhadoras tipo filmes de mocinhos do

Mário Cordeiro em atitude de "meetingueiro", mas não se trata disso. Êle está apenas ilustrando uma cena de uma conferência sôbre literatura infantil, a sua preocupação atual



vidosos o de que necessitam os garotos do Brasil. De trabalhos que Mário Cordeiro com outros abnegados vêm publicando devem as autoridades competentes comprar aos milhares para distribuição nos lares e nas escolas. Essa pequena amostra da verdadeira literatura infantil organizada pela SACI, Sociedade dos Amigos da Cultura Infantil, outra idéia vitoriosa e, graças a Deus, em marcha, de Mário Cordeiro, vale bem um século de lutas para dar às crianças de nossa terra um pouco de livros que elas possam manusear. Lá está Monteiro Lobato, Belmonte, um punhado glorioso de heróis que criaram "heróis". Só mesmo o idealismo, a tenacidade de Mário Cordeiro, um velho jornalista cansado de guerra contra os maus elementos dêste país, panfletário como êle se afirma em disponibilidade, agora de corpo e alma devotado a seu público mirim, poderia conceber e realizar essa festa para o espírito de quem é pai e que já foi também criança, a maravilhosa exposição de livros na A.B.I. Justamente quem já foi criança e que é pai só poderá desejar aos filhos uma literatura como a que êle escreve e expõe.

COM A PALAVRA O FESTEJADO AUTOR

Quisemos saber de M. C. quais os objetivos dessa mostra de arte. Êle contou a história de uns velhos planos que sempre o perseguiram e exibiu uma série preciosa de adesões de autores do primeiro time apoiando sua obra, declarando-se plenamente satisfeito com as inequívocas demonstrações de carinho, estímulo e compreensão de muita gente boa. O sucesso tem sido tão grande, tem acorrido tanta gente ao 9.º andar da Casa do Jornalista que até parece o govêrno também aderir desta vez, envergonhado com suas omissões e ausências.

Em seguida o escritor Mário Cordeiro, que é, sem favor, um dos maiores produtores brasileiros de literatura para criança, passou a falar sôbre a "Sociedade Amigos da Cultura Infantil", organização fundada por um grupo de escritores e artistas e por êle dirigida.

— O objetivo da S.A.C.I. — principiou o autor de "No Reino da Bicholândia" — é incentivar a cultura na criança brasileira. Nasceu em consequência das várias tentativas que se vêm fazendo entre nós em favor do soerguimento cultural da infância. Hoje em dia há um amplo movimento para beneficiar o desenvolvimento físico da criança. Mas isto não basta. Ao lado da robustez, do aumento do pêso, da eliminação das carências, do enregicimento muscular, enfim, é necessário que a criança tenha o espírito assistido por boas leituras, teatro adequado, revistas e até cinema especializado.

CINEMA E RÁDIO PARA CRIANÇA

— Poderá parecer um pensamento arrojado — prosseguiu Mário Cordeiro — mas penso que dia há de vir em que nossas crianças poderão assistir ao seu próprio cinema, com personagens e motivos compreensíveis. E' verdade que a S.A.C.I., pelo menos por enquanto, não poderá programar filmes, mas consta de seus propósitos tôda uma série de iniciativas dêsse gênero. Quanto à radiodifusão, esperamos mais tarde organizar irradiações exclusivamente de caráter infantil, sem lançar mão dêsse recurso tão pouco recomendável, tal o que obriga as crianças a comparecerem aos auditórios, para cantar prodígios dessa ou daquela farinha, dêsse ou daquele xarope milagroso. Em troca de uma precária e discutível distração, têm-se cobrado um tributo muito alto, com resultado negativo, pois êsse sistema de propaganda resulta na formação de verdadeiras gerações de camelôs. A S.A.C.I. lutará para que se dê menos anúncio e mais arte aos pequenos ouvintes.

AVENTUREIROS E ABNEGADOS

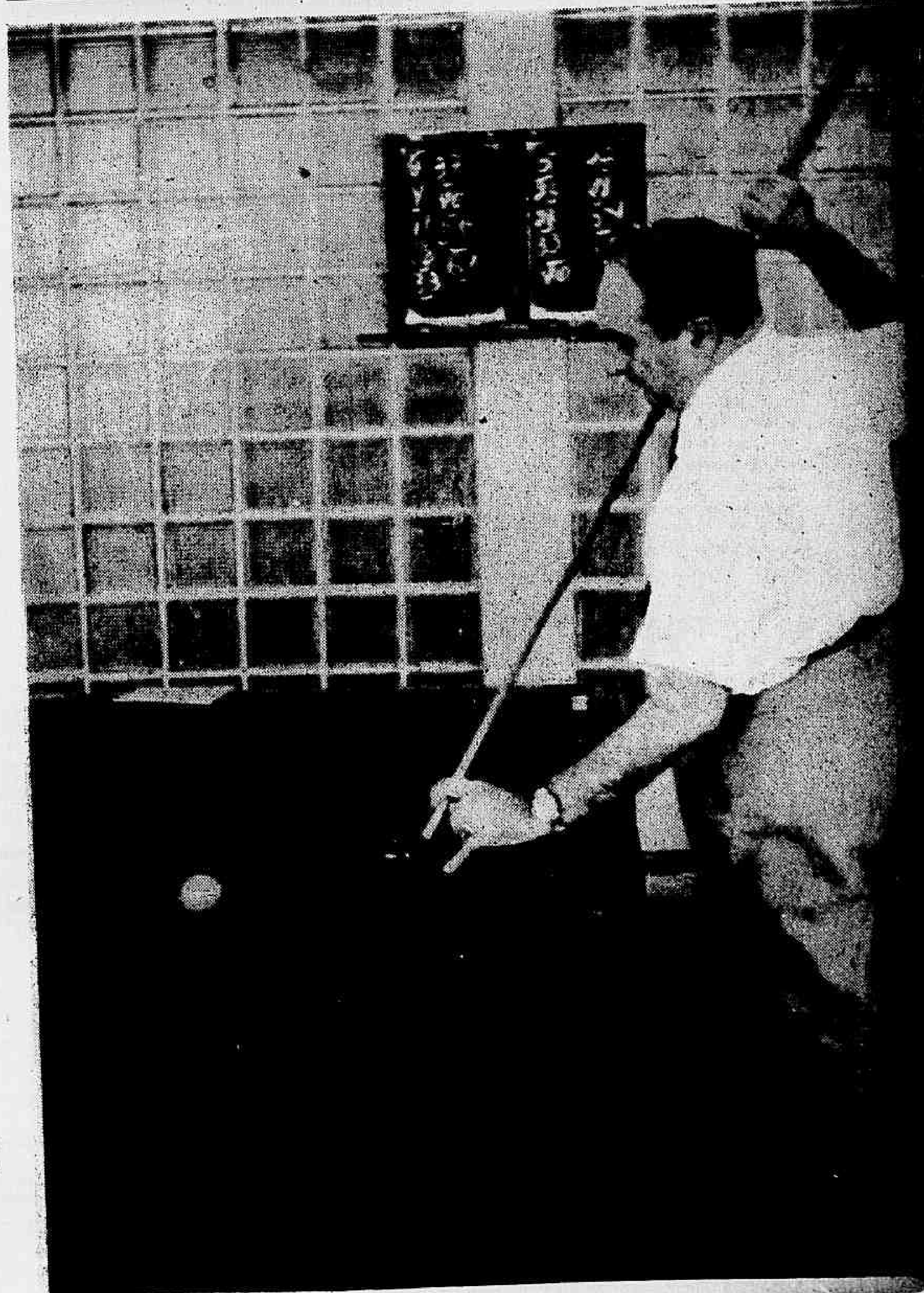
— Por êsse e outros motivos — acentuou Mário Cordeiro — é que lemos a todo momento crítica aos responsáveis pela cultura infantil. E essa crítica não termina no rádio ou na revista: estende-se ao terreno particular da literatura em forma de livro. Inda há pouco tivemos oportunidade de ler dois bons cronistas castigando severamente certos produtores de livros infantis. Em parte, tinham razão quando alegavam que há aventureiros explorando o filão iniciado por Monteiro Lobato. Diziam que o gênero foi largado à sorte, abandonado pelos escritores autênticos. Pouco a pouco — frisava um dêles — a literatura infantil foi-se tornando como que fundo de quintal, sujeito às incursões de tudo quando é malandro. Lamentamos apenas que o cronista não tenha feito crítica mais construtiva, queremos dizer, denunciando nominalmente os aventureiros que andam a pular cêrca de terreno alheio. Foram citados tão sòmente alguns dos raros e bons escritores de obras infantis, os maus, porém, não foram revelados, talvez porque seria interminável a lista. Diz êle ainda que hoje em dia os Brucutus, os Dick Tracy e outros gênios da ficção americana dominam o mundo das crianças. Não é verdade. O que há — e isso deve ser dito sempre — é a inescrupulosa exploração de meia dúzia de editôres que adquirem, por preço irrisório, tôda essa baboseira mistificadora. Compram o pior porque é mais barato. Felizmente, ao lado dêsses aventureiros, ou melhor, lutando contra êles, há um grupo de abnegados homens responsáveis, escritores, jornalistas, artistas honestos em suma que se batem pela verdadeira obra sadia, edificadora, nada poupando no sentido da moralização, procurando, finalmente, impedir o contrabando no campo da literatura infantil. Basta citar dois ou três, como Lúcia Miguel Pereira, Vicente Guimarães ou Malba Tahan, que ora dirige um curso de literatura infantil no Instituto de Educação. O que há ainda — e isto merece crítica severa — é falta de escrúpulo no julgamento das obras, haja visto o critério de nossos concursos onde não raro são premiados livros que não estão à altura de serem entregues aos pequenos leitores. Autores medíocres são premiados, enquanto os legítimos produtores são afastados, ficam no obscurantismo, com seus livros debaixo da poeira das livrarias, sem nenhuma publicidade. Ora, sabemos que entre nós o que ainda vale e pesa na saída dos livros é a propaganda, e quando esta vem em caráter oficial, difícil é provar que o macaco não é elefante...

NEM SÓ DE LITERATURA VIVE O HOMEM

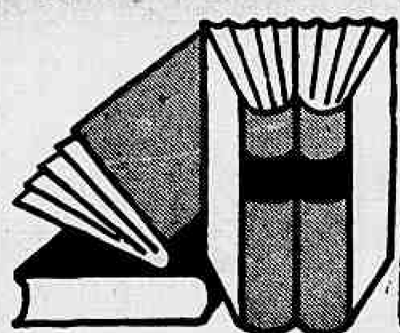
— A S.A.C.I. pretende — insiste o autor de "Um grão de café passeia pelo mundo" — congregar em tôrno de seu programa o maior número de quantos queiram trabalhar em benefício da infância. Queremos artistas, escritores, músicos, ilustradores, criadores, enfim. Claro que não relegaremos a colaboração de homens da indústria, do comércio ou da lavoura, de progressistas que de fato queiram cooperar na objetivação dêsse ideal. Nem só de literatura e arte vive o homem, assim como nem só de ouro se encanta a vida. Posso adiantar, terminando, que a S.A.C.I., não obstante seu pouco tempo de vida, já conta com apreciável número de colaboradores, são nomes conhecidos e admirados pelas crianças e pelos adultos brasileiros.

Queríamos que Mário Cordeiro dissesse qualquer coisa sôbre seu último livro, a história de "João-de-Barro", primeiro lançamento da S.A.C.I. O autor de "No Reino da Bicholândia", porém, sempre bem humorado, fazendo ironia e sátira à margem das suas declarações, desconversou, deixando apenas no ouvido do repórter a seguinte desconcertante pergunta:

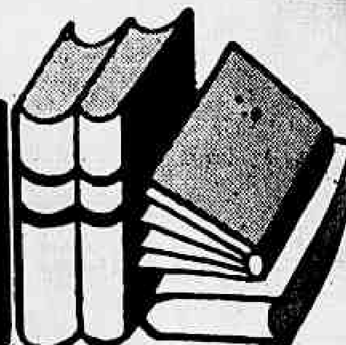
— Já viu coruja não elogiar o filho?



O esporte favorito, aliás o único do prestigiado autor, é o bilhar. Ei-lo aqui, tentando uma "descida" em vertical. No último caso pode acertar, mas também pode rasgar o pano



SEMANA LITERARIA



O POETA DO OUTONO

POR êste lânguido mês de maio, recordamos o nome e os versos de Mário Pederneiras. É, talvez, da sugestão dêste outono carícioso e leve a lembrança do poeta do outono.

Sim: poeta do outono. Entre os muitos títulos que lhe caberiam, a Mário Pederneiras, seria êste, por certo, o mais grato... O outono foi o tom e a côr da sua vida e da sua poesia — e foi "Outono" que êle chamou ao seu último livro, os poemas em que o outono é um "leit-motiv", a música dos versos, a doçura envolvente aos pensamentos e das imagens:

"Meu livro é um jardim na doçura do Outono
E que a sombra amacia
De carinho e de afago
Da luz serena do final do dia:

E' um velho jardim dolente e triste
Com um velho local de silêncio e de sono
Mas onde ainda existe
O orgulho de um Cisne
E a água triste de um lago."

Êsse é o diapasão de sua poesia — o tom suave e esbatido, a meia-luz outonal de uma doce e comunicativa simplicidade.

Mário Pederneiras foi bem o "poeta do outono". Mas não porque o outono, o crepúsculo, a melancolia de tons roxos fôssem os cacoetes simbolistas. Mária era de fato um poeta de feitio doce e melancólico, amando com ternura as formas suaves da vida e da natureza: as árvores, os silêncios, o lar, a família. Era um puro e era um simples — com ser um grande e sensível poeta. Seu último livro é "Outono". De todos é o melhor, aquêle em que sua poesia atingiu mais alta expressão e sentimento mais profundo. Dir-se-ia que o poeta encontrara ali, afinal, o seu clima. Mário Pederneiras mergulhara totalmente naquela atmosfera que lhe era simpática e em que se quedava como submerso no próprio elemento de sua poesia, essa paisagem de outono:

"Outono!
Qualquer coisa lilás,
Shumann em violino,
Angelus tangido em lentidões de sino
Preguiçoso torpor de um fim de sono,
Espêlho de água quieta dos canais!"

E outra vez:

É o outono que chega! Ouço-lhe o ritmo lento
No rumor de desgalho
E no humano lamento
Da aragem;
Vejo-o calmo e grisalho
Na doçura da luz que amacia a paisagem."

E ainda:

"O Outono é suave, é dolente, é macio,
Mas o Outono é também uma grande saudade."

Foi talvez da sugestão macia dêste outono a lembrança da poesia doce e reflexiva de Mário Pederneiras, em cujo verso, lento e suave, ouvimos — "a funérea da Fôlha Morta"...

Mário Pederneiras foi um de nossos grandes simbolistas. Mas sua presença em nossa história literária não se marca apenas pela beleza de seus versos. A Mário Pederneiras deveu a geração nova do simbolismo aquêle grande movimento animado por "Fon-Fon", a revista que, sob a direção de Mário e Gonzaga Duque, reuniu a fina flor da inteligência brasileira, onde apareceram todos os valores da chamada "igrejinha simbolista do "Fon-Fon" — Alvaro Moreyra, Eduardo Guimaraens, Lima Campos, Felipe d'Oliveira, outros ainda. O movimento de renovação literária da geração fim-de-século, um dos mais significativos de nossa história literária, teve em Mário Pederneiras sua figura líder. E, com êle, o "Fon-Fon" era a principal revista de literatura do Brasil. Nascido no Rio, Mário Pederneiras foi também o mais carioca de nossos grandes poetas. Outros cantaram a cidade, os jardins, as praias do Rio. Mário é, porém, "o cantor da cidade", como dêle disse Rodrigo Otávio Filho. Outros cantaram o Rio — Mário interpretou o Rio.

Filho desta terra, ninguém como êle, que a amou filialmente, compreendeu e interpretou suas sugestões de beleza, sua vida, a graça da paisagem carioca. Não se perdeu no mundanismo, vendo a cidade nos seus aspectos superficiais, nem no seu grandioso materialismo. Mário Pederneiras sentiu e cantou o Rio na linha e na côr de seus panoramas, na confidência de suas árvores e de seus pássaros, no encanto de sua luz, no verde de seus jardins, no sol de suas manhãs claras, nos tons suaves de suas tardes, no azul enluarado de suas noites cariciosas. O Rio — embora a evolução da cidade — espraiando-se pelos horizontes, subindo pelas encostas, erguendo-se em arranha-céus — está sempre na poesia de Mário Pederneiras, com o seu sentimento e o seu caráter, a sua linha e a sua côr.

Há um poema seu, sôbre o velho jardim fechado do Passeio Público, uma das páginas mais saborosamente cariocas de sua obra:

"Aqui dentro, parece,
Vive um pouco da minha mocidade.
E alguma coisa
Da vida primitiva e ingênua da cidade."

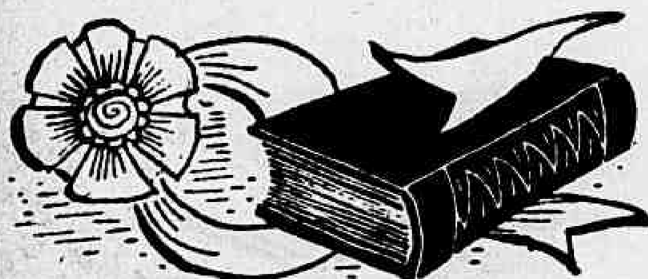
Pena não podermos transcrever aqui tôda essa linda aquarela do velho Rio. Êsse aspecto urbano da poesia de Mário Pederneiras, aliás, era um dos mais fortes e originais e uma das contribuições mais modernas de seu lirismo. Entretanto, não havia nisso um cálculo, uma atitude. O valor novo que êle trazia à nossa arte poética era uma simples e natural expressão de sua ternura — levando-o a cantar a terra natal, a paisagem familiar, refletida suavemente na sua alma:

"Com que encanto feliz o olhar repousa, [ufano,
Na sêda azul do teu amado Céu.
E, deslumbrado,
Em todo o curso, atento, o ouvido escuta,
A canção vegetal da Cigarra e dos Ramos."

Outro aspecto simpático e original da poesia de Mário Pederneiras é o seu gôsto das coisas simples e humildes da existência. Êle foi um cantor inexcedível da vida doméstica, do encanto dos filhos, das graças e galas do lar, que lhe foi sempre — o doce lar daquele soneto seu:

"Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que a mim me basta, Flor, o que aqui tenho,
Árvores, filhos, teu amor e o mar."

Em "Histórias do meu casal", que êle dedicou com infinita ternura à doce companheira, Mário Pederneiras fêz o diário lírico de sua casa. E nesses versos, nessas íntimas confissões, vemo-lo ainda de mais perto — o grande poeta que foi um simples e um bom. A obra poética de Mário Pederneiras está exigindo uma reedição.



GALERIA DE CELEBRIDADES



A iconografia de Emile Zola é das mais abundantes. Aqui está êste magnífico retrato do mestre naturalista, feito por Manet, na época do apogeu do romancista.

EDMUNDO LYS

OS AMÔRES DE MERIMÉE

CHAMAVA-SE Prosper Merimée e era uma simpática figura masculina, como consta no seu retrato desenhado por Deveria. Romancista, seu nome ficou imortalizado pela novela que Bizet musicou "Carmem", a lancinante história dos amôres de uma cigana, parece que a fundadora do gênero "femme fatale" em literatura.

Os biógrafos de Merimée acusam-no de frio e sêco de coração lembrando o insucesso de seu romance com George Sand. Talvez tenha sido êle apenas um equilibrado e um sóbrio de sentimentos, numa época de descabelado sentimentalismo, em plena idade romântica, situado entre Musset e Chopin, depois de Chateaubriand e sob Napoleão III. Quanto à sua história com Sand por certo o desastre se originou em uma incompatibilidade literária. Na verdade, Merimée nos parece mais um namorador meio afetivo e meio crítico, cujo donjuanismo se misturava de observação literária. Foi talvez um apaixonado do belo sexo a que a inteligência aguda evitou exageros.

Sabe-se que teve muitos romances. Além dos livros, adorava os salões, as festas campestres, as boas palestras, sobretudo com as senhoras. E era, num tempo que conhecera os dois grandes fascinadores chamados Goethe e René, um cavalheiro muito apreciado no meio literário e no mundo feminino.

Aquela fina e encantadora imperatriz Eugênia distinguiu-o com sua amizade. A celebérrima Récamier fêz dêle um de seus protegidos. Suas admiradoras são inumeráveis, então. E, por causa de uma delas, tem que se bater em duelo. E não é só. Merimée tinha o primeiro lugar nos salões das princesas de Lieven e Belgiojoso, da duquesa de Broglie e da marquesa de Castellane. "Leão" da côrte, exerce aí seu donjuanismo espiritual. Uma "Inconnue" ocupa grande lugar em sua vida. Corresponde-se calorosamente com Fanny Lagden e com a duquesa de Castiglione-Collonna, além de outras. E' mais fecundo correspondente do que romancista escreve mais para as mulheres do que para os editôres. E seu arquivo de cartas femininas é talvez mais copioso do que o daquele patife de sorte que foi Casanova.

No fim da vida, o "sêco" Merimée inspira ainda uma paixão. E essa paixão, à mais encarniçada de suas inimigas da mocidade, madame de Beaulaincourt! Cultiva com carinho e flores êsse afeto crepuscular com a duas vêzes viúva, filha do marechal de Castellane. Êle tinha mais de sessenta anos. Ela, perto de cinquenta. Trata-se de uma "intimidade espiritual" — na feliz expressão da formosa Madame Récamier. Já então o romancista, enfêrmo, passa os invernos em Cânes. Êle lhe escreve sempre, legando à posteridade oitenta e quatro cartas, que representam um invulgar depoi-

mento literário da época. E não apenas literário. As cartas de amor que o ocaso dêsse "Don Juan" inspirava à ex-inimiga conquistada, e então mais do que amiga — são uma página histórica em que se fixou a derrocada do Império. Aliás, Merimée morreu alguns dias depois da queda de Napoleão III, deixando à sua última apaixonada o consôlo das flores de papel, a cuja fabricação se dedicou, na velhice enternecida, aquela gentil e talentosa madame de Beaulaincourt.

HOMENAGEM A CLAUDEL E BERNANOS



Claudel

QUANDO há pouco, em Paris, numa tarde, na acolhedora e linda casa de Roberto Assunção, conversamos com Jean Louis Barrault a propósito de sua temporada no Brasil o criador de «Hamlet» traduzido por Gide, nos informou de que, entre outras coisas que pretende realizar no Rio, fora do palco, incluem-se dois atos de homenagem: um a Bernanos e outro a Claudel. Motivo: a inteligência com que os dois escritores serviram à aproximação franco-brasileira. Disse Barrault:

— Foi devido ao que escreveram e disseram do Brasil, Bernanos e Claudel que me interessei pelo seu país. Assim é justo que, lá, realize uma homenagem a êsses dois altos espíritos da França que tanto souberam amar o Brasil.

Claudel é um dos autores do repertório de Barrault.

TELEFONIA

(Um soneto lapidar do grande poeta argentino, Enrique Larreta, dedicado ao telefone)

Unos mágicos números y luego la delicia
de una voz en la mano, como una flor [cortada
Y esa voz, al instante, recoge la confiada
tentación de las sombras y es mistério y [caricia

con máscaras obscuras. Embrujada malicia
de ese negro artilugio que junta en la [callada
noche sueños distantes, sobre la misma [almohada,
y los hace viajar en gondola ficticia.

Amor, en vario amor, se salva o se condena
en tu mundo espectral, zumbadora colmena.
En tu mundo espectral, lo que ofende tu [enjambre

se hace más importuno. En cambio, se diría
que tu alado rumor, lo alado, todavía,
tórnalo más sutil; abejas de tu alambre.

MINHA RUA DE MINAS

Foi da última vez que estive em Juiz de Fora que ouvi falar neste livro de Oranice Franco. Não me lembro se foi Gilberto de Alencar ou Almir de Oliveira, mas um deles me chamou a atenção para o novo poeta mineiro que vinha de ser editado no Rio. Agora, recebo o poema de Oranice Franco, redator da Rádio Nacional e que tem escrito novelas para o sem-fio.

O poema — estou falando em «poema» de propósito — de Oranice Franco ... um sinal de poesia. Regional? Mas, o que é que tem isso? O regional em poesia não é uma limitação, como na prosa. E' um tema, tão bom como qualquer outro, desde que o poeta saiba dilatar a sua «região» pelo lirismo, pela sua personalidade universal. Para que citar Mistral — êsse Mistral que reduziu o mundo à sua Porvença e que, por isso mesmo, é tão universal, fala tão bem a todos os povos do mundo? Para que citar Longfellow que contou para tôdas as latitudes a história da doce Evangelina?

E' verdade que depois daquele furor regionalista do nosso modernismo, ficou sendo moda torcer o nariz às paisagens natais. Tivemos delírios verde-amarelos, pau-brasílicos, paulistanos, recifenses. Meu amigo Austen Amaro dedicou um poema lírico a Juiz de Fora. Manuel Bandeira cantou o Capiberibe e Mário de Andrade fêz a «Paulicéia Desvairada». Era no tempo da «Klaxon», que escapou de chamar-se «Businas»; por certo a nova geração, já preparada pela dos modernos que repudiavam o regional — refugou todo o assunto brasileiro, com medo de cair no particular, de ser «modernista» ainda e não apenas moderna.

Mas, longa vai essa conversa sôbre regionalismo. Voltemos a «Minha Rua de Minas». Oranice Franco é um estreante que ainda não se complicou nesse aranhol de forma e substância da poesia. A êle podemos dar o título de poeta natural. Sua contribuição, pois, é assim, das mais preciosas, pois sua poesia ganha nessa inocência, nessa espontaneidade, nesse desarmamento com que se apresenta. Êle não foi fazer exercício de artinha métrica, nem compareceu com os quase inevitáveis sonetos e, por aí, marcou sua superação técnica. Entrou na rítmica moderna sem preocupações outras. Não quis nem ser transcendente, nem complicado. Sua poesia é assim natural e comunicativa, com emoção e número.

Falamos de propósito em poema. O que, realmente, neste livro, nos apresenta o poeta é o primeiro poema da brochura (Editora A Noite) o mais extenso e que dá título à coletânea. Os outros são complementares — e nos fornecem outras fisionomias dêste lírico tão próximo e cotidiano e que foge à vulgaridade pelo dom de dizer com poesia as coisas simples e correntes dos destinos. No primeiro poema êle nos dá a nota de sua afinação, sem derramar-se na evocação lírica de sua «rua de Minas». Essa rua é apenas um ponto no espaço poético. Em tôrno dela, êle vai criando o mundo emocional que nos leva a percorrer com êle os tópicos líricos — capim, casas, pessoas — fabricados pelo poeta com os seus olhos e o seu coração. Essa «rua de Minas» é a rua do poeta. E pode estar onde quisermos que ela esteja, pois nós a sentimos também nascer de nosso coração:

«Esta rua de Minas
que parte do meu coração...»

Os demais poemas, já o dissemos, servem como têrmo de comparação, para vermos que o poeta não está prêso ao tema da rua, tem muitos caminhos para «ballader» o seu lirismo. Servem também de despedida dêsses motivos iniciais, inclusive o «lirismo namorador». Mas todos apresentam a notação fundamental de Oranice Franco — seu sentimento poético do mundo. E suas sólidas qualidades técnicas, na variedade dos ritmos, na sobriedade de seus vocabulário, na contenção dos arroubos declamatórios.



FÓRA DO PRELO

TREIZE POÈMES

Êste «cahier de poesie» de Flavia da Silveira Lobo, num artístico trabalho tipográfico das Edições Pongetti, nos vem reconciliar com a poesia feminina dêstes últimos tempos. São Poucos poemas, apenas treze e, quando terminamos a leitura dêsses belos versos em francês, resta-nos a saudade dêsse apaixonado lirismo, tão cheio de sensibilidade e de riqueza expressiva, de emoção e de gôsto de amor.

Todos êstes poemas são mais do que sentidos — são sofridos. Sente-se, neles, um tom confessional e forte que nos toca a própria carne. Não é apenas a beleza dos versos, a música das palavras e das rimas, mas o sentimento que neles punge, a vida que neles palpite, como o sangue que se tateia nas artérias, môrno e vibrante — o que vem até nós, como uma presença. E nisso está o maior ... que podemos fazer a «Treize Poèmes»: em geral, o poeta, por mais que se confesse, raramente se aproxima tanto de nós, até ao ponto de nos transmitir a sua própria febre, de nos comunicar suas próprias angústias. Com êste livro, acontece o milagre de parecer não apenas a alma, mas também um corpo. Essa mulher apaixonada, com o seu mistério e as suas angústias, surge destas páginas largas e brancas como envolta numa túnica e vem para nós como de uma noite sonambúlica e nos toma e nos arrebata, fica em nós, envolvenos, dominando-nos, como uma estranha e comovente aparição, falando-nos de amor em voz grave, contando-nos a amargura ou a alegria da vida, mostrando-nos ignoradas paisagens, criaturas de miséria e desalento, longas noites de mêdo e de inquietação... Mas, às vêzes, no seu fascínio, ela nos diz também, com um sorriso, na sua voz mansa, doces e leves palavras de amor, despetalando uma rosa, na claridade azul das manhãs cheias de sol.

«Treize Poèmes» é uma bela e emocionante mensagem de poesia e de amor.

CONTRIBUIÇÃO PARA O MÉTODO CIENTÍFICO DE PROSÓDIA E DE CANTO

O sr. José de Lima Braga, acaba de publicar esta obra cujo título diz bem a que se destina, completando-se, êsse título, pela sua epígrafe: — «Evolução Fonética — A palavra e o canto musical».

Falando com a experiência que me foi dada, na organização e na direção de um curso teórico-prático de rádio-teatro, na Rádio Ministério da Educação — cujos resultados atestam o grande número de vocações que dali saíram para o rádio, o cinema e o teatro — falando com experiência, devo dizer que um livro como êste, fácil e prático, escrito com clareza, em estilo agradável e didàticamente bem orientado — estava nos fazendo muita falta. Até aqui, lutamos com a ausência de um livro menos pretensioso e menos complicado para indicar aos alunos de prosódia e de canto. A bibliografia em língua portuguêsa é paupérrima. E, em geral, temos que recorrer a obras feitas em Portugal — o que tem os seus defeitos para nós, que devemos falar e cantar no Brasil. Há a respeito um belo capítulo no livro sôbre — «língua brasileira».

Estamos certos de que esta tão modestamente apresentada, quanto valiosa de conteúdo, «Contribuição» resultará um grande benefício para quantos se preparam para a carreira do rádio, do teatro e do cinema.

«Contribuição para o Método Científico de Prosódia e de Canto» é uma edição Pongetti.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos o Relatório de 1948 da Casa do Estudante do Brasil, em cujas páginas se espelha a gigantesca obra de assistência e de cultura realizada por essa instituição.

★

O professor Aristóteles de Paula Barros, que ocupa a cátedra de espanhol em educandários do Rio, vem mantendo, na Rádio Ministério da Educação, um útil e difundido «Curso de Espanhol para Principiantes». Temos em mãos o «Roteiro» das aulas pelo rádio dêsse curso que põe a língua espanhola ao alcance do gran de público, no Brasil inteiro, público que, de outra forma, muitas vêzes, não poderia aprender a língua irmã da nossa e tão útil à vida, às relações e ao bom entendimento dos povos das Américas. Acrescente-se ainda, que Aristóteles de Paula Barros, conhecedor profundo da matéria, é um mestre na melhor acepção da palavra e suas aulas se revestem de sentido eminentemente prático, constituindo, também, uma iniciação nas ricas literaturas espanhola e hispano-americana.

JOÃO LUSO

Realizou-se no dia 12 de maio próximo passado, no auditório do 7º andar da Associação Brasileira de Imprensa, uma sessão solene, presidida pelo sr. Herbert Moses, para inaugurar os retratos de vários jornalistas falecidos, na "galeria da saudade" do dito auditório. Entre os homenageados, figurou João Luso, escritor de mérito e um dos antigos colaboradores da REVISTA DA SEMANA. Para relembrar o que foi a vida e as atividades literárias de João Luso, falou o jornalista João Melo, do "Jornal do Comércio", que, em brilhante e significativo discurso, deu por inaugurado o retrato do ilustre jornalista falecido.





VISÃO NOTURNA

DE hábito, mesmo no período de celebrações extraordinárias realizadas êste ano, a Basílica permanece à noite com uma discreta iluminação. Em certas ocasiões, porém, tôda a cúpula, a fachada e as colunatas da praça recebem milhares de lâmpadas que, acesas, proporcionam êsse maravilhoso espetáculo. O flagrante que ilustra esta nota foi obtido na noite de Páscoa, vendo-se milhares de peregrinos empunhando fachos luminosos, simbólicos, da Ressurreição. Quem tiver assistido a êsse deslumbrante panorama, jamais poderá esquecê-lo. Tudo era luz e fulgor, enquanto os fiéis entoavam cânticos sacros. Na antevéspera, sexta-feira santa, realizara-se a tradicional procissão da "Via Crucis" às ruínas do Coliseu, também com interminável acompanhamento luminoso.

FLAGRANTES DE ROMA NO ANO SANTO

De CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA à Europa)



O PROBLEMA DA INFORMAÇÃO

ÊLES chegam a Roma, de outras terras, falando um idioma diferente que os nativos não entendem e embaraçados para obter as primeiras informações. Roma é um mundo. O ponto de referência ali está, ao fundo, a cúpula da Basílica, por onde o peregrino vai orientar-se. Quer adquirir um exemplar do guia que lhe oferecem, mas o dinheiro é pouco e não há roteiro em seu próprio idioma. Tem de aprender o suficiente para que o compreendam. Pouco importa, êle vai entrar na Porta Santa e se deslumbrará com os tesouros cristãos que o esperam lá dentro. Veio com o firme propósito de render seu tributo ao Ano Santo, já que não terá vida bastante para repetir a viagem daqui a outros vinte e cinco anos. Ou será ainda vivo?



GUIAS, ROTEIROS E RETRATOS DO PAPA

JOVENS peregrinos da França e Inglaterra tomam de assalto um dos estabelecimentos de "ricordos" e se abastecem à vontade. Os gorros usados por dois dêles são também vendidos e têm grande procura. Guias de Roma e seus arredores pelos quais o visitante pode orientar-se quando vai percorrer a Via Appia e as Catacumbas de S. Calixto, encontram-se em inúmeros idiomas, só não tendo ainda aparecido em português. Está sendo representada em Roma uma revista de costumes locais, com divertidas "charges" aos peregrinos e aos guias improvisados, muitas vêzes conhecendo menos o histórico das ruínas do Fôro Romano que os próprios visitantes. O tipo mais comum nas ruas da cidade é, atualmente, o peregrino de guia entre as mãos, confrontando o que lê com o que seus olhos abrangem.



UM INDONÊS NA GURDA SUIÇA

UMA das notas de maior colorido na Via della Conciliazione, onde se encontram tipos dos mais remotos e estranhos rincões do mundo, foi a presença de um indonês com seus trajes tradicionais. Vemo-lo no ato cumprimentando os gendarmes da Guarda Suíça do Vaticano, composta de legítimos filhos da república helvética, louros, altos, com as roupas desenhadas por Rafael.



TRAJES MONTANHESES

DA Indonésia, da Bavária, da Holanda, da Áustria, da França, da Bélgica, da Inglaterra, do Ceilão e do Oriente, chegam todos os dias novos grupos de peregrinos. Muitos vêm isolados, por conta própria, outros em comitivas, turmas organizadas na terra de origem — e a confusão dos trajes típicos, das indumentárias diferentes, dos idiomas, dos ritos, tem de prevalecer por fôrça. Na foto acima vemos um grupo de montanheses, do Tirol, da Croácia, das regiões alpinas, com suas roupas regionalistas, após haverem satisfeito os votos de indulgência, passeiam na Praça S. Pedro.

DESCANSO APO'S O DEVER

A maior parte dos romeiros, especialmente os que saíram dos países limítrofes, demandou em direção de Roma a pé mesmo. Viajando em etapas, pousando nas aldeias, nos albergues à margem das estradas, conseguiram chegar até a Cidade Eterna. Uma vez lá, ainda assistiram a tôdas as cerimônias religiosas para poderem usufruir das indulgências, horas e horas em pé, mas acabaram por se esgotar. As cinco mulheres sentadas na escadaria da Basílica não escondem o cansaço que as domina. Uma delas libertou-se da botina de elástico que lhe apertava os dedos não habituados ao calçado.

QUEM
uso
está agora
distintivos
"especiais
mentos e
vitrola em





"RICORDI DI ROMA"

QUEM deixará de levar suas lembranças da memorável visita à Cidade Eterna, para uso próprio ou para oferecer de presente? Grande parte do comércio a varejo está agora especializada na venda de ""ricordi" dos mais variados. Vimos terços, imagens, distintivos e outros de caráter sacro ou profano. Vimos garrafas de licores e vinhos "especiais do Ano Santo", lenços de sêda com imagens sacras estampadas, ou monumentos e ruínas, postais com a gravação da bênção papal, que poderá ser ouvida na vitrola em casa, reproduções em ouro e prata dos símbolos do Ano Santo e tantos outros...

"FAZENDO PROVISÕES"

A primeira preocupação dos jovens escoteiros consiste em trocar o dinheiro que trazem de seus países e fazer cálculos, na conversão da moeda, para avaliar quanto estarão pagando "de verdade" pelos objetos que compram nas imediações da Praça São Pedro e em todo o centro de Roma, onde, na atualidade, há uma verdadeira invasão de vendedores ambulantes e de outros cavalheiros, que se incumbem de trocar qualquer moeda, mas particularmente dólares, por liras. Para entrar em território italiano é permitido levar apenas 30.000 liras, mas para as outras moedas não há limites.





ELA PUBLICOU um anúncio pedindo um corespondente, e recebeu muitas cartas. Respondeu à que mais lhe agradou.



ÊLE SENTIU-SE feliz ao receber a primeira carta. Assim teve início o romance epistolar. Compenetrado, êle responde



QUEM AMA desconfia de tudo. Por isso, depois de haver escrito a carta, ela mesma vai ao correio colocá-la na caixa

FORA DA MODA O CASAMENTO À PRIMEIRA VISTA...



Matrimônios por correspondência como nos tempos medievais ★ Os existencialistas são contra o casamento ★ Quem quer se casar com uma loura, rica, bonita, de 1,70 de altura? ★ Também viuvas alegres e solteiras sem compromisso

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

Fotos de A. VIEIRA

NA China, uma moça que deseja casar-se envia o seu cartão de visita a uma das agências de casamentos locais. Recebendo o nome da candidata, as diretoras da agência escolhem na lista, de rapazes disponíveis e apresentam um deles à moça, através dos dados assinalados no cartão. Aceita por êle a proposta, a agência procura a família da futura noiva, apresentando-lhe o cartão do rapaz. Se a família também concordar, consultam-se os oráculos e, tudo dando certo, celebra-se o casamento.

Há a ressaltar na notícia acima, o que se refere às agências de casamentos; quanto aos oráculos não há novidade, pois os chineses sempre foram supersticiosos.

Nos quatro cantos do mundo já há agências de casamentos, sendo que em alguns países elas existem há seculos.

As sucessivas guerras têm contribuido muito para isso. De um relatório oficial, enviado a Washington pelas au-

cionado. Troco foto. **SONHADORA DO SUL** (2.960) Passo Fundo.

Desejo corresponder-me com rapaz instruido. 28-40 anos, em bôa situação financeira, para futuro compromisso. Troco foto. **MEIGA** (2.961) Passo Fundo.

Moça distinta, deseja corresponder-se com rapaz, 28-38 anos, instruido, bôa situação financeira. Troco foto. **MISTERIOSA** ...... (2.962) Passo Fundo.

Engenheiro, rico e simpático, 28 anos, deseja conhecer moça bonita, sincera e educada, de bôa família, para sério compromisso. Pede foto. **ARQUITETO** (2.963) Santos.

Morena, olhos e cabelos castanhos, simpática, gostando de dançar, e outras diversões, 1,60, 17 anos, procura moço, com as mesmas predileções, maior de 20 anos. **ROSA** (2.964) Apucarana.

Moreno, 26 anos, 1,80, olhos e cabelos pretos, situação financeira definida, procura, para rápido casamento, moça ou viúva, bôa aparência, educada e bom gênio. **MASTER** (2.965) E. do Rio.

Moreno, cabelos e olhos pretos, 20 anos, 1,70, contabilista, gostando de dançar e outros divertimentos, procura moça, em idênticas condições. Pede foto **O ILUDIDO**

LOVE COMPANIONSHIP
HOLLYWOOD "400" CLUB
P.O. Box 2349-MX Hollywood 28, Cal.

SOCIAL Correspondence Club
EXPERIENCE the thrill of romance thru this select club! Introductions by letter. This club is conducted to help lonely, refined men and women find compatible friends. Discreet, confidential service... Nationwide membership. Established 1922... Sealed particulars FREE. EVAN MOORE, Box 988, Jacksonville, Florida

LONELY? WHY BE LONELY?
America's friendly club will arrange a romantic correspondence for you. Sealed Particulars Free.
DIAMOND CIRCLE
Box 1203 Dept.-13, St. Louis, Mo.

GET ACQUAINTED CLUB
If you want a "wife," "husband" or "new friends," tell us your age, description of your "ideal" and by return mail you will receive particulars in a plain sealed envelope of how you can become a member of one of the oldest, most reliable clubs in America representing ladies, gentlemen, in all walks of life.
R. E. SIMPSON, Box 1251, DENVER, COLO.

CHEGA AFINAL o dia do encontro. Como senha, êle tinha um livro de capa vermelha debaixo do braço, ela uma rubra flor no peito. Em cima, vemos anúncios extraídos das revistas cariocas e americanas. Meios iguais



O AMOR CONDUZ os namorados ao casamento... e o casamento santifica o amor. Um simples anúncio, o motivo...

toridades americanas de ocupação, pode-se avaliar o estado de absoluto abandono moral em que se encontram os hagitantes da cidade de Berlim. As moças «livres» montam a 600 mil.

E' de fato impressionante o número de moças, a maior parte de boas famílias, desencaminhadas pela miséria e pela fome, abandonadas de qualquer apoio moral. Além de ser um fenômeno internacional do após-guerra, o que se passa na Alemanha é motivado ainda pela falta de homens. Muitos morreram, muitos encontram-se ainda hoje nos campos de concentração; e na cidade os solteirões são tão poucos, que só se comprometem com alguma vantagem material.

Em três anos houve apenas sete mil casamentos, numa percentagem ainda disponível de 73% de moças sem marido.

À noite, quando se fecham os escritórios, as ruas se enchem de mulheres.

ANÚNCIOS CHAMARIZ

Tôdas as ruas são literalmente atapetadas de estranhos anúncios de casamentos. Nenhum deles fala, como se poperia esperar, de moças decentes e de boas famílias; mas a única coisa que constitui um chamariz eficiente é a frase mágica — «com apartamento próprio». E quem tem um apartamento pode dizer, tranquilidade, que tem marido na mão.

DECADÊNCIA DO «FLIRT»

Essa crise de matrimônio, que é geral, está atingindo em cheio o noso povo. As estatísticas mostram que desde 1940, vem caindo o número de casamentos no Brasil. Já se cogita mesmo, nos círculos sociais, da organização de agências de casamentos. Aliás, uma revista desta capital (Cont. na pág. 48)



O PRÓLOGO do romance foi uma carta... o texto do mesmoromance foi a correspondência... e o epílogo é um beijo, como num conto de fadas. Ela está radiante. Se tôdas ashistórias de amor fôssem assim, o mundo seria melhor...



FACHADA DO «Clube Existencialista» de Copacabana, onde tudo e todos são contra o casamento. Enquanto há mocidade, saúde e dinheiro, é fácil zombar do sagrado elo... mas quando a vida começa a mostrar o lado mau da efêmera passagem por êste vale de lágrimas, então as pessoas tornam-se mais cordatas, e, quantos desejariam ter constituído um lar!

Nicodemus PARA CONHECER A PÔLPA TIRA

A CASCA...





NAS CERCANIAS das antigas ruínas encontramos, nos mais recônditos lugares, velhos casais de índios vendendo vistosas mantas que provocam o deslumbramento dos turistas.



LOS DIABILLOS — Passaram-se séculos e gerações, acontecimentos importantes para a vida do mundo desenrolaram-se no mundo, mas o clássico baile dos Incas permanece igual.

CUSCO
A CIDADE SAGRADA

Cento e oitenta espanhóis conquistaram a terra a 3.300 metros de altitude ★ Ali se confundem duas culturas e dois mundos ★ Ayar Cachi, o semideus, uma das lendas de maior conteúdo histórico ★ Onde a sabedoria milenar parece uma conjunção dos cérebros de Platão e Aristóteles ★ Os "Filhos do Sol" mantêm reminiscências do seu fascinante passado

Texto de ALBERTO CONRADO ★ Fotos de A. GUILLEN

DOIS elementos, os mais importantes para o homem americano de antanho, fizeram do vale de Cusco uma região predileta e sagrada: a fecundidade da terra e beleza excepcional da paisagem.

Segundo a lenda mais abstrata, Manco Capac, o agricultor, surgiu do lago Titicaca acompanhado de sua espôsa Mama Ocello. E' o único caso na história de um homem lendário, rei e filho de Deus, moralizador

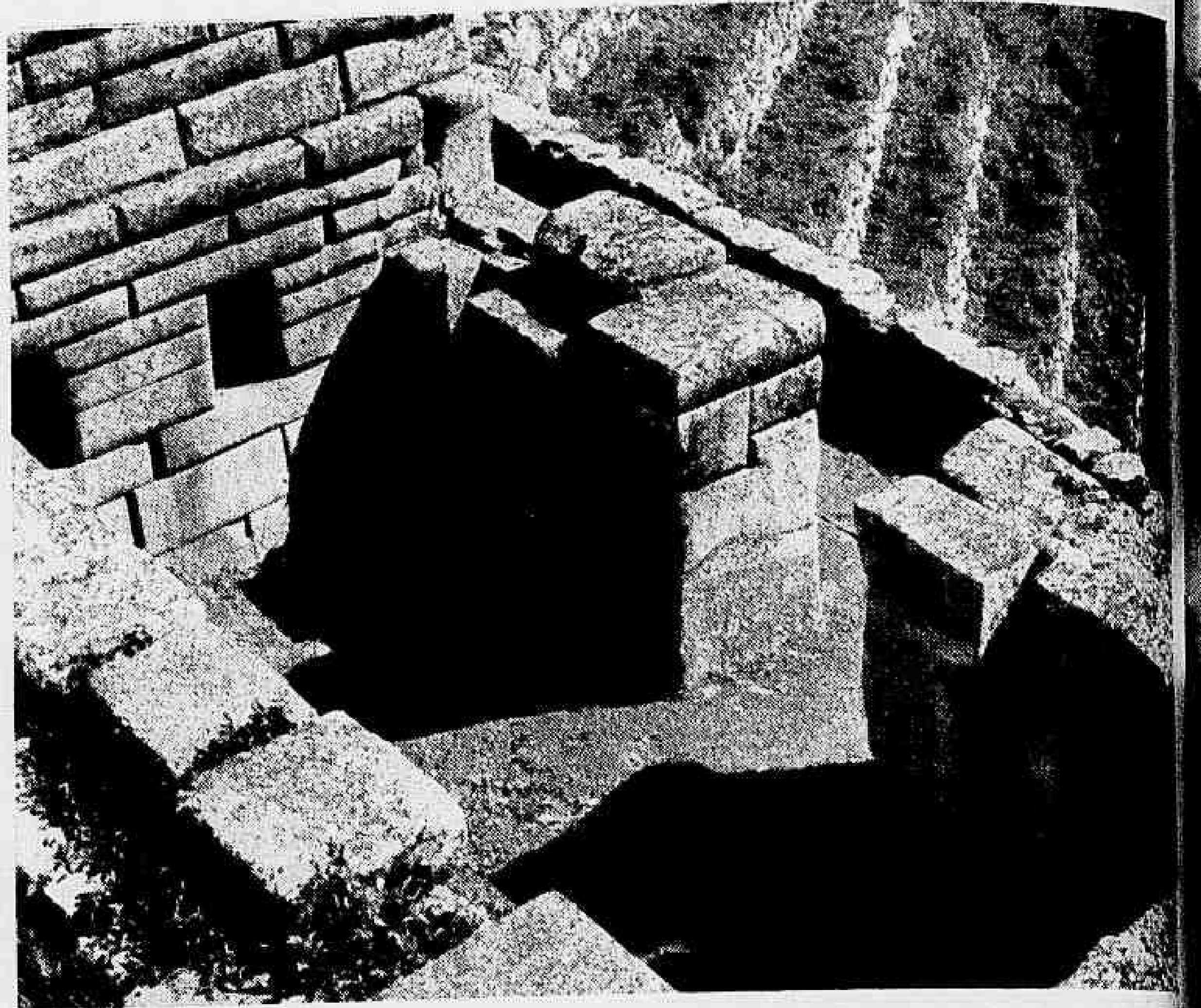


NA ANTIQUISSIMA cidade de Cusco, certos costumes mantém-se inalterados, desde os tempos precolombianos. A maioria do povo vive de produtos manufaturados: cerâmicas, terracotas, trançados de fibras,, mantas de lã, objetos artísticos. Aos domingos, realiza-se o tradicional Mercado de «Chincleros», onde os velhos índios vendem seus sempre atraentes produtos.



«MONTERAS» — E', o nome dos chapéus usádos pelos índios e que são vendidos no mercado. Observe-se o complicado trajar dos aborígenes em seus vistosos costumes regionais.





NADA SE IGUALA à significação e importância do Peru prehispânico, do qual nos ficam marcas indeléveis na grandiosidade de suas ruínas, pela beleza e perfeição arquitetônica.

e renovador de homens, que vem ao mundo acompanhado de sua mulher. Todos os outros heróis e deuses místicos, conquistadores, pregadores e profetas, surgiram solitários. No Peru, o fundador do Império é concebido como um agricultor que despontando do lago que mais parece ser o ponto culminante do universo; e armado de uma barra de ouro em vez de arma de combate, caminha em direção do noroeste, lugar que por designio supremo, deveria ser eleito para a fundação de Cusco.

A Cidade Sagrada está na região nascente de um vale, sendo imperioso, para que o turista a visite, viajar duas horas de avião desde Lima. Da vista aérea descortina-se a topografia mais difícil: colinas, pequenos montes e ladeiras.

A cidade ocupa a parte baixa do monte Sacsayhuamán. O que nos causa estranha impressão logo ao primeiro contacto com a terra, são os habitantes desta região, pois continuam lendários e místicos. Seguem contemplando o sol como motivo religioso e ainda mais, como um sentimento, já antigo, de terror. A cidade é, assim, por razões de geografia, de história e da sobrevivência do mito, o centro vivo da paisagem.

A grande obra humana de Cusco, que é a arquitetura, consegue uma total proeminência neste cenário grandioso da natureza.

Os conquistadores espanhóis souberam conservar essa religião, êsse poder místico da cidade, seu reinado estético. As montanhas próximas e longínquas não foram despojadas de seu primitivo sentimento, apesar dos vários séculos de influência da cultura ocidental: são ainda vigias sagrados de Cusco e formam parte dela: não foi desfeito o laço que as une. E antes do alvorecer o último repicar do sino lendário da Catedral Latina, domina o horizonte de Cusco: chega aos montes distantes, às planícies do vale, propagando-se à cidade como a água mais clara dos grandes rios. O som dêsse sino inspira ao visitante, comunica-lhe todo o poder evocador da grande cidade de ilimitada profundidade estética, obra iniciada na pré-história num lugar escolhido com intuição religiosa nos tempos em que o homem era criatura que elevava à categoria divina, a fecundidade e a beleza.

AYAR CACHI, O SEMI-DEUS

Das duas lendas que explicam a fundação de Cusco, a dos irmãos Ayar é a de maior conteúdo histórico. Segundo esta lenda, os Ayar lutaram primeiramente entre si: Ayar Uchu, Ayar Auca e Ayar Manco, contra Ayar Cachi, o temível, o verdadeiro semi-deus. Ayar Cachi derrubava, com suas ondas quebradas, precipícios e montes; lançava penhascos até às nuvens. Seus irmãos o temiam. Entretanto, enganaram-no. Fizeram-no voltar à enseada donde surgira. Fecharam então a saída, sepultando o herói. Ayar Cachi fêz tremer as montanhas com os ferozes golpes que vibrava nas paredes da enseada. Não obstante, não se pôde salvar. Quando os outros Ayar chegaram a Tampu Quiro e pensavam ter se livrado de Ayar Cachi, viram-no vir

AS RUÍNAS INCAICAS impressionam pelo esmero da justaposição das pedras enormes a alturas consideráveis e pela harmonia entre as retas e as curvas de que se valiam os Incas.







O TIPO MONGOLÓIDE caracteriza os índios: pele escura, talho alongado dos olhos, cabelos pretos e lisos, mas também existem feições delicadas como as dessa índia que sorri.

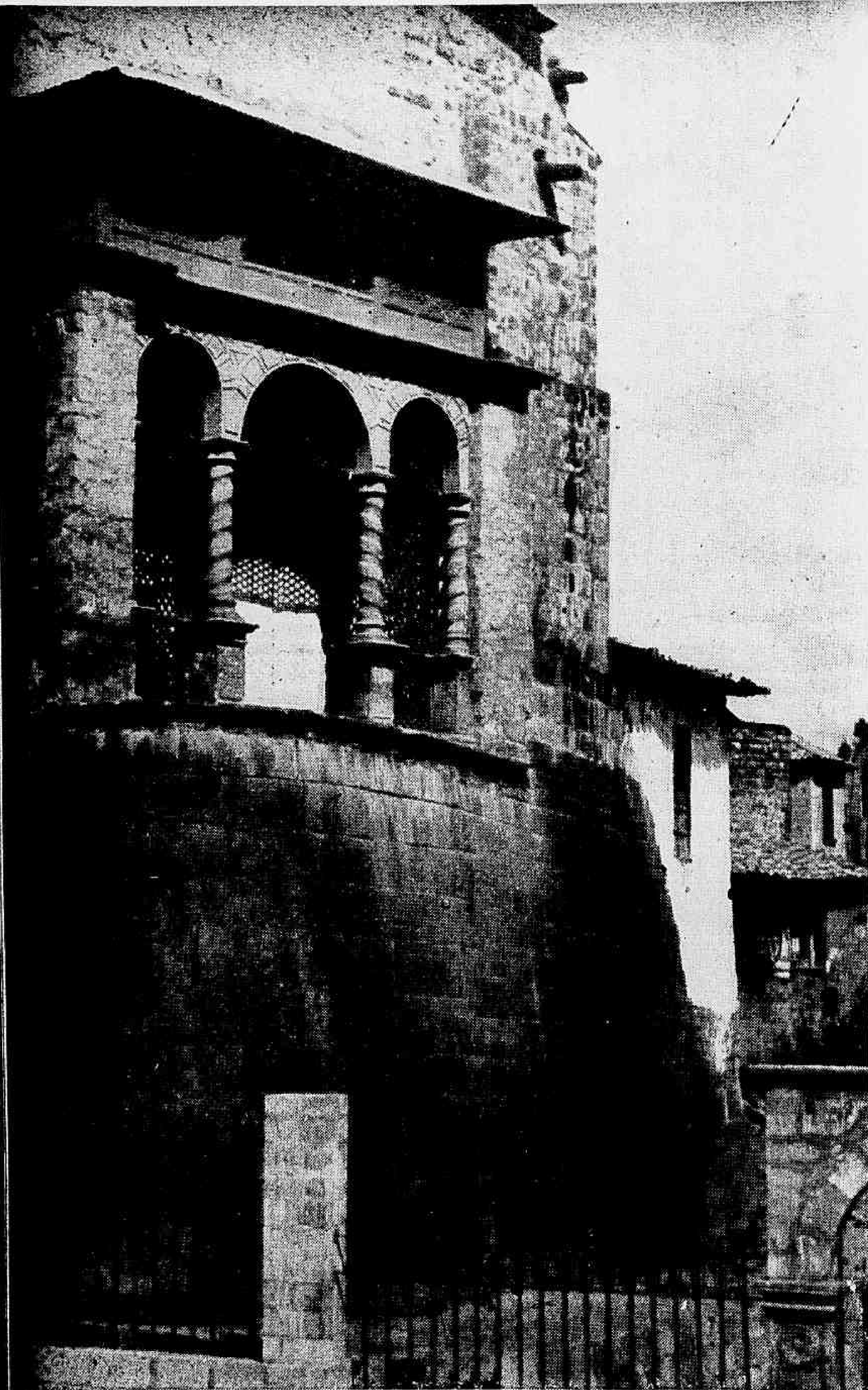
APESAR DA INFLUÊNCIA dos europeus, algumas tribos ainda se governam pelos sistemas antigos. Êsse é uma autoridade ostentando o bastão de mando confeccionado em prata.

PARA AS DANÇAS regionais, acompanhando os ritmos arcaicos tocados pelos músicos, admiramos instrumentos rudimentares como a flauta de cana que vemos na foto acima.

OS UTENSÍLIOS e instrumentos ainda permanecem os mesmos de centenas de anos atrás. Aí está o «porongo», grande caracol usado como copo ou como cantil para carregar água.





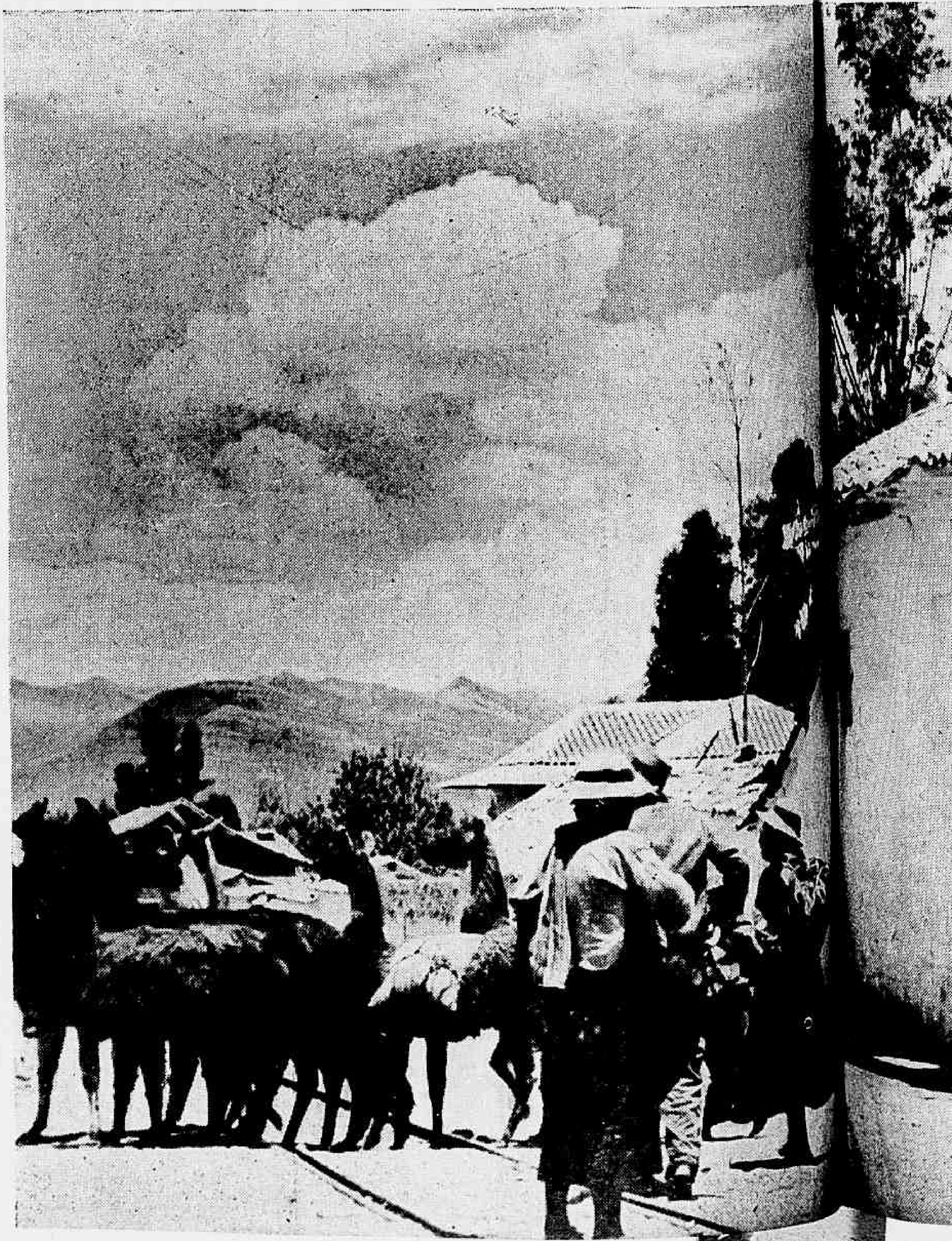


NO TEMPLO DE «SANTO DOMINGOS» edificado sôbre os muros de Coricancha ficam os oratórios dedicados pelos Incas ao Sol, à Lua, às estrêlas e relâmpagos, que cultuavam.



NAO CONHECIAM O ARCO, mas jogavam admiràvelmente com os arquitraves. No edifício [illegible] querda eram enclausuradas as virgens da nobreza imperial, escolhidas para servirem ao deus [illegible] e ao deus Inca. Caracterizavam-se pela nudez total. À direita pode-se vez, com nitidez, [illegible]

maneira eram
pezoides, os m
da cidade enc



pelos ares com grandes asas de penas pintadas. Ayar Cachi falou então aos seus atorrorizados irmãos: "Não temais nem vos encolheis, pois eu não venho senão porque começa a ser conhecido o Império dos Incas". Depois, indicando-lhes o caminho para Cusco, continuou voando em direção do vale e pousando em cima do Huanacaure converteu-se em idolo de pedra.

Na verdade, não existe outra noticia acêrca da iniciação da era incaica de Cusco. O nome da cidade proveio de K'osk'o, sendo seu autor Con'Ticsi Wiraccocha, deus supremo dos incas, criador do mundo e da luz; forjador de duas gerações de homens: a do mundo obscuro e a do mundo iluminado. O nome Cusco é, pois, mais antigo do que o próprio império. • O Cusco pr-incaico foi uma tôsca aldeia de pedra e palha e depois evoluiu para as construções de pedra livre e pura que é montada na muralha por um completo processo de criação e de cálculo. Até hoje os estudiosos não conseguiram dar a explicação de como os incas conseguiram transportar as pedras para a construção da cidade, desde que as mesmas se achavam distantes, a centenas de quilômetros.

A CONSTRUÇÃO DA CIDADE SAGRADA

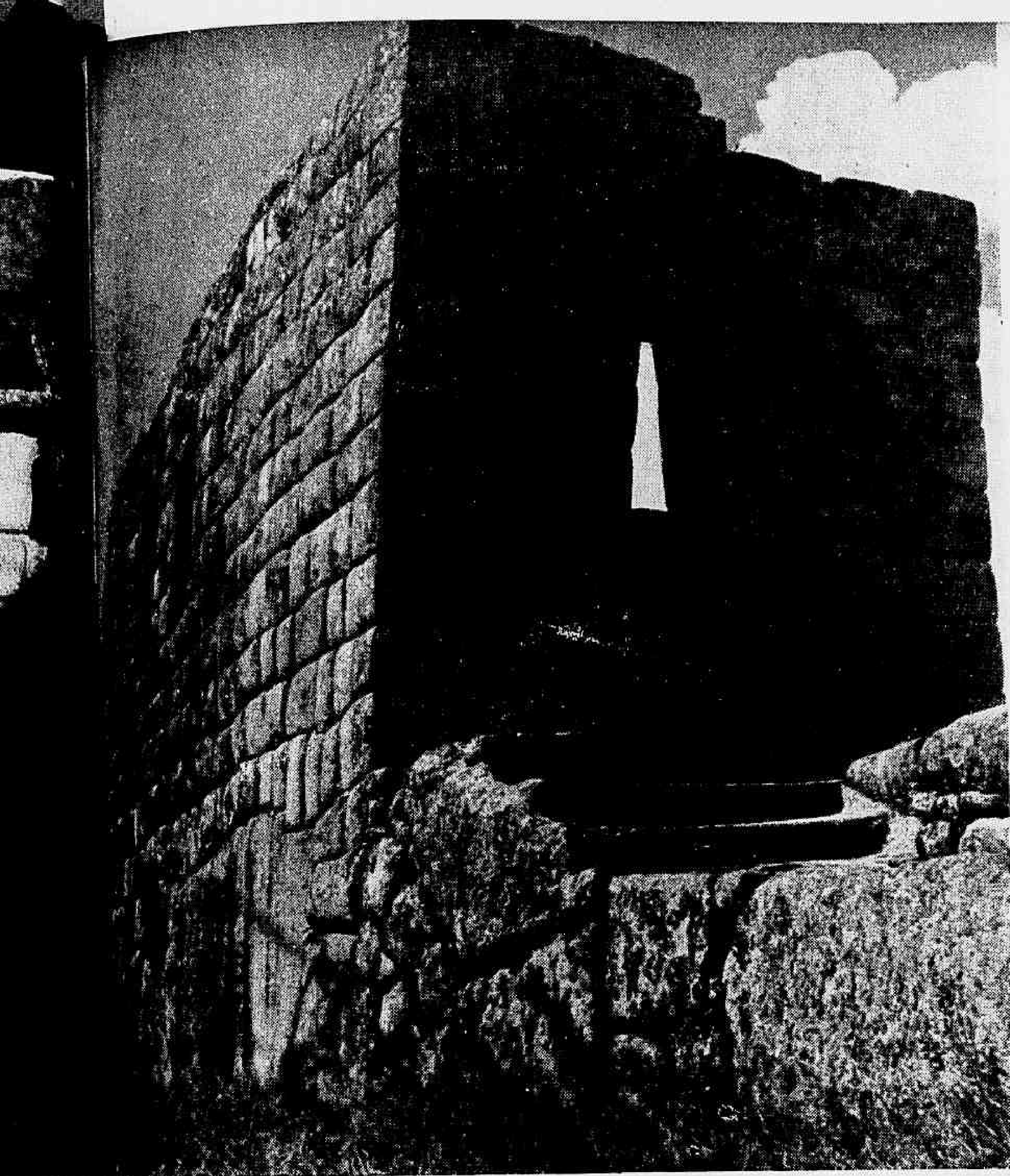
Pachacutek, da terceira geração da estirpe de Inca Roca, reedificou Cusco. Os incas anteriores tinham conquistado extensos territórios e milhares de povos; os exércitos imperiais chegavam já no interior do Chile e da Argentina atuais, e pelo norte até os vales da costa que foram testemunhas de maravilhosas culturas.

Pachacutek reduziu as gentes e as províncias submetidas a uma estrutura exata, sob um regime de minuciosidade e eficácia impressionante. E o Império, a partir de então, foi uma espécie de gigantesco organismo. Dessa forma o Império exigia outro Cusco e não a primitiva cidade pantanosa, assentada em ladeiras. Apenas permaneceriam os palácios de seus antecessores, cinzentos edificios de pedra que, pela sua própria grandeza, exigiam um cenário mais espetacular.

Contam os indios locais ao nosso intérprete, de vez que aqui só se fala o "queofua", dialeto incaico, que foi Pachacutek que, com suas próprias mãos, modelou em barro a figura do novo Cusco.

Imediatamente, pôs em marcha a maquinaria do Império, que êle mesmo tinha confeccionado; mobilizou todos os especialistas de Tahuantinsuyo para o trabalho de reedificação da capital. E foram acumulados os alimentos e bebidas que consumiriam os engenheiros, os operários e a multidão de auxiliares.

Posteriormente, ordenou que se celebrassem as festas iniciais; foram seis dias de ilimitada embriaguês. Logo começou a edificação. Construiram-se plataformas e andaimes até as nascentes das correntes; canalizou-se o rio Houatanay, cobrindo-o com pedra lavrada; e quando o campo estava preparado para receber os alicerces, o Inca, em vinte anos, construiu a cidade à semelhança do modêlo de barro. Na verdade é Cusco uma cidade sagrada. Sòmente tinham direito de visitá-la os nobres dos povos conquistados, os emissários e os guerreiros que voltavam. Êstes se ajoelhavam no primeiro ponto donde era possivel divisar a cidade e saudavam-na com uma frase, que



maneira eram construídos os edifícios com grossos blocos de pedra superpostos, as janelas trapezoides, os muros inclinados. Essas ruínas continuam desafiando os tempos. Em baixo: nas ruas da cidade encontramos, restos dos muros de pedra, aproveitados como nesse «balcão de Herodes».





DE MISTURA com as ruínas, vêem-se construções da época da invasão espanhola, a passagem dos jesuítas e os símbolos modernos, como fios telefônicos e mastros de bandeiras.

chegou até nossos dias, e que expressava a veneração que seus súditos sentiam pela cidade sagrada. Uma das coisas que mais nos impressionou na terra dos Incas foi a perduração de certos costumes milenares e que ainda hoje os conservam com o mesmo respeito.

Em frente do pequeno hotel, onde nos hospedamos, avistamos, ao entardecer, uma família de índios que, ajoelhados, falavam repetidamente "Napaykukuykim Jhatum K'osk'o". O intérprete logo nos traduziu o conteúdo da frase: "Oh grande cidade, eu te saúdo".

Isso demonstra que, apesar de tudo o que é antigo tenha acabado, sido destruído ou transformado, a fidelidade por Cusco tem perdurado no sentimento dos índios através dos séculos. E' esta uma amostra do amor verdadeiramente eterno, fruto íntimo e não impôsto, que sentiram seus súditos pela capital do Império. Vimos em Machupichu, cercanias de Cusco, velhos índios que passavam horas inteiras olhando a cidade, lançando, de quando em vez, um grito que redundava depois em lágrimas. E sem querer nos aproximávamos do passado daquela cidade onde, por tantos anos, os grandes senhores souberam captar a amizade dos índios de uma maneira bem diversa dos espanhóis. Os índios viam nos cento-e-oitenta espanhóis que conquistaram Cusco a reincarnação feroz de supremo Wiraccocha. Conta Pedro Pizarro, o conquistador, que: "Havia tanta gente que vinha ver-nos a Cusco, que os campos estavam cobertos de gente".

Incontinente, tomaram posse da terra, forçando as portas dos templos, tiraram os ídolos de ouro e dividiram as virgens do Sol. Assim, desaparecia o antigo significado de Cusco.

A INFLUÊNCIA DA CONQUISTA ESPANHOLA

Durante os séculos da conquista espa-nhola foi Cusco o maior centro artístico d América do Sul. Os templos e palácios co-loniais foram decorados, ornamentados equipados por artistas que trabalharam n própria cidade. Surgiu a escola cusquenh de pintura; os artífices nativos transfor-maram-se em discípulos dos joalheiros es-panhóis, e em pouco espaço de tempo su-peraram seus mestres. Os nativos foram iniciados na talha, na escultura e na fun-dição. Cusco converteu-se numa escol inesgotável de arte. Construíram-se igreja em tôdas as cidades e nos pequenos povo andinos fundados e renovados pelos espa-nhóis. Os índios, apenas dirigidos por pro-fessôres espanhóis ou mestiços construíram fachadas de puro estilo ocidental; decora-ram os muros de suas igrejas com quadro trazidos de Cusco, pintando tôdas as pa-redes com originalíssimos murais sôbr temas bíblicos ou católicos, utilizando, par tal, côres de fábricas. Cusco continuou sen do assim, durante o primeiro século d vice-reinado, uma cidade importantíssim O regime colonial tratou especialmente d destruir a influência de Cusco sôbre o povos do antigo Império. Levantados o templos imponentes, os palácios e conven-tos, convertida a cidade numa escola d arte, a cidade Cusco permanecia, apesar d haver mudado de dono e de deuses.

(Cont. na pág. 44)



Reconstituição fidelíssima é o que caracteriza êsse novo empreendimento da sétima arte francesa. Tipos, uniformes, detalhes, fidelidade à história, eis um pouco do que será êsse filme.

"A VINGANÇA DO CONDE DE MONTE CRISTO"

SEGUNDA ETAPA DA HISTÓRIA DE ALEXANDRE DUMAS LEVADA A EFEITO PELOS ESTÚDIOS FRANCÊSES E APRESENTADA NO BRASIL PELA "FRANÇA FILMES"

ÊSSE é o título da segunda etapa da história de Alexandre Dumas para esta nova versão cinematográfica levada a efeito pelos estúdios franceses. Por ser uma obra de vulto e bastante extensa, decidiram os produtores dividi-la em duas partes, a primeira das quais tomou o título de "Edmond Dantés, o Conde de Monte







Ladeando uma das seqüências do filme, vemos Pierre-Richard Willm, encarnando o novo Conde de Monte Cristo, e à direita, Michele Alfa, a meiga Mercedes do romance de Dumas.

Cristo", e que já tivemos oportunidade de focalizar num de nossos números anteriores. Na primeira etapa sobressai a ação desenvolvida nos famosos cenários do Castelo d'If, que foram aproveitados "in loco" para dar maior realismo à fita. Edmond Dantés, representado pelo artista Pierre-Richard Willm, um espírito de aventureiro, viaja pelos mares do mundo inteiro, enquanto sua noiva Mercedes, a artista Michele Alfa, e espera pacientemente pelo dia em que será por êle levada ao altar. Chegado êsse dia, o jovem marinheiro é envolvido em intrigas de origem política por indivíduos perversos, que lhe impedem de casar-se e o levam aos subterrâneos do sinistro Castelo d'If. Estaria condenado a morrer, esquecido naquelas masmorras, se não tivesse a sorte de conhecer, através de aventuras as mais emocionantes, o velho abade Faria, por intermédio do qual consegue fugir e tornar-se um dos homens mais ricos e potentes da época. Mercedes, que o esperara com resignação e amor durante tantos anos, premida pelos protestos de afeição do primo, que lhe dera a entender a morte do amado, casou-se afinal com êsse mesmo primo, Fernando, para esquecer que era um ente humano e para deixar-se mortificar cada vez mais naquele matrimônio sem amor. O seu sofrimento foi muito maior quando Dantés apareceu como Conde de Monte Cristo, acompanhado de Haydée, a artista Lyse Delamare. E' dêsse segundo período da vida aventurosa do Conde de Monte Cristo que trata o segundo filme, focalizando especialmente a "Vingança" de Edmond Dantés sôbre seus inimigos e causadores de todos os seus males.

A bela realização francesa foi dirigida por Robert Vernay, e além dos três principais artistas já citados veremos mais: Louis Salou, Marcel Herrand, Alexandre Rignaud, Aimé Clariond, Line Noro, Charles Granval, Jeaques Beaumer, Henry Bosc, Jean Chaduc, Carmen Boni, André Fouché e centenas de figurantes. Danças e "ballets" sob a direção de Leo staats. A fotografia é de Pierre Ancrenaz.

Quanto a Michele Alfa, que no filme encarna o papel de Mercedes, teve ocasião de declarar, a respeito de sua parte:

— E' um papel ideal. Mercedes é um tipo-símbolo da época em que transcorre a narrativa de Alexandre Dumas. Doce, pura, romântica e sonhadora, devotava a Edmond Dantés uma dessas paixões que raiam à adoração.

Referindo-se à decisão que, no filme, Mercedes tomou depois de bastante tempo de casar com o primo Fernando, disse:

— Nós, mulheres, às vêzes fazemos coisas que aos homens podem parecer absurdas... Mas eu compreendo bem Mercedes.

De fato, ela integrou-se plenamente no papel que deveria viver, e o fêz com tanta sinceridade que parecia estar dentro de um mun-

(Cont. na pág. 41)



Três das cenas do filme, na sua segunda etapa. Dirigido por Robert Vernay, e estrelado por Pierre-Richard Willm e por Michele Alfa,



respectivamente nos papéis do lendário Conde de Monte Cristo e da doce Mercedes, constituirá o próximo lançamento da França Filmes



DR. PENTEADO

SERENÓPOLIS tem fama por sua inatividade. Sendo a agricultura o principal meio de vida, o trabalho na sede do município é quase nulo, e, os moradores, seguem o destino que Deus lhes dá. Entre êles, a família Ribeiro não foge à regra. A mãe, no honroso mister de fornecedora de elementos humanos, cumpre resignadamente seu destino.

Elvira, a primogênita, ajuda, cantando, na criação dos irmãos menores e costura para fora.

João e Celso, os filhos mais velhos, trabalham à medida que o serviço aparece: uma viagem, uma escrita comercial, topam qualquer biscate. Criados à vontade, cresceram livres, sujeitando-se, apenas, aos ensinamentos paternos e à disciplina do curso primário. Bem formados de caráter, não preocupam aos velhos. Celso ainda passou algum tempo no seminário, até que a sua vocação se desvia.

O pai, sr. José Ribeiro, é homem de fibra. Inteligente, muito ilustrado, trabalhador, dá o que pode para sustentar os frutos de sua invenção. A culpa sendo sua, não podia queixar-se... nem se queixava. Às vêzes, se penaliza pelo confôrto que não pôde dar aos filhos, mas também nunca lhe passou pela mente a idéia de ter um dêles doutor. A sua profissão condiz com o seu temperamento irrequieto: avaliador judicial.

A idade e as doenças acabrunham-no, ùltimamente. De tôdas as viagens, volta maldizendo das cadeiras. Curvado pela dor, essa alma generosa, se apeia do animal, e clama com visível tristeza: "Meu filho, já não presto mais. Estou descadeirado..."

Pela derradeira viagem, regressa em dia de muito frio. O sol de inverno não consegue despertar-lhe o ânimo. Está entregue. Prostrado, o sr. José chama o filho mais velho.

— João, vá com o Celso à Fazenda do Estirado. Levem uns documentos de muita urgência.

O filho não objeta. Com frio, ou sem êle, o moço sempre em boa paz.

— Celso, apronte para levantarmos cedo. Vamos à Fazenda do Estirado.

— Bem bom. Andava meio enjoado desta pasmaceira. O dia inteiro ouvindo aquela maldita flauta do Pedrinho. Olhe, a geada está "comendo" por ai.

— Não há de ser nada. Deus é grande. Vamos dormir, pois a madrugada é dura. Bênção, papai. Bênção, mamãe.

★

— Celso, Celso!

— Que é?

— Está na hora. Quase 4.

— Já vou. Esta vida, nem sei...

— Deixe de resmungo. Trate de pular da cama e lavar o rosto. Você encontra água na chaleira sôbre o fogão. Está morna, mas preferível à da torneira; que sai como picolé.

— Lavar nada. A neblina se incumbe disso. Na outra encarnação hei de ser gato. Gato ou marmota.

— Enquanto a água ferve para o café, vamos pegar os animais. Falta um cabresto... Não, está atrás da porta.

— E pão? De estômago vazio não vou.

— Fale baixo. Coitado do papai, chegou muito doente.

— E' mesmo, nem me lembrava. Trabalha como burro e nada de dinheiro. Engraçado: os pobres pagam direitinho. Os ricos, com que dificuldade!

— Você viu como êle apeou do cavalo? As cadeiras...

— Não tem preguiça. Vive pensando nos filhos, em nós. Os pobres sempre têm mais filhos que os ricos. Não está errado?

— Ora, Celso. Deus faz tudo direitinho. Os filhos são a riqueza dos pobres.

— Gozado! O Frederico da Siá Dionísia, com 18 rebentos, vive esmolando. Só com aquêles trapos, que nem chegam para esconder a sua decadência física. Os filhos são carinhosos, é verdade...

— Você não deve falar assim. Mamãe pode ficar triste. E' assunto que foge à nossa percepção, à nossa inteligência.

— A desgraça não se compreende; sentimo-la dentro de nós. O caso do Frederico não me sai do pensamento. Quero evitar, não posso.

— Veja como êle anda sempre alegre, brincalhão. E' a consciência do dever cumprido. Que lhe importa o resto? Os filhos estão criados, Deus sabe como, mas estão. Nunca rejeitou serviço. Sacudido. Não posso entender...

— Uai, João, está melhorando. Já não entende certas coisas do mundo. E' bom sinal.

— Não, não é o que você pensa. Não posso entender... não posso entender...

— E' isso mesmo. Já sei. Eu, como você, acreditamos em Deus. Você acha que o sofrimento, isso que acontece por ai, é a vontade divina, ao passo que eu acho que é a maldade dos homens e causadora de tanta iniquidade. Deus nada tem a ver com a nossa burrice, com o nosso egoismo sórdido. Êle nos deu inteligência e coração. A estupidez está em não compreendermos o alcance da solidariedade humana, no entendimento recíproco e leal entre os homens. O ódio domina. O dia em que todos compreenderem essas coisas, em que o nosso lema fôr — como sempre deve ser — amar o próximo como a si mesmo, então, meu caro, encontraremos a felicidade na terra.

— E', mas...

— Nem mais, nem menos. Se o pobre pede mais salário, porque o custo de vida se eleva, os patrões logo os taxam de extremista. Você não vê o caso do guarda-chaves da estação?

— O Gervásio?

— Pois é, os donos da Estrada nunca tomaram a iniciativa de um benefício para o pessoal. Se conseguiram algum aumento foi por meio de greves.

— Você anda sabido de mais.

— Não sei. Como castigo, por haver aderido ao movimento, atiram-no lá para os cafundós do Judas. A filharada fica sem escola de uma hora para outra. O número de analfabetos continua astronômico. O mais gozado é que os mentores da greve estão com os gerentes, recebendo promoções e agradecimentos.

(Cont. na pág. 48)

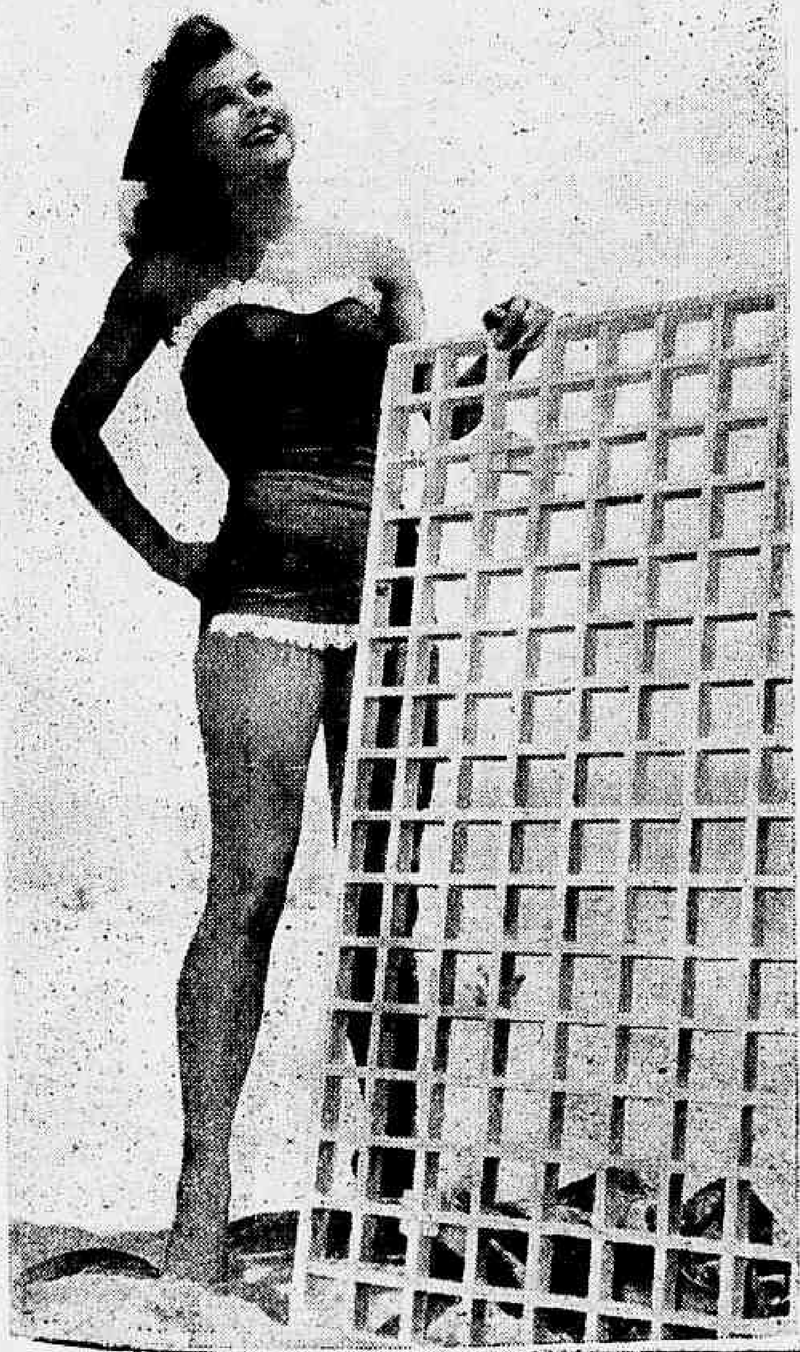
Conto de CLOVIS BUENO DE PAIVA - Ilustração de ORVAL



NOVOS "MAILLOTS"

APESAR de já passados os dias quentes e ensolarados do verão, os «maillots» continuam na ordem do dia. Nesta página, três lindas e famosas estrêlas de Hollywood. À esquerda, Dorothy Hart (U-International), Vera Ellen (MGM), e à direita, a novata Gaby Andre (Warner), uma francesinha radicada em Hollywood, nos apresentam o que de mais moderno e elegante existe em «maillots». Como vemos, os famosos «duas-peças» estão desaparecendo e sendo substituídos por modelos mais modernos e originais.







UMA CARTA DE AMOR

AINDA se escrevem cartas de amor, neste século do telefone? E, como serão elas? Por certo não se parecerão com os gemidos lancinantes com que Soror Mariana do Alcoforado imortalizou sua paixão pelo tenente Chamilly. Não serão nem mesmo como as cartas do romântico Liszt à condessa d'Agoult. Yves Montand, o jovem e famoso «chansonnier» e ator do rádio, do cinema e do teatro, que é atualmente o «caso» de Simone Signoret, a formosa atriz francesa que vimos em «Escravas do Amor» — Yves Montand, solicitado por uma revista, escreveu uma carta de amor, fina e espiritual e que, a nosso critério, é bem o tipo da carta de amor moderna.

Inicia êle sua epístola — destinada àquela que êle deseja encontrar para casar-se — declarando que deseja ter filhos, pelo menos três ou quatro. Confessa que saberá equilibrar sua vida profissional e a doméstica. Acha com seriedade que se deve casar. Em seguida, declara que essa questão de tipo não influi e que, êle mesmo, já tem mudado de preferências, no correr do tempo. Porque uma loura, em vez de uma morena? Além disso, sua espôsa poderá variar **a son bel plaisir**, a côr dos cabelos — não se incomodará. Magra? Gorda? Cheiínha de corpo? Pequenina? Não o importa. O que importa é que seja boa, amorosa e bela. Mas, o que é uma mulher bela? Para mim — diz Montand — beleza não é questão de comprimento do nariz, da côr dos olhos, de cabelos curtos ou compridos, porém a personalidade, um rosto que signifique alguma coisa, olhos bonitos que, vinte anos depois, serão mais lindos ainda... Montand diz outra coisa de menor importância e termina a carta com um P.S., pedindo que sua espôsa futura não fique eternamente tricotando — mesmo para êle... Que, se desejar fazer tricot, o faça em segrêdo... Estou para mim que, assim, segundo essas linhas gerais, devem ser as atuais cartas de amor escritas pelos homens modernos. E é bem o caso de darmos parabéns às moças de nosso tempo.

LYSE







PELA MANHÃ

A qualquer hora a mulher deve apresentar-se elegante, mesmo quando saia para fazer compras pela manhã. Êstes modelos, de vários estilos e grande simplicidade, possuem no entanto, um talhe elegante. Em cima, à esquerda, elegante modêlo em pesada sêda preta, decote fechado, mangas justas, corpo e saia abotoados do lado esquerdo. À direita, em cima, sugestivo e moderno, êste modêlo em sêda beije, mangas japonêsas, bolsos ampos superpostos, gola em cetim preto. Em baixo, à esquerda, dois sugestivos modelos, um em "pied-de-poule", com mangas e casaco com reverso azul-marinho; o outro, um elegante "tailleur" em finíssima lã cinza-claro.



A MODA E OS BORDADOS

★

OS bordados, por mais simples que sejam, dão grande "chic" e muito maior valor a uma toilette. Êstes modelos apresentam sugestões interessantes para trajes de passeio ou rigor. Em cima, à direita: — vestido em sêda negra, com a frente bordada em branco. A saia forma um apanhado do lado. Ao centro: — elegante vestido para tarde, com saia justa, partida em três. Possui uma espécie de bolero, em bordado, formado por "ilhoses". Na cintura tira formando um grande laço. Em baixo, à direita: — encantador vestido de tule com o corpo e a saia até à altura das cadeiras bordados em vidrilhos



EXÓTICOS





MARTHA TOREN, a linda sueca que tanto tem encantado Holywood, nos apresenta aqui algumas sugestivas criações de Orry Kelly, figurinista da U-International inspiradas em motivos mexicanos. Os modelos aqui apresentados, embora um tanto exóticos, não deixam por isso de ser bastante bonitos e são próprios para esportes, passeios no campo, ou alegres excursões.





LORETTA YOUNG, a sempre elegante e querida estrêla de Hollywood, é quem nos apresenta nesta página algumas das mais notáveis criações de Edith Head, famosa figurinista da MGM, desenhadas especialmente para ela usar em "Key to the City". Em cima, para o "cocktail", êste origina modêlo em sêda preta com recortes no decote, na manga e na blusa em forma de túnica. Em baixo, em cetim, modêlo original para jantar e à direita, para a noite, modêlo em tafetá escuro, corpo em gaze com debrun.



ELEGANTES



Passou a dôr?
-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



SOPA DE TAPIOCA

Faça um caldo comum e ligue com tapioca — 50 gr por litro -- a qual deve ter estado de môlho durante algumas horas, e passe tudo pela peneira, devendo ficar um pouco rala. Misture 80 gr de farinha de trigo, 1 ôvo, 1 xicara de leite, e sal; derrame numa frigideira com manteiga bem quente e frite de ambos os lados, como panqueca. Parta em tirinhas e deite na sopeira. Cubra com a sopa e sirva.

MUNGUNZÁ

Cozinham-se bem 250 gr de milho despolpado (canjica), temperando-se com bastante açúcar e sal à vontade. Junta-se depois 1 vidro de leite de côco. Convém deixar o milho de môlho de véspera.

GAROUPA A RIO DE JANEIRO

Cozinhe 2 k de garoupa em água fervendo, sal e cheiro. Dexe ficar rija. Tire lascas grandes, sem peles nem espinhas. Descasque 1 k de camarões. Cozinhe uns 3 ou 4 palmitos em água, sal e limão, corte a parte macia em toros de 3 dedos e conserve na água (pode comprar de lata). Faça uma massa com uma colher de manteiga, 1 de banha, 1 ôvo, 4 colheres de leite, ½ colher de chá de sal e farinha até poder abrir. Abra com o rôlo até ½ cm, corte em tiras de 3 cm depois em pedaços de 10 cm e dê dois talhos enviesados na parte de cima; abra, imitando 2 fôlhas, arrume em tabuleiro polvilhado. Doure com gema e leve a assar no forno. Faça um refogado com 1 colher de manteiga, 2 de cebola picada e alguns tomates. Molhe com 3 xicaras de água da garoupa, deixe cozinhar um pouco, passe pela peneira, leve de novo ao fogo, junte os camarões, deixe cozinhar e reserve. Pouco antes de servir, incorpore 1 colher de massa de tomate com 1 colher de farinha e ½ de manteiga e leve ao fogo para engrossar. Separe alguns camarões para enfeitar.

Arrumação do prato: Coloque as lascas no fundo da travessa, faça uma grinalda ao redor com os pedaços de palmito, cubra, só o peixe, com o môlho de camarão e enfie os galhos da massa entre os palmitos, como se fôssem fôlhas. E' um prato delicioso.

OMELETE AU RHUM

Quebre 12 ovos, bata as gemas com 200 gr de açúcar. Bata as claras em neve, e misture ràpidamente as gemas. Derrame a omelete em 2 pratos untados de manteiga, dando a maior altura possivel. Leve ao forno quente e sirva logo que fiquem tostados e no próprio prato. Polvilhe com bastante açúcar, por meio de uma peneira, regue com ½ xicara de rhum cada um e deite fogo ao trazê-los para a mesa, mas espere que cesse o fogo para parti-los.

MORANGOS MARQUESA

Tome 2 k de morangos, guarde os mais bonitos num prato com um cálice de Kirsch. Quanto aos outros, depois de limpos, passe numa peneira. Tome ½ litro de creme de leiteria gelado, bata bem para engrossar, junte aos morangos peneirados e distribua em 12 pratinhos de cristal. Depois escorra os morangos inteiros, enfeite o creme com êle, polvilhe tudo com bastante açúcar. Sirva bem gelado.

PANQUECAS COM LEGUMES

Cebolas, salsa e legumes devem ser bem picados e refogados e misturados com a massa das panquecas. Em seguida frigem-se as panquecas. Querendo frigem-se as panquecas separadamente, recheando-as em seguida com os legumes refogados. Servem-se com salada.

SPETZELI

600 gr de farinha de trigo, sal, 3 ovos, água, 1 colher de gordura, farinha de rôsca. Faz-se uma massa rala com a farinha, sal, ovos e água, batendo-se a massa até formar bôlhas. Em uma caçarola, põe-se água para ferver, juntando-se-lhe um pouco de sal. Passa-se uma taboinha em água quente e sôbre esta tábua deita-se a massa, da qual se vão cortando pequenos pedaços com uma faca que de vez em quando se mergulha na água quente, a fim de que a massa não adira à lâmina da mesma. Caso se tenha uma peneira apropriada, pode-se substituir a tábua com vantagem, pela peneira. Quando os spetzelis estiverem cozidos, tiram-se e arrumam-se em um prato que se pulveriza com queijo ralado, cobrindo-se com manteiga derretida e farinha de rôsca.

PÃO FRITO COM QUEIJO

Pãezinhos de leite, manteiga, 2 gemas de ovos, queijo ralado, sal, pimenta e gordura. Tomam-se os pãezinhos de leite que se cortam em fatias, cortando-se-lhes a casca. Misturam-se duas ou três colheres de manteiga com 2 gemas, 2 a 3 colheres de queijo ralado, sal e pimenta. Passa-se uma camada grossa desta massa sôbre uma fatia de pão, cobrindo-se com outra fatia. Frigem-se com gordura quente, dos dois lados.

SONHOS DE QUEIJO

½ xicara de nata, 3 colheres de queijo, sal, pimenta do reino. Para a massa: ½ litro de água, 100 gr de manteiga, sal, 300 gr de farinha peneirada, 6 ovos. Ferve-se ½ litro de água e nela se deitam 100 gr de manteiga, um pouco de sal e 300 gr de farinha de trigo. Esta farinha deve ser deitada de uma só vez, mexendo-se sempre, sem parar, até formar um mingau consistente. Deita-se esta massa em uma tigela e, quando fria, misturam-se-lhes 6 ovos, um a um. Põe-se depois em um saquinho de pano com a forma de funil, com um canudo de fôlha na ponta. Vai-se espremendo o saquinho e formando montinhos de massa sôbre uma assadeira untada. Assam-se sonhos em forno durante 15 minutos. Procede-se a uma escavação na parte superior de cada sonho, enchendo-se esta cavidade com o seguinte recheio: mistura-se a nata com o queijo ralado, juntando-se a esta mistura um pouco de sal e pimenta.

SOPA DE AZEDINHA

Leve ao fogo numa caçarola 100 gr de azedinha, 1 alho porrô, em rodelinhas, uma colher de manteiga e outra de farinha de trigo. Deixe passar um pouco, molhe com o caldo de servir, ligue com 2 gemas. Sirva à parte, fatias de pão torrado com manteiga.

MACARRÃO COM "RAGOUT" E ÔVO

Misturam-se restos de macarrão com 2 ovos batidos e um pouco de leite. Coloca-se o macarrão em um prato untado com manteiga, dando-se-lhe a forma de um anel. No centro põe-se qualquer "ragout" e leva-se ao forno para corar.

KNEDEL DE AVEIA

25 gr de aveia, ½ litro de leite, 1 pãozinho de leite, 1 ôvo, 125 gr de toucinho defumado, um pouco de farinha. Cozinha-se a aveia, com o leite até formar uma massa compacta e põe-se de lado para esfriar. Cortam-se o pão e o toucinho em quadradinhos que se frigem para em seguida misturá-los com aveia. Quando esta massa estiver fria, junta-se a farinha e 1 ôvo batido. Formam-se knedels que se deitam em água fervendo com sal. Em uma frigideira, derrete-se um pouco de manteiga e nela se deita então uma colher de farinha de rôsca. Quando os knedels estiverem cozidos, deitam-se nesta manteiga e servem-se imediatamente.

CESTINHAS DE TOMATES

Recheiam-se tomates com qualquer ingrediente. Corta-se uma tira de tomate, com ½ cm de largura e arruma-se esta tira sôbre o tomate recheiado de modo a imitar o cabo da cestinha. Guarnece-se cada cestinha com galinhos de salsa que se arrumam ao lado das mesmas.

WEEK-EN NA COZINHA

OMELETE AU RHUM

Quebre 12 ovos, bata as gemas com
0 gr de açúcar. Bata as claras em
eve, e misture ràpidamente as gemas.
erramé a omelete em 2 pratos untados
manteiga, dando a maior altura pos-
vel. Leve ao forno quente e sirva logo
ue fiquem tostados e no próprio prato,
olvilhe com bastante açúcar, por meio
e uma peneira, regue com ½ xícara de
hum cada um e deite fogo ao trazê-los
ara a mesa, mas espere que cesse o
ogo para partí-los.

MORANGOS MARQUESA

Tome 2 k de morangos, guarde os mais
onitos num prato com um cálice de
irsch. Quanto aos outros, depois de
impos, passe numa peneira. Tome ½
itro de creme de leiteria gelado, bata
em para engrossar, junte aos morangos
eneirados e distribua em 12 pratinhos
le cristal. Depois escorra os morangos
nteiros, enfeite o creme com êle, polvi-
he tudo com bastante açúcar. Sirva bem
gelado.

PANQUECAS COM LEGUMES

Cebolas, salsa e legumes devem ser bem picados e refogados e misturados com a massa das panquecas. Em seguida frigem-se as panquecas. Querendo fri-gem-se as panquecas separadamente, re-cheando-as em seguida com os legumes refogados. Servem-se com salada.

SPETZELI

600 gr de farinha de trigo, sal, 3 ovos, água, 1 colher de gordura, farinha de rôsca. Faz-se uma massa rala com a farinha, sal, ovos e água, batendo-se a massa até formar bôlhas. Em uma caçarola, põe-se água para ferver, juntando-se-lhe um pouco de sal. Passa-se uma taboinha em água quente e sôbre esta tábua deita-se a massa, da qual se vão cortando pequenos pedaços com uma faca que de vez em quando se mergulha na água quente, a fim de que a massa não adira à lâmina da mesma. Caso se tenha uma peneira apropriada, pode-se substituir a tábua com vantagem, pela peneira. Quando os spetzelis estiverem cozidos, tiram-se e arrumam-se em um prato que se pulveriza com queijo ralado, cobrindo-se com manteiga derretida e farinha de rôsca.

PÃO FRITO COM QUEIJO

Pãezinhos de leite, manteiga, 2 gemas de ovos, queijo ralado, sal, pimenta e gordura. Tomam-se os pãezinhos de leite que se cortam em fatias, cortando-se-lhes a casca. Misturam-se duas ou três colheres de manteiga com 2 gemas, 2 a 3 colheres de queijo ralado, sal e pimenta. Passa-se uma camada grossa desta massa sôbre uma fatia de pão, cobrindo-se com outra fatia. Frigem-se com gordura quente, dos dois lados.

SONHOS DE QUEIJO

½ xícara de nata, 3 colheres de queijo, sal, pimenta do reino. Para a massa: ½ litro de água, 100 gr de manteiga, sal, 300 gr de farinha peneirada, 6 ovos. Ferve-se ½ litro de água e nela se deitam 100 gr de manteiga, um pouco de sal e 300 gr de farinha de trigo. Esta farinha deve ser deitada de uma só vez, mexendo-se sempre, sem parar, até formar um mingau consistente. Deita-se esta massa em uma tigela e, quando fria, misturam-se-lhes 6 ovos, um a um. Põe-se depois em um saquinho de pano com a forma de funil, com um canudo de fôlha na ponta. Vai-se espremendo o saquinho e formando montinhos de massa sôbre uma assadeira untada. Assam-se sonhos em forno durante 15 minutos. Procede-se a uma escavação na parte superior de cada sonho, enchendo-se esta cavidade com o seguinte recheio: mistura-se a nata com o queijo ralado, juntando-se a esta mistura um pouco de sal e pimenta.

SOPA DE AZEDINHA

Leve ao fogo numa caçarola 100 gr de azedinha, 1 alho porrô, em rodelinhas, uma colher de manteiga e outra de farinha de trigo. Deixe passar um pouco, molhe com o caldo de servir, ligue com 2 gemas. Sirva à parte, fatias de pão torrado com manteiga.

MACARRÃO COM "RAGOUT" E ÔVO

Misturam-se restos de macarrão com 2 ovos batidos e um pouco de leite. Coloca-se o macarrão em um prato untado com manteiga, dando-se-lhe a forma de um anel. No centro põe-se qualquer "ragout" e leva-se ao forno para corar.

KNEDEL DE AVEIA

25 gr de aveia, ½ litro de leite, 1 pãozinho de leite, 1 ôvo, 125 gr de toucinho defumado, um pouco de farinha. Cozinha-se a aveia, com o leite até formar uma massa compacta e põe-se de lado para esfriar. Cortam-se o pão e o toucinho em quadradinhos que se frigem para em seguida misturá-los com aveia. Quando esta massa estiver fria, junta-se a farinha e 1 ôvo batido. Formam-se knedels que se deitam em água fervendo com sal. Em uma frigideira, derrete-se um pouco de manteiga e nela se deita então uma colher de farinha de rôsca. Quando os knedels estiverem cozidos, deitam-se nesta manteiga e servem-se imediatamente.

CESTINHAS DE TOMATES

Recheiam-se tomates com qualquer ingrediente. Corta-se uma tira de tomate, com ½ cm de largura e arruma-se esta tira sôbre o tomate recheiado de modo a imitar o cabo da cestinha. Guarnece-se cada cestinha com galinhos de salsa que se arrumam ao lado das mesmas.

ENTRECOSTO DE CHOCOLATE

160 gr de manteiga, 150 gr de açúcar, 120 gr de amêndoas raladas, 125 gr de chocolate ralado, 80 gr de migalhas de pão torrado, 6 ovos, e um pouco de casca ralada de limão.

Bate-se durante 20 minutos o açúcar com a manteiga, as gemas e a casca de limão; juntam-se as amêndoas, o chocolate, e as claras batidas, bem duras, e as migalhas de pão. Põe-se esta massa em uma fôrma untada (feitio de entrecosto) e leva-se ao forno médio. Depois de frio põe-se ao centro geléia de abricots, e cobre-se com glacê de chocolate. Antes do glacê secar espetam-se amêndoas com as pontas para cima, formando de 3 a 4 carreiras.

CABEÇAS DE NEGRO

100 gr de açúcar, 300 gr de farinha de trigo, 6 ovos, creme de recheio e glacê de chocolate.

Batem-se as gemas e o açúcar até ficar um creme espumoso; junta-se a farinha e as claras batidas. Com o auxílio de uma colher fazem-se bolinhos de 3 a 4 cm de largura sôbre uma assadeira untada, deixando-se um espaço regular entre êles. Assam-se em forno médio. Depois de frios faz-se uma cavidade por baixo, enche-se com o creme de recheio e unem-se de dois em dois, cobrindo-se com a glacê de chocolate.

CREME COM GELATINA

Prepara-se qualquer creme, ao qual se juntam, depois de frio, 50 gr. de açúcar, 20 a 25 gr. de gelatina desfeita. Depois de misturado tudo, despeja-se em uma fôrma, na qual se passou um pouco de água fria e, onde deverá permanecer por duas horas para gelar. Vira-se em seguida sôbre um prato, enfeitando-se com creme Chantilly.







MUITÍSSIMO
MELHOR

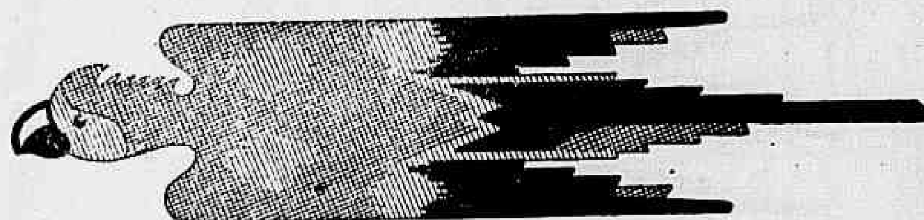
é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!
Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico
GRANADO

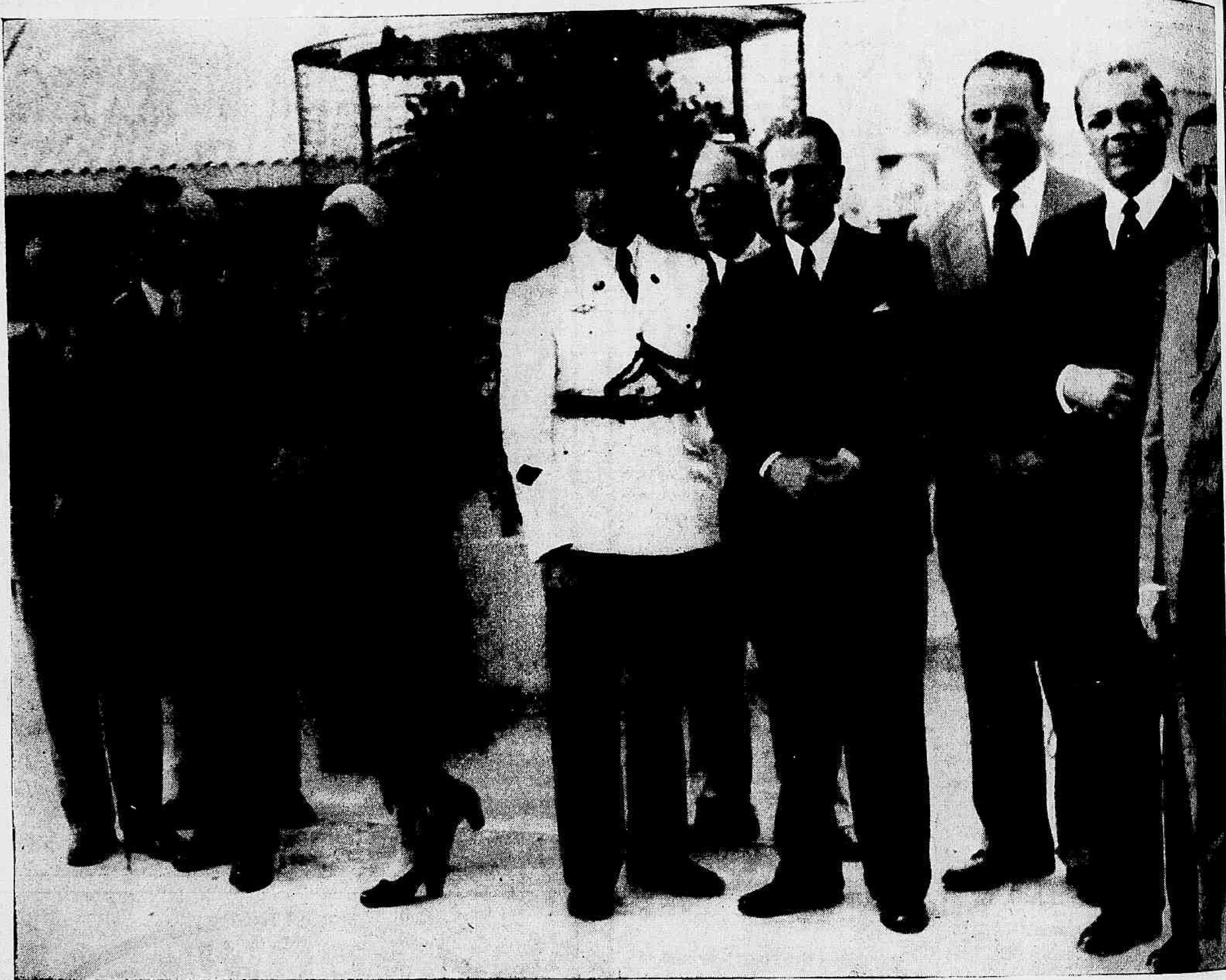
UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

AEROVIAS



ANÁPOLIS ● ARACAJÚ ● ARAGUARÍ ● BELÉM ● BELO HORIZONTE ● BOM JESUS DA LAPA ● CAROLINA ● CORONEL FABRICIANO ● CURITIBA ● FORTALEZA ● GOIÂNIA ● ILHÉUS ● LA GUAIRA (Venezuela) ● LONDRINA ● MACEIÓ ● MIAMI (Estados Unidos) ● NATAL ● PARAMARIBO (Guiânia Holandeza) ● PARNAIBA ● PEDRO AFONSO ● PETROLINA ● PORTO ALEGRE ● PORTO NACIONAL ● PORT OF SPAIN (Trinidad) ● RECIFE ● RIO DE JANEIRO ● SÃO PAULO ● SÃO LUIZ ● SALVADOR ● TEREZINA ● TRUJILLO (Rep. Dominicana) ● UBERABA ● UBERLÂNDIA ● VARGINHA ● VITÓRIA.

BRASIL



Grupo feito no Aeroporto Santos Dumont, onde se destacam a senhora Helena Borges, o sr. João Borges Filho, o sr. J. J. Figueiredo, o sr. Tertuliano de Brito, o sr. Tigre de Oliveira, o sr. Manoel de Araujo Freitas, o sr. Carlos Guimarães de Almeida.

O REGRESSO DO PRESIDENTE DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

Depois de alguns meses de permanência na Europa, em viagem de recreio, regressou no dia 5 a esta capital, em companhia de sua espôsa, o sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro. S. s., que percorreu vários países do continente europeu, indo inclusive à Itália onde assistiu diversas comemorações do Ano Santo, foi recebido no Aeroporto Santos Dumont por elevado número de amigos, colegas de diretoria e turfmen, que manifestaram ao ilustre viajante sua alegria pelo seu retôrno ao nosso convívio social. São da chegada do sr. João Borges Filho os três aspectos que ilustram esta notícia.



Outro grupo feito à chegada do sr. João Borges Filho, vendo-se os srs. J. J. Figueiredo, Manoel Araujo Freitas, Raymundo de Castro Maia, Carlos Guimarães e Jorge Ribeiro.



O sr. João Borges Filho cercado pelos srs. Manoel de Araujo Freitas, J. J. Figueiredo, Milton Maia, Tigre de Oliveira, Jorge Ribeiro e Og de Almeida e Silva.



GRANDE PRÊMIO "FREDERICO LUNDGREN"

No domingo, 14, foi mais uma vez corrido no Hipódromo da Gávea o Grande Prêmio «Frederico Lundgren», instituído em homenagem ao saudoso turfman que tantos serviços prestou à «élevage» nacional. Venceu-o de forma brilhante o esplêndido cavalo Manguary, hàbilmente pilotado pelo jockey patrício Luiz Rigoni, estabelecendo novo record da distância entre nós. Foi mais um grande dia que viveu o nosso mundo turfista, vibrando a grande assistência presente ao prado maravilhoso com o sensacional desfecho dessa grande prova. Depois da carreira, a senhora Elza Lundgren, filha do patrono do clássico, fêz entrega aos proprietários do crack vencedor de um rico troféu, discursando no ato. As duas fotografias desta página mostram fases dessa cerimônia posterior à prova.



TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF ..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rcugeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso ..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A VINGANÇA DO CONDE

(Cont. da pág. 33)

do real e não de ficção. O diretor Robert Vernay tem se mostrado incansável, não se descuidando dos mínimos detalhes. Tudo indica que será um belo filme, e para os que conhecemos o que é capaz de fazer o cinema francês, sabemos que isso não é impossível. Esperamos portanto confiantes nessa nova apresentação da França Filmes, que virá concluir, em segunda etapa, e com o título de "A vingança do Conde de Monte Cristo", o ciclo referente ao célebre romance de Alexandre Dumas.

CUSCO . . .

(Cont. da pág. 31)

PELAS RUAS DE CUSCO

Pelos mesmos caminhos onde andaram três civilizações, fizemos uma curta peregrinação, admirando as magnificas construções dos incas. As civilizações pré-incaicas deixaram em Cusco assombrosos monumentos, cuja resistência ao tempo demonstra a magnificência de suas construções, erguidas, apesar das invasões e saqueios. Os incas utilizaram aquêles monumentos empregando-os para residências imperiais, dedicando-os ao culto dos deuses, estabelecendo escolas, casas particulares e fortalezas.

A Catedral contém valiosos tesouros. Seu altar-mor, coberto de pranchas de prata, os quadros que adornam, o côro de cedro talhado, as grades douradas, particularmente as que guardam o Senhor dos Tremores, Padroeiro de Cusco, são algumas de suas maiores riquezas.

Conta-nos o Arcebispo local, homem culto e extremamente amável, que o Senhor dos Tremores, é assim chamado por causa do terremoto que arrasou o Cusco primitivo. E' o altar mais iluminado e carregado de oferendas. No dia da procissão de segunda-feira santa, à saida da imagem pela porta da Catedral, a multidão lança um alarido tão grande, tão implorante, e carregado de temor religioso, que nos recorda a descrição que faz Cieza do efeito que causava no povo antigo a fase da descoberta do Inca. Para a procissão os indios cultivam nos montes do vale a flor roxa (ñujetchu"; e espalham-na pelas ruas e praças. Vêem-se todos os habitantes com essas flores: as mulheres na cabeça ou entre as orelhas e os homens na lapela do casaco. O sino maior da Igreja, que pesa 3.000 quilos, está fundido em bronze e ouro, escutando-se o seu som a seis léguas de distância. As jóias que possui a catedral, feitas de ouro, pedras preciosas e prata, sòmente podem ser admiradas com permissão especial do Arcebispo local. Na sacristia se exibem os retratos dos bispos de Cusco, além de artisticos armários talhados e dourados.

À direita da Catedral encontra-se a igreja El Triunfo, em cujo altar se encontra a cruz de madeira, adornada com prata, trazida da Espanha pelo capelão da Conquista, Frei Vicente Valverde, e que nos recorda o feito milagroso dos primeiros anos da conquista espanhola. Sôbre os muros de Coricancha eleva-se o templo de São Domingos, oratórios dedicados pelos Incas ao sol, à lua, às estrêlas, ao raio e ao relâmpago. No interior do templo admiramos um quadro que representa a captura de Atahualpa por Francisco Pizarro, o conquistador.

Perto da Catedral vê-se a Igreja da Companhia dos Jesuitas, construção que levou 16 anos, ordem religiosa essa apontada como a mais opulenta do mundo. Ainda existem os restos dos muros do palácio. Os jesuitas edificaram junto ao templo o Convento da mesma ordem. Hoje, o convento está ocupado pela Universidade Nacional, pertencendo a grande sala das sessões aos operários de Cusco.

A fusão do elemento indio e espanhol, que na praça de armas é de caráter estético quase puro, de vez que o fundamento arquitetônico incaico está subterrado, adquire formas mais concretas nas ruas da cidade, num extraordinário número de antigos palacios e casas espanholas, que foram construidos sôbre muros incaicos.

A igreja da Merced, cujos claustros apresentam uma harmoniosa simetria, é feita de uma só tôrre lavrada. A abóbada da Igreja guarda os restos de Diego de Almagro, pai e filho, de Gonçalo Pizarro e outros cavalheiros da Conquista. O côro é de cedro talhado e entre as jóias existentes chama-nos a atenção as pérolas de grande tamanho esmeraldas, rubis, diamantes e outras pedras preciosas. No final da rua Plateros encontramos o Museu de Arqueologia, que encerra objetos de valor, idolos de ouro, prata e cobre, crânios trepanados e variados exemplares de cerâmica. Na igreja de Belém venera-se a Virgem de Almudena. Cusco está ressurgindo, mais engrandecido, mais carregado de simbolos e de história. Surgiu do fundo de um mar de pó e de sonho. Assim começa o terceiro periodo histórico de Cusco, o periodo atual, tornando-se no mais perfeito simbolo do Peru, amostra das ilimitadas possibilidades humanas de uma nova nacionalidade. Uma viagem ao Cusco é uma aventura fantástica só concebida em lendas e contos de fadas, apaixonante, pois ali se encontram confundidas duas culturas e dois mundos. Ao lado dos tesouros que a Espanha deixou, erguem-se os assombrosos monumentos das civilizações aborigenes.

O MISTÉRIO DO COLAR...

(Continuação do número anterior)

Marty calcou um dos parafusos em tudo semelhante aos outros e dois quadrados de espelhos afastaram-se silenciosamente. Peggy verificou que a sala era à prova de som.

As atividades decorriam no maior silêncio possivel, ouvindo-se apenas o ruido das rolêtas e das pás puxando as fichas ou os dados lançados sôbre a mesa. Peggy gravou na memória tudo quanto seus olhos puderam ver. Chamou-lhe particularmente a atenção um grosso reposteiro que devia estar ocultando alguma porta. Peggy sentiu grande curiosidade em saber o que estaria por detrás daquela parede, mas nada comentou.

Naquela noite, quando só em seu quarto, Peggy ficou refletindo, encaixando as peças daquele jôgo dificil. Estava certa de que o envelope lacrado solucionaria, ou pelo menos ajudaria muito a solucionar o caso que tão intrincado lhe parecia. Afinal, o colar de safiras estava em segurança, embora o tabelião houvesse sofrido aquela punhalada. O que estaria procurando Joan por intermédio de investigadores? Peggy estava ainda, refletindo quando o telefone tilintou. Era a empregada de Joan que lhe dizia aflita:

— Miss Stone... o que posso fazer? Mrs. Stuart não voltou para casa. Creio que alguma coisa de mal lhe aconteceu. O que devo fazer?

— Informe a policia para que a procure. Tenho outras coisas a fazer.

Peggy saltou da cama, enfiou a calça e o blusão e desceu pelo elevador. Guiou até sua residência particular, deixou o carro na garagem e desceu ao laboratório. Retirou o envelope do esconderijo e quebrou o sêlo. Três fôlhas de papel deslisaram do envelope. Peggy leu atentamente, recolocou tudo novamente no cofre secreto e deixou o laboratório. Seu rosto irradiava a satisfação que lhe ia n'alma. Em poucos momentos estava no quarteirão em que ficava o "Flor de Lótus". Parou alguns metros antes da entrada. Estava tudo as escuras àquela hora noturna. Peggy deu a volta e entrou pelos fundos do prédio. O vigia dormia tranquilamente em uma cama portátil colocada sob a cobertura de uma pequena área. A detective passou por êle sem o mais leve ruido. Chegando ao portão da garagem verificou com prazer que a porta estava aberta. Talvez houvesse alguma comunicação interna com o cassino. A jovem entrou, acendeu a lanterna, fazendo o cone de luz percorrer a parede. Finalmente, alguma coisa chamou sua atenção: Um longo tapête colorido pendia de dois parafusos. Peggy afastou-o, verificando haver ali uma porta dissimulada. A moça correu a mão pelo o que lhe pareceu ser o caixilho, em busca de alguma saliência. Finalmente, encontrou alguma coisa sôbre o que fêz pressão. Com um surdo rangido as tábuas cederam deixando uma abertura. Peggy entrou cautelosamente, dirigindo a luz da lanterna em tôrno de si procurando identificar o local onde se achava. Era uma espécie de corredor estreito e abafado. A moça seguiu por êle até encontrar uma parede lisa. Peggy correu a mão por tôda a parede em busca de algum botão que lhe revelasse o segrêdo da entrada. Nada encontrando ali, nem fechadura ou coisa semelhante, a moça voltou pelo corredor examinando as paredes com a luz, enquanto sua mão continuava tateando. Finalmente, encontrou o que buscava. Já próximo da entrada secreta pela garagem havia apenas a cabeça de um parafuso pintado da mesma côr da parede que escaparia à vista, mas não ao contacto. Peggy calcou-o fortemente e ouviu um surdo ruido. A laje que formava a parede terminal do corredor afastava-se vagarosamente. A moça correu para lá, transpondo a abertura. A luz da lanterna revelou-lhe o lugar onde se achava que logo reconheceu. Era a ante-sala do salão de jôgo. Peggy localizou a porta por onde entrara com Marty. Foi até ela e encaminhou-se para a parede oposta. Examinou os parafusos apertando um dêles. Nada aconteceu. A moça franziu a testa. Imaginava estar certa de que fôra aquêle o parafuso que Marty tocara. Tentou novamente, mas agora usando um truque; fingia apertar o mesmo parafuso, enquanto seu dedo minimo apertava o que lhe ficava próximo. Deu resultado. Não tinha sido à-toa que Peggy estudara todos os truques usados em disfarçar entradas, gavetas, etc. Os espelhos afastaram-se e ela entrou no salão agora deserto e escuro. Iluminou o caminho entre as mesas até ao reposteiro que lhe chamara a atenção horas antes. Puxou os cordões que pendiam ao longo, afastando a fazenda pesada. Seu primeiro sentimento foi de decepção, ao verificar apenas a continuação da parede; mas a moça estava habituada a descobrir segredos de mistérios, pelo menos para a policia. Cabia-lhe agora descobrir o segrêdo daquela entrada. O cone de luz percorreu o longo da parede coberta pelo reposteiro sem que fôsse encontrada qualquer coisa. Escoara-se já, cêrca de quinze minutos de busca meticulosa e infrutífera. Peggy, sem desanimar, localizou a caixa de pagamento e foi até lá. Um quadrado de dois metros terminando com gradil onde se via o devido guichê, oferecia a possibilidade de encerrar o segrêdo que procurava. Fácil lhe foi forçar o cadeado da porta e entrar. Uma infinidade de gavetas formavam todo o interior da pequena "caixa". Peggy começou pela gaveta do centro. Examinou-a detidamente, tentando retirá-la sem consegui-lo, entretanto. Introduzindo a mão por baixo da tábua que servia de fundo, a moça procurou alguma saliência e a encontrou. Fazendo pressão na minúscula alavanca encontrada, a jovem ficou esperando o resultado do seu gesto, que não se fêz esperar. A parede deslocou-se para um lado deixando uma abertura à mostra. A detective correu para ela, verificando ser uma pequena sala fracamente iluminada. Examinando-a melhor, a moça descobriu a um canto um vulto. Aproximou-se cautelosamente e dirigiu a luz para saber do que se tratava.

— Mrs. Stuart... — um gemido fê-la voltar ràpidamente. Alguma coisa movia-se num canto ao lado oposto. Peggy dirigiu a luz para lá e viu mais alguém.

— Julie! — amarradas e amordaçadas, Joan Stuart e Julie estavam atiradas nos dois extremos da sala úmida. Peggy tirou um canivete do bôlso e com êle cortou as cordas que ligavam os pulsos da moça para trás, retirando a mordaça em seguida. Julie friccionou os pulsos doloridos.

— Penso que Mrs. Stuart está desmaiada.

— Mrs. Stuart?

— Sim. Conhece-a? Vamos libertá-la. As duas moças levantaram o frágil corpo de Joan, transportando-o para o salão de jôgo. Peggy não se deu ao trabalho de fechar a porta novamente. O problema era transportarem-se as três, sem despertar o

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

NAVIO-FANTASMA

(Cont. da pág. 51)

"INSOLAÇÃO", DISSE O COMANDANTE

Eu não era da mesma opinião, mas preferi não discutir. Estávamos ao sul das Marianas, mas evitamos a rota de navegação normal. Também o telegrafista recebeu ordem de só entrar em contato com outros navios com ordem expressa do comandante. Nossa marcha era sempre a mesma, dez a onze milhas por hora. Depois de quatorze dias de viagem começou o desastre. Estava de quarto, eram duas horas da tarde quando notei leve cerração; parecia que um véu finíssimo estava sôbre meus olhos. Notei também um bando de ratos saindo das carvoeiras e das escotilhas. Ratos em tal quantidade no convés durante o dia indicam sempre perigo. Todos dormiam nos seus camarotes com exceção do pessoal das máquinas e do timoneiro. O tempo estava firme e o barômetro alto. Segundo o boletim meteorológico, nada havia a temer. Às seis horas veio o capitão para me render e respondeu com um gracejo ao meu relato sôbre os ratos. Carregava sempre consigo pequena maleta amarela onde guardava documentos e papéis protegendo-os da curiosidade alheia. Quando adormeci notei que as máquinas trabalhavam mais devagar. Às duas horas da manhã o timoneiro me acordou. No passadiço o 1.º pilôto queixava-se de dores no estômago e cansaço, tinha olhos amarelos como um doente do fígado. O timoneiro queixou-se das mesmas dores e às quatro horas da manhã chegaram as primeiras notícias alarmantes da casa de máquinas.

A SITUAÇÃO TORNOU-SE CRÍTICA

O chefe de máquinas comunicou que todos os foguistas e maquinistas sofriam dores de estômago horríveis, ninguém estava em condições de trabalhar. Às seis horas da manhã relatei o ocorrido ao comandante, mas êle não levou a sério a minha comunicação. "Diga ao pessoal para não beber tanta água. Com nossos documentos não é possível arribar a Honolulu", disse êle. Enquanto isso o vento aumentou de fôrça e o navio começou a jogar. Ainda não o sabia, mas êsse vento era o princípio do fim. Fui dormir mas pouco depois fui acordado por um marinheiro: o 1.º pilôto queria falar comigo. Quando cheguei no passadiço encontrei-o num terrível estado de excitação. "Olhe", gritou, mostrando-me um marinheiro caído, "mandei-o buscar uns cabos e repentinamente êle caiu. Fui lá e vi que estava morto". Pela primeira vez na vida fui tomado de pânico. O navio jogava como louco. "Que há com a pressão das caldeiras?", disse ao 1.º pilôto. "Pergunte ao chefe de máquinas". Êle levantou a tampa do tubo acústico e ainda escutei-o falando: "Alô, chefe de máquinas..."; depois o vi aproximando-se, cambaleando e com os olhos querendo saltar das órbitas. Quis falar alguma coisa, seu rosto contraiu-se, tombou no chão, ajoelhei a seu lado mas já estava morto. No mesmo momento o timoneiro largou o leme e saiu, fechando atrás de si a porta. Não houve meio de convencê-lo a voltar. Parecia que

TODOS ESTAVAM LOUCOS!

Então eu próprio perdi a cabeça. Ordenei ao timoneiro que acordasse tôda a tripulação e colocasse mantimentos nos escaleres. Eu próprio corri ao camarote do comandante e lhe contei o que se passava. "Volte imediatamente ao passadiço", gritou raivoso. "Eu vou à casa de máquinas". Foi e nunca mais voltou. Esperei mais meia hora e então acordei o telegrafista. Era o sujeito mais calmo que já encontrara. "Não é nada", disse. "A causa de tudo é a carne em conserva". Não discuti muito tempo com êle. Corri ao camarote do comandante e lá encontrei sua maleta amarela. Abri-a e remexi os papéis, entre os quais encontrei o manifesto de carga. Minha suspeita se confirmava. Nas 15.000 caixas havia latas com nitroglicerina, ácido sulfúrico e cianeto de potássio. Nas instruções da carga estava escrito: "O acondicionamento não é à prova de mar. As caixas deverão ser acondicionadas separadas em porões distintos, nunca perto das caldeiras ou carvoeiras!". De um golpe entendi o que se passara. Com o jôgo do navio algumas caixas de cianeto de potássio e ácido sulfúrico deveriam ter sido derrubadas. As latas vazaram e o gás mortal penetrara na casa de máquinas e camarotes da guarnição pelos tubos acústicos e tubos de ventilação! O pavor arrepiou-me. Se o navio continuasse jogando, também a nitroglicerina poderia vazar e, por meio de algum choque, explodir — e tínhamos vinte caixas a bordo — a morte! Nada fôra acondicionado direito. Corri ao camarote do telegrafista.

"TRANSMITA IMEDIATAMENTE PEDIDOS DE S.O.S.!"

Não compreendeu por quê. "Transmita nossa posição. Comunique que estamos desgovernados. Peça auxílio médico!". Discutimos alguns minutos — não pude convencê-lo do perigo que nos ameaçava. Êle só pensava em seus papéis. "Faça o que você quiser", gritei e voltei ao convés. Todos os tripulantes estavam reunidos como ordenara. Expliquei-lhes a situação, o perigo em que estávamos. A maioria não me entendeu. Tive que agir depressa. "Quem quiser seguir-me, venha comigo". Fui para um escaler. Só seis homens vieram comigo. Descemos o escaler e remamos rumo às ilhas Marshall. A viagem foi terrível. Tivemos de vencer 250 milhas. Na noite do quinto dia morreu o primeiro, na manhã seguinte o segundo. O tempo estava firme mas o calor mortal. No nono dia estava todo coberto de furúnculos, mas continuei remando com dois homens. No décimo-primeiro dia era o único sobrevivente. Que aconteceu depois, não sei. Deitei no fundo do escaler e esperei pela morte. Isto é tudo, padre. Sofri horrìvelmente..."

---

vigia. Joan, sentindo o sangue novamente circulando em seu corpo, abriu os olhos.

— Miss Stone! Você veio salvar-me! Rezei tanto para isso.

— Agora não há mais perigo. Julie vai ajudar-me a transportá-la para o carro.

— Não quero voltar para casa. Êles acabariam matando-me.

— Não se preocupe. A senhora vai para minha casa e ficará em segurança.

— E eu? — perguntou Julie ansiosa.

— Você também, menina. Ambas ficarão sob os meus cuidados. Não seria conveniente que ficassem à mercê dos criminosos. Acabariam por liquidá-las, mesmo sem encontrarem o colar de safiras.

— O colar, Miss Stone. Disseram-me que me matariam se eu não dissesse onde escondi o colar. Sabem que está com você e por certo a perseguirão também.

— Não se preocupe. Agora tenho uma apresentação a fazer... bem, creio que preciso retardar um pouco. Antes de mais nada precisamos sair daqui. Se pensassem em voltar e nos encontrassem.

Conseguiram passar pelo vigia sem despertá-lo. Em poucos minutos Peggy deixava o carro na garagem e fazia funcionar a mola secreta da entrada de sua casa.

— Aqui tenho uma cama de solteira onde Mrs. Stuart poderá descansar. Quanto a você, Julie, use esta cama de campanha que não é de todo inconfortável.

— Tenho uma fome terrível. Desde ontem que não me dão nada para comer.

— Há uma pequena geladeira aqui. Tenho neste laboratório tudo quando se faça necessário para a estadia aqui, até de um mês. — Peggy colocou uma toalha sôbre a mesa e serviu frios e pão. Em poucos minutos as três faziam uma ligeira refeição.

— Ia-me esquecendo de apresentá-las. Esta senhora é Mrs. Joan Stuart ou Jóia Sam... sua mãe, Julie. E esta é Julie Samson.

— Julie Samson! Como a procurei...

— Jóia Sam... Joan Stuart... Joan Samson... Oh! Minha mãe!

— Peço-lhe que me perdõe, Mrs. Stuart, mas tive que cometer uma indiscreção, violando o proibido. Se eu não tivesse quebrado o sêlo do envelope que me foi confiado pela senhora, nunca poderia tê-las libertado. Marty e Stanley facilitaram a minha tarefa aprisionando as duas. Compreendi que me ocultava alguma coisa importante quando falou que dentro de três meses teria uma solução definitiva para seu problema. Se me tivesse confiado desde o início que procurava sua filha, de quem estava separada há muitos anos, ter-me-ia sido bem mais fácil pô-la em comunicação com ela.

Como descobriu que ela era minha filha?

— Fui ao escritório de Stanley e lá a conheci como secretária dêle. Surpreendi uma conversa entre ela e Johny, um jovem detective. Ainda o procurei, mas nada consegui. Gente discreta que me apareceu!

— Como descobriu o esconderijo?

— Eu não seria uma boa detective se não pudesse descobrir entradas secretas. Marty levou-me ainda ontem para conhecer o salão de jôgo. Fiz um rápido estudo do local e raciocinei sôbre as possíveis outras entradas. Geralmente, há sempre uma saída secreta pelos fundos e nesse caso a única possível era pela garagem. Aliás, não há muita inteligência na distribuição dos "segredos" do cassino.

— Sabe por que nos raptaram?

— Imagino, mas quero que a senhora me conte como aconteceu.

— Eu saí para fazer uma compra. Meu carro estava enguiçado, segundo me falou o motorista. Apanhei um de aluguel e não mais fui senhora dos meus atos. Trouxeram-me para cá e ficaram interrogando-me até há bem poucas horas. Queriam saber onde estava o colar e quando respondi que nunca saberiam porque êle pertencia à minha filha, disseram-me que ela estava morta. Chorei tanto, mas não cedi. Êles seriam capazes de matá-la se a soubessem possuidora da jóia.

— Está tudo claro, agora, mas, infelizmente, não podemos fazer coisa alguma contra êles por falta de provas. De nada adiantaria prendê-los e deixar seus cúmplices em liberdade. Tenho o palpite de que só descobrirão a fuga de vocês dentro de algumas horas e eu não poderei ficar aqui porque quero estar no apartamento de Ane Aney quando Marty aparecer por lá.

Peggy ergueu-se. — Podem ficar à vontade. Há mais víveres na despensa que poderão usar. Quando não houver perigo para vocês virei buscá-las.

— Obrigado, minha filha. Deus a abençoe.

Não seria mais de sete horas da manhã quando Marty tocou a campainha da porta. Peggy, na pele de Ane Aney veio abri-la, ainda estremunhando de sono.

— Alô! Querido. Entre que vou fazer um cafèzinho para nós.

Marty olhou-a e a ruga que lhe marcava a testa foi-se desfazendo. Êle achava Ane Aney maravilhosa assim metida num pijama de sêda e os cabelos negros embaraçados, aparentemente, é claro, a pele fresca, sem artifícios. Se alguma desconfiança o levara ao apartamento da moça, estava desfeito. Positivamente, a criatura angelical que o recebia tranquilamente não poderia estar implicada na fuga de sua tia e sua prima.

— Ane, querida, perdoa-me...

— Perdoá-lo por que, meu bem?

Marty tomou-a nos braços e beijou-a.

— Desconfiei de você.

— Você nunca fêz outra coisa a meu respeito. — disse ela fugindo.

— Prometo confiar pelo resto de nossas vidas.

— Resto... Resta bem pouco, Marty.

— Por quê? Que pretende dizer com isso?

— Pretendo voltar para minha terra. Estou saudosa de minha família...

— E quando voltará?

— Quer que eu volte?

— Não a deixarei ir... sem sua promessa de voltar.

Embora cantando seu triunfo sôbre aquêle bandido civilizado, Peggy sentiu uma grande tristeza, sabendo que aquela seria a última vez em que Marty a beijaria. Afinal êle era um bandido bastante gentil e lhe parecia que daria um ótimo espôso... para uma jovem que não fôsse detective.

Naquele mesmo dia Peggy procurou o tenente Cummings.

— Tenho um caso liquidado para o senhor. Tudo quanto deve fazer é dar uma batida no "Flor de Lótus".

— Já dei um milhão de batidas ali e não descobri coisa alguma.

— Mas agora descobrirá... se fizer exatamente o que eu mandar.

Cummings anotou tudo quanto Peggy lhe disse. — Espero que dê certo, Miss Stone.

(Cont. na pág. 47)

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.



CLÁSSICOS

BACH - Goldberg Variations
Wanda Landowska, Harpsichord

BEETHOVEN
Symphony N.º 1 In C Minor
BBC. Symphony Orchestra
Dir.: Arturo Toscanini

BRAHMS
Sonata N.º 3 In D Minor Op. 108
Isaac Stern, Violino and
Alexander Zakin, Piano

CHOPIN
Etudes Op. 10 - Etudes Op 25
Alexander Brailowsky, Piano

FALLA
Seven Popular Spanish Songs
Carmen Torres, Soprano

DVORAK
Symphony N.º 5 In E Minor (New World)
Rochester Philharmonic Orch.

MOZART
Concerto In C Minor K-491
Orchestra Symph. Of Paris

Requiem Mass
University of Pennsylvania Choral - Society and Philadelphia Orchestra - Dir.: Harl Mc Donald

OFFENBACH - Gaîté Parisienne
Boston "Pops" Orchestra
Dir.: Arthur Fiedler

RACHMANINOFF
Concerto N.º 2 In C Minor Op 18
The Liverpool Philharm. Orch.
Dir.: Sir Malcolm Sargent
Cyril Smith, Pianoforte

SCHUBERT
Symphony N.º 5 In B Flat
Boston Symphony Orchestra
Dir.: Serge Koussevitzky

Symphony N.º 9
Vienna Philharmonic Orchestra
Dir.: Herbert Von Karajan

SCHUMANN
Études Symphoniques Op. 13
Alexander Brailowsky, Piano

SMETANA - The Moldau
Boston "Pops" Orchestra
Dir.: Arthur Fiedler

STRAVINSKY - Petrouchka Suite
Philadelphia Orchestra
Dir.: Leopold Stokowsky

Acabamos de receber muitas outras famosas gravações. Clássicos e Populares. Visite-nos.

SECÇÃO DE DISCOS
MESBLA
RUA DO PASSEIO, 48-54

A SAÚDE DO BEBÊ

DISTURBIOS DO LEITE ANIMAL NA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

NO alactamento pelo leite de vaca os distúrbios nutritivos do bebê costumam trazer em si efeitos bem mais graves do que os do alactamento natural, não só porque o mais frequente sintoma — a diarréia — apresenta-se com maior violência, como também, porque o elemento infeccioso, em muitas ocasiões, estará associado ao êrro alimentar.

No primeiro trimestre os efeitos das desordens gastro-intestinais são sempre sérios, no alactamento artificial, por isso que, nesse periodo, a água se encontra fixada nos tecidos ainda de maneira pouco estável e proporcionalmente muito elevada em relação ao próprio pêso da criancinha.

Da maneira que se observa a rápida queda do pêso, com a diarréia, ficando a criança reduzida, em questão de horas, a um feixe de ossos em um como saco constituido da pele ressequida e frouxa.

Êsse é o caso mais frequente com o leite de procedência suspeita e não corrigido convenientemente, no seu preparo, principalmente pelo acréscimo de farinhas em proporções certas.

No leite aguado ou dado puro à criança, o que se verifica, em geral, no primeiro caso é o estado de fome crônica da criança, atestado antes de mais nada no seu desenvolvimento retardado; no outro, o fenômeno mais constante é o das fezes duras, expelidas com esfôrço, branquicentas.

Acontece, porém, que, em face dos sinais acima resumidos do leite aguado ou dado puro à criança, começam a experimentar outras misturas na alimentação da criança; e então a criança, já em deficit, no primeiro caso, e predisposta, no segundo, aos distúrbios alimentares por mau preparo do alimento, é vitimada por uma grave perturbação de que é a diarréia, sempre, o sintoma ao mesmo tempo mais saliente e também mais grave.

O pêso diminui dia a dia e a criança caminha a passos largos para a atrofia.

Não basta, então, apenas estabelecer a *dieta hidrica* ou a *clássica agua de arroz*, e voltar ao regime desconchavado antes em uso, e que levou a criança à diarréia grave.

E' preciso seguir normas severas, adotando um regime alimentar correto sob todos os pontos de vista e capaz de restituir à criança tecidos firmes e com uma boa fixação da água, restituindo-lhe ao mesmo tempo boas defesas naturais asseguradas, principalmente, pelas vitaminas.

Geralmente, nas perturbações ocasionadas pelo leite de vaca com diarréia profusa as células digestivas são lesadas, efeitos êsses devidos principalmente às gorduras do leite animal, que dão ácidos irritantes para a mucosa intestinal. O meio intestinal desde então torna-se favorável à polulação de germes favoráveis aos processos fermentativos, mudando-se a sua reação normal, que é alcalina, para ácida. O intestino trabalha ativamente, a fim de neutralizar essa acidez, mediante secreções albuminosas que aparecem nas fezes sob a forma de *mucus*.

Nesse meio ácido os açúcares do leite e as farinhas apenas exacerbam as manifestações diarréicas, pois os germes da fermentação dominam o intestino nessa fase, isto é, o distúrbio alimentar já se complicou naturalmente de uma infecção por êsses germes.

Conclusão a tirar é que o regime a instituir-se nessa altura das desordens, deve fugir de tôdas as maneiras a quaisquer possibilidades de ensejar as fermentações. Qualquer descuido nesse particular vai sòmente comprometer o êxito do tratamento.

E' justamente o que acontece em muitas ocasiões. A criança, graças à dieta hidrica, melhora dos sintomas gastro-intestinais, mas quando voltam a alimentá-la reaparecem todos os sintomas anteriores. Se isto se repete algumas vêzes, é evidente que a criancinha se vai tornando cada vez mais nanica, mais fraquinha e sem defesas.

Como, além das gorduras menos bem toleradas do leite animal, êste muitas vêzes veicula milhões de germes patogênicos, isto é, causadores de infecções, saltam aos olhos que, no emprêgo do leite animal no alactamento da criancinha, pesam sempre sôbre esta a ameaça de uma desordem gastro-intestinal, umas vêzes puramente alimentar e na maioria das vêzes já uma verdadeira infecção.

A escolha, entretanto, do leite animal é uma tarefa dificil, do ponto de vista de sua pureza de germes, porém, não deve ser dado sem maiores exames de sua boa procedência.

Encontrado com essas precauções, já se reduz de muito os seus perigos, e então o outro cuidado é prepará-lo, de forma que sempre leve farinhas, sob a forma de mingau-lacteo.

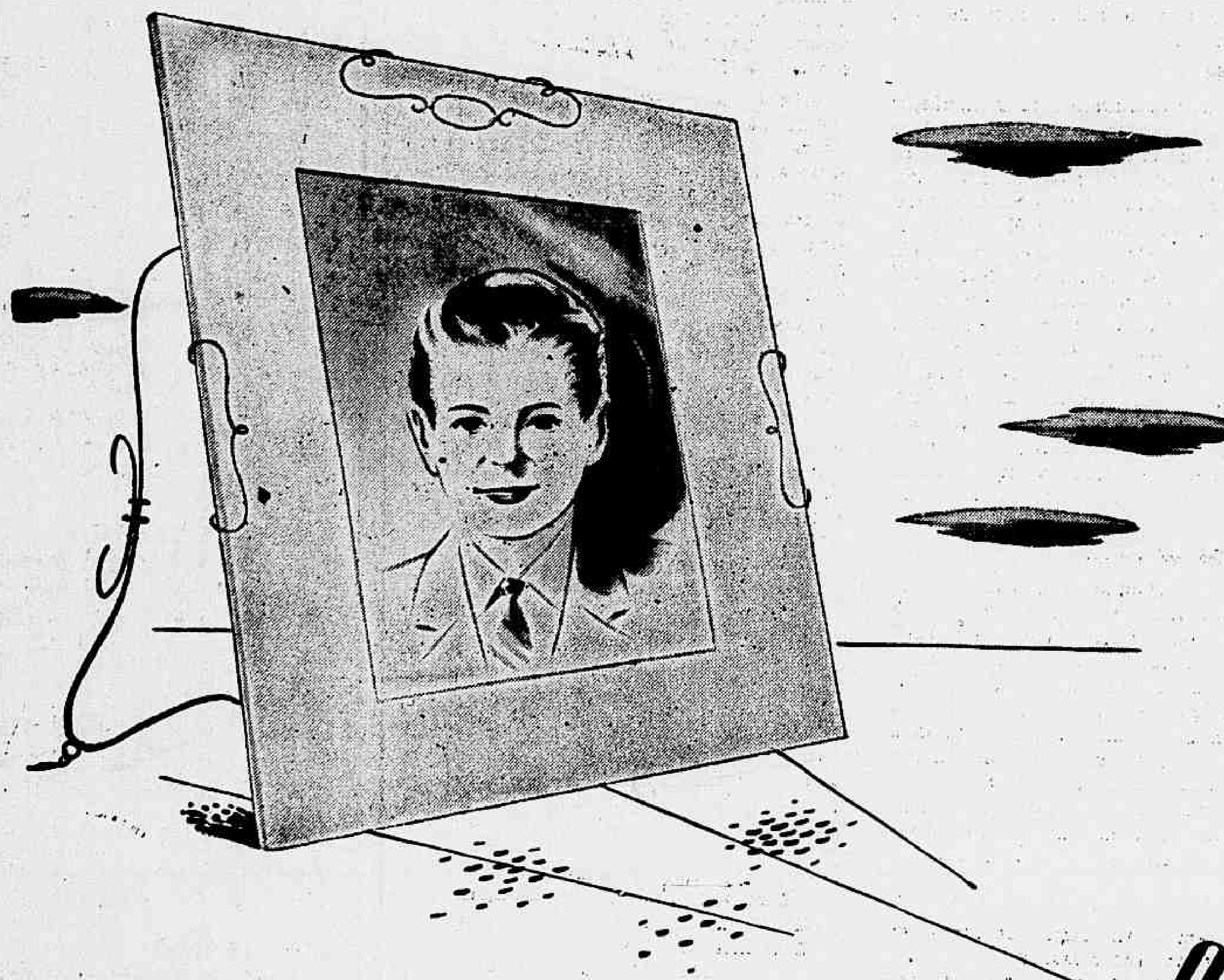
Até 3 meses, 1 colher de chá de farinha:

Acima e até 6 meses, 1 ½ colheres.

Depois de 6 meses, 2 colheres de chá.

Quanto ao leite, até 3 meses — metade de leite, metade de água. Dos 3 aos 6 meses, 2/3 leite, 1/3 água.

As quantidades de açúcar acompanham as de farinha, cada mamadeira. Em regra, conforme a idade, mamadeiras de 100, 150 e 180 cc. Em resumo, os distúrbios do alactamento pelo leite animal provêm em geral, quer de sua maior facilidade em provocar infecções pelos germes que habitualmente veicula quer pelo mau preparo das mamadeiras. Quando se constatem tais desordens, o primeiro cuidado é a dieta hidrica, e passadas 12, 24 horas a chá mate, água adoçada com sacarina, voltar a realimentar a criança com o leitelho e só depois com o leite pròpriamente, em regime adequado.



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

BONECA DE PIXE...

(Cont. da pág. 13)

côr de um país estrangeiro creditado junto ao nosso govêrno. Convidado a ocupar o microfone, teve ocasião de enaltecer a obra que está realizando o Teatro Experimental do Negro e os organismos anexos para a maior emancipação dos pretos em nosso país e terminou sua oração trazendo o abraço dos haitianos aos brasileiros, na pessoa de Abdias Nascimento, e mais do que isso, o abraço e a solidariedade dos pretos do Haiti aos pretos do Brasil. Ruth de Souza, a nossa festejada artista colored, de teatro, em nome das candidatas e dos que promoveram a festa, entregou uma corbeille de flores à embaixatriz do Haiti. Enquanto isso o baile decorria normalmente e animado. Os pares rodopiavam elegantemente no amplo salão, misturando-se as duas raças, a preta e a branca, sem preconceito algum, sem manifestação alguma de superioridade devida à côr.

Quanto à finalidade do concurso, relataremos as declarações do próprio Abdias Nascimento. Disse-nos êle que acima do valor material dos prêmios, o concurso da "Boneca de Pixe" proporciona às mulheres negras uma oportunidade de se projetarem socialmente, de se valorizarem através dessa demonstração pública, pelo seus predicados, suas virtudes, pela vivacidade mental, graça, elegância, e, sobretudo, pela integração no que há de mais categorizado em matéria social. A iniciativa visa adestrar a mulher de côr para a vida social das classes mais elevadas da nossa comunidade, procurando despertar entre elas o gôsto pela eugenia, premiando ao mesmo tempo, seus dotes de beleza, educação e cultura. Não é, portanto, um concurso meramente esportivo, mas tem em sua base objetivos que vão além de um simples rosto bonito ou de um corpo bem feito. Êsse esfôrço para integrar plenamente os pretos na vida em comum que deveriam levar os brasileiros sem distinção de espécie alguma, estêve patente em tôda a noite da festa. Entre os rapazes e as mocinhas de côr percebia-se fàcilmente quais os que já estavam acostumados com reuniões daquele tipo e os que ainda não tinham traquejo suficiente e desembaraço. Mas êsse fato podia ser observado também entre os brancos, e será fácil também ao leitor verificá-lo nas festas só para brancos, o que evidencia, uma vez mais, que o homem é fruto da sociedade. Gozando de uma educação igual, só os diferencia a côr. No baile, pelo menos numa coisa os pretos estiveram bem acima dos brancos e dominaram. Foi na tendência natural que êles têm para os ritmos, nacionais, centro e norte-americanos. A leveza e a graça com que êles deslisavam, o sincronismo com o compasso da música, a cadência lânguida ou viva, sensual ou frenética, suave ou arrebatada, os passos diferentes que êles improvisavam e mais o gingar dos corpos fizeram-nos admirar por quantos assistiram à festa. Êles são os verdadeiros mestres do ritmo. Possuem-no no sangue, há muitas gerações e aos poucos, através da música e dos passos de dança que durante séculos foram os únicos lenitivos que podiam opor aos maus tratos dos brancos, vão conquistando os descendentes dêsses mesmos brancos. Mais uma vez a música consegue o que foi impossível à instrução, às filosofias, à ciência e até mesmo às religiões: a igualdade dos homens.

Das candidatas ao título de "Boneca de Pixe", quatro avantajaram-se logo sôbre as demais, ficando, em seguida, a luta restrita entre Antonina Barros, representante do bairro da Glória, e Caty Silva, do Maracanã. Na penúltima apuração, às duas da madrugada, Caty já levava vantagem sôbre Antonina em mais de oito mil votos. Encerrada a votação às duas e meia, era dado a conhecer o resultado com as seguintes colocações: 1º lugar — Caty Silva — "Boneca de Pixe de 1950", com mais de 70.000 votos; 2º lugar — Antonina Barros, com cêrca de 40.000 votos; 3º lugar — Nelly Santos, de Santa Teresa, com 18.000 votos e em 4º lugar — Iracilda Morais, da Abolição, com cêrca de 10.000 votos. Aplaudida por todos, Caty Silva, de 21 anos, professôra de costura e bordado, agradeceu quantos favoreceram a sua eleição e entrou logo na posse dos prêmios e do título que manterá até o próximo ano quando será eleita nova "Boneca de Pixe".

Bonita festa e, acima de tudo, limpa e decente, dignificando seus promotores e tôdas as pessoas de côr que apareceram e mostraram aos convidados brancos que êles também possuem trato e "finesse" para tomar parte em qualquer festa que a sociedade brasileira dê. Pena que das muitas "Misses" e "Rainhas" brancas que foram eleitas durante o ano, nenhuma tenha comparecido para prestigiar a eleição da colega e "brasileira" Boneca de Pixe.

O MISTÉRIO DO COLAR...

(Cont. da pág. 45)

Seria ridículo se eu fizesse isso e nada conseguisse.

— Conseguirá, descanse.

À tarde, Peggy fêz sua habitual visita ao advogado Stanley. Notou que o homem estava agitado, com a ausência da secretária.

— Miss Samson não veio hoje?

— Não, Miss Stone. Nem telefonou e eu estou deveras preocupado. Já liguei para o apartamento dela e ninguém atendeu.

Peggy compreendeu a aflição do homem. Naturalmente êle já sabia que a moça fôra libertada do esconderijo do cassino mas não poderia de modo algum imaginar a relação dessa fuga com a presença de Peggy.

— Se lhe posso ser útil em alguma coisa, disponha. Também sei escrever à máquina, com um pouco de explicação...

— Talvez eu possa admiti-la como minha secretária... se Miss Samson não aparecer nem der a necessária satisfação.

— Disse-lhe que tenho um emprêgo garantido e só lhe poderei prestar auxílio agora, que nada tenho a fazer.

Peggy notou que o advogado não seria capaz de ditar uma linha, sequer, tal a sua preocupação. Certa de que nada conseguiria dali, Peggy despediu-se de Stanley, dirigindo-se para a chefatura de polícia.

— Muito bem, Miss Stone. A primeira parte do seu programa, deu certo. O motorista de Mrs. Stuart não teve dúvidas em confessar que estava sendo pago pelos irmãos Stuart para vigiar a dona do colar. Fôra êle ainda quem dera busca em seu apartamento, tendo por objetivo encontrar a jóia. Fôra o próprio Stanley quem assassinara o tabelião George Moran, que o surpreendera quando tentava arrombar o cofre para procurar o documento. Êle era ainda sócio de seu irmão, embora pùblicamente fôssem estranhos um ao outro.

— Se fizer tudo quanto recomendei, terá um sólido motivo para trancafiar os dois tratantes. Não esqueça: o terceiro botão do quarto espêlho.

(Continua no próximo número)

CORREIO DA REVISTA

F. F. G. (Rio) — Cultíssimos os seus dois contos. Naquele tipo de papel escreva, no mínimo, três fôlhas.

Loiva Leiria Borba (Rio) — Aprovado o conto "Outro Caminho". Com relação ao segundo, já aprovado também, achamos preferível não lhe mudar o nome. Que nos diz?

O. C. (Carangola, Minas) — Não foi aproveitado o seu conto "O Lenço Bordado". E' conveniente aperfeiçoar mais o português e melhorar o estilo. Evite o excesso de parênteses. Vemos que possui idéia, boa imaginação; mas não basta isso. E' preciso dar forma literária e empregar um vernáculo mais perfeito. Quanto ao "Obrigado, São Pedro", pode mandar. Roma não se fêz num dia.

O. P. (Rio) — Para inscrever-se no Curso de Literatura, Português e Estilística, sob a direção de Renato de Alencar, dirija-se ao mesmo no endereço indicado, isto é, Av. Rio Branco, 117, 3º andar, sala 105. Pode solicitar informações pelo correio.

M. O. A. (Cidade do Salvador) — Não foi possível aprovar sua colaboração. Escreva um conto e nos mande; mas escolha motivos nacionais e que interessem ao leitor.

M. F. de A. (Campos) — Solidariedade é um conto de aspecto nitidamente político-partidário, o que nos impede de publicá-lo. Quanto à linguagem, está muito bom. Parabéns. Remeta outro dentro das condições aceitáveis.

Vera Milward de Carvalho (Caxambu) — Continuamos a aguardar o seu pronunciamento em relação ao pedido que lhe fizemos em uma de nossas edições anteriores.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

O SÊGREDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural. Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso



FREDERICO TROTTA

Antigo Vereador pelo Partido Autonomista 1935—1937
Ex-Governador dos Territórios de Iguaçu e de Guaporé

BRASILEIRO!

Dá teu voto em defesa da Democracia e dos interêsses do Povo e da Tua Cidade.
Manda novamente, com teu sufrágio para a CAMARA MUNICIPAL, aquêle que sempre estêve a teu lado:

FREDERICO TROTTA

Sua atuação no passado, garante sua ação no futuro.

★

P.S.T. P.S.T.



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicílio — RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

MÚSICA

TEMPORADA DE ARTE NACIONAL

ROBERTO LYRA FILHO

DEPOIS de conseguir, em "O Trovador", um sucesso que registramos, oportunamente, Nadir de Melo Couto encarnou, mais uma vez, a frágil e graciosa Mimi, na "Boheme", papel que ela domina, em criação vocal e cênica das mais valiosas.

Em diversas temporadas, Nadir de Melo Couto tem cantado, com encantadora delicadeza, a música inspirada de Puccini. E, de ano para ano, vai aperfeiçoando o seu trabalho, aproveitando, inteligentemente, as lições da experiência. Assim, se, desde a sua estréia, como Mimi, mereceu o incentivo dos mais calorosos aplausos, não se contentou com a vitória conquistada e, desde então, tem procurado acrescentar novo colorido ao seu desempenho, tornando sempre mais requintada e sutil a interpretação.

Voltando, êste ano, ao palco do Municipal, Nadir de Melo Couto atestou o sucesso e o rendimento dessa atitude, que muito lhe recomenda a integridade artística. O apuro, a finura, a sutileza de sua Mimi constituem o prêmio do estudo, dos esforços no sentido de valorizar, plenamente, os seus recursos vocais e dramáticos, através de utilização governada pelo bom-gôsto, pela sensibilidade.

Ao lado de Nadir de Melo Couto, um veterano, o sr. Roberto Miranda revelou razoável desembaraço e, conquanto não disponha de voz das mais atraentes, sendo evidentes, mesmo, alguns defeitos de emissão, pelo menos o seu corportamento discreto fêz com que êle não comprometesse o conjunto.

Totalmente diferente foi a posição, no elenco, do sr. Raul Gonçalves, uma das figuras mais importantes dentre as novas aquisições da nossa cena lírica. Marcelo é um personagem que, musicalmente, não oferece grandes oportunidades ao cantor; mas, tanto quanto possível, o sr. Raul Gonçalves soube dar ao papel o relêvo de uma atuação vocalmente brilhante e dramàticamente adequada.

Carmem Sobral exagerou demais a sua Musetta. Irriquieta, buliçosa, cheia de vivacidade, forçou a nota cômica, no segundo ato. Vocalmente, não se destacou muito. Sua voz merece mais cultivo, a fim de poder enfrentar um papel de responsabilidade.

Os demais membros do elenco atuaram sem maior relêvo.

FOSCA

A *rentrée* de Maria Helena Martins constituiu grande e merecido sucesso. As qualidades que admiramos, há alguns anos, se desenvolveram, extensão e volume mais amplos, mais generosos, guarnecem-lhe, agora, a voz opulenta, posta a serviço de um temperamento vigoroso, capaz de atingir acentos de nobre eloqência, emoção e dramaticidade. Parece-nos, entretanto, que Maria Helena Martins está forçando um pouco a sua voz que será, antes, um extenso mezzo-soprano, e não, pròpriamente, um soprano dramático, como exige a "Fosca". Assim, se os graves e o registro médio soaram com brilho e valor, os agudos, emitidos com esfôrço e não raro cortados, abruptamente, revelaram que Maria Helena Martins sentir-se-ia mais à vontade numa Amneris, por exemplo, do que como Fosca. Entretanto, tôdas as vêzes que a música descia para um registro mais dentro de suas possibilidades, ela atestava o vigor, a beleza de sua voz, numa interpretação dentro da linhagem da escola italiana, pelo calor, pelo entusiasmo, pela vibração dramática. E' uma figura que a nossa cena lírica não pode dispensar.

O espetáculo progrediu, de ato para ato, culminando no terceiro, quando a platéia ovacionou Maria Helena Martins, Araci Belas Campos e Paulo Fortes.

Ópera raramente ouvida entre nós, a "Fosca" é, musicalmente, o ponto mais alto da produção de Carlos Gomes. Raramente êle atingiu uma unidade de concepção e realização musicais tão adequada ao teor do libreto, que se funde, em páginas inspiradas, com a partitura.

Justamente no terceiro ato, os intérpretes encontraram veículos magníficos para suas vozes e fizeram valer a beleza da música.

Maria Helena Martins encontrou, ali, para ostentar a robustez de sua voz, trechos que se apoiam nos seus graves emitidos com segurança. Paulo Fortes comunicou entusiasmo e energia ao seu dueto com "Fosca". Tanto cênica como vocalmente, aliás, êste jovem baritono já comanda uma personalidade artística bem definida. Voz redonda, que corre bem, correta e segura no fraseado, aveludada quanto ao timbre, subjugou, com impecável *aplomb*, as dificuldades da partitura, revelando agilidade e dextreza. Aracy Bellas Campos, depois de intervir, discretamente, no segundo ato, foi felicíssima no terceiro. E' pena que, no registro médio e nos graves, a sua voz seja velada, sem o colorido e o brilho dos agudos. Êstes, ela emite com facilidade, ora atacando-os em cheio, ora dissolvendo-os em delicados pianíssimos. A tessitura da música dedicada a Delia, papel que interpreta, favoreceu-a bastante, no terceiro ato, pois permitiu que contrastasse em dueto, a frescura do timbre de sua voz com os acentos cálidos e aveludados da voz de Maria Helena Martins.

O sr. Carlos Walter não dispõe ainda da agilidade vocal que exige o papel de Gaiolo.

Já o sr. Alfredo Colóssimo dispondo, embora de vigorosa e potente voz, revela, logo, a inexperiência, a falta de mais estudo que o permitam emprega-la com eficiência.

Êsse tenor, cuja atuação cênica desajeitada e constrangida já foi por nós analisada, quando apareceu, no "Trovador", não domina, por outro lado, a voz forte que possui. Seus agudos, em geral estridentes, a falta de maleabilidade, de colorido de sua voz desagradam. E' certo, entretanto, que o aperfeiçoamento e o estudo podem transformá-lo num artista de valor. Por exemplo, se, no primeiro ato houve lamentável desencontro entre o sr. Colóssimo e a orquestra, já no quarto ato, dominado, certamente, o nervosismo que o perturbava, o mesmo cantor conseguiu impor alguma disciplina à sua voz, fraseando com mais fluência e suavidade. E o resultado foi tão compensador que esperamos vê-lo perseverar no bom caminho.

O ESTUDANTE

(Cont. da pág. 14)

reinava; a felicidade estava estampada em nossas fisionomias.

Criança ainda, comecei a frequentar a escola. No comêço foi preciso que minha mãe trouxesse uma boneca para que eu permanecesse lá. Sem dificuldade fui vencendo nos estudos, pretendendo terminá-los êste ano. Eis ai tôda a minha história.

— Voltamos à sala para dançar, quer?

Senti-me novamente radiante de felicidade; estava em seus braços, aquêles braços fortes que me seguravam agora com ternura.

Já estava ficando tarde; resolvemos ir embora. Marcamos encontro para o dia seguinte. Quase não dormi; as horas custavam a passar. Finalmente: 2 horas. Saio de casa, vou andando. O que terá acontecido na esquina? Quanta gente! Terá sido um desastre? Aproximo-me. Mas, o que vejo? Não estarei enganada? Será que o meu primeiro e único amor está morto? Não, não pode ser! Como louca chego-me a êle gritando o seu nome; mas é inútil, pois está morto. O meu grande amor não mais abrirá os olhos para ver o quanto eu o amava, não mais sentirei o calor dos seus braços, a ternura de sua voz e a carícia de suas mãos... Porque na vida tudo tem um fim...

DR. PENTEADO

(Cont. da pág. 38)

— Celso, de onde você tira essas coisas? Quem lhe conta isso? Só gente ilustrada pode falar dêsse jeito. Deve ser arte do capeta.

— Qual nada. O sentimento é universal. Os bons sentimentos são próprios das almas generosas. A intuição, o entendimento, a inteligência, não são prerrogativas de ninguém. Sei ler. E' o quanto basta. O caso da greve me foi contado por aquêle viajante alto. Depois...

— Deixe o depois para logo. Nem demos pela coisa: olhe o pasto ali.

★

A cerração impede a visão dos rapazes. Não foi fácil localizar os animais, que, por cautela, sempre se afastam das porteiras. No ângulo direito do pasto, o Frevo solta fumaça pelas narinas, enquanto o Pequira olha triste e resignado.

★

Montados em pêlo, os dois se apressam em regressar, a fim de seguirem viagem, antes que o sol nascesse.

Às 6 horas, passavam pela casa onde morou o dr. Penteado. Lá na saída da cidade. Cavalgando, lado a lado, os irmãos reatam a conversa.

— Pois é, Celso. Você agora há pouco estava achando errado uma porção de coisa, inclusive o fato de os pobres possuirem mais filhos.

— Acho mesmo.

— Olhe o caso do promotor, coitado. Foi quando você estêve no seminário.

— Que aconteceu?

— Se êle tivesse filho, talvez não chegasse ao fim que chegou.

— Conte logo; deixe de rodeio, rapaz.

— Quando o marido da Maroquinha foi transferido, veio em seu lugar o dr. Penteado. Disseram que êle era viúvo. A mulher havia morrido de câncer. O certo é que ninguém onhecia o seu passado. Aapareceu, com os seus 45 anos, e tomou conta da Promotoria.

No princípio, ficou hospedado no Hotel Central. Com o tempo, mudou-se para a casa que vimos há pouco. De casa para o Forum, do Forum para casa, além de algumas caminhadas fora da cidade, era o seu programa diário. Aos domingos, não saía. Diziam-no ateu, porque não ia à missa. O círculo de conhecidos se limitava aos funcionários da Justiça, assim mesmo lá no Forum, pois geralmente andava sòzinho. O povo, como você sabe, tendente à maldade, inventou que o infeliz estava com o diabo no corpo, a ponto de virar lobisome às sextas-feiras. Por causa dêsse boato, a criançada costumava acompanhá-lo de longe, em seus passeios solitários. Um garôto chegou a dizer que o homem estava próximo à porteira da chácara do Venâncio quando se transformou em grande cachorro de pêlo amarelo.

— E' verdade, João?

— Não acredito em lobisome. O dr. Penteado, no entanto, nos deixava receiosos. Com o passar dos tempos, os poucos amigos o abandonaram. Lamentava-se de não ter filhos. A preta velha, sua cozinheira, e um papagaio serviam-lhe de companhia. De tanto ouvir o clamor público, Sinhana deixa a cozinha do dr. Promotor e o larga só.

Depois disso, pouco se sabia da vida íntima do dr. Penteado. Além das audiências e das periódicas sessões do júri, quase ninguém o via ùltimamente. Sem parentes, sem amigos, o pobre homem se vai extinguindo, até que um dia o Juiz de Direito deu pela ausência dêle. Sempre correto, pontual, aquela falta devia de ser mau prenúncio. Comunicou-se o Juiz com o médico e lá se foram os dois rumo à casa do dr. Penteado. Como a porta da frente estava fechada, dão volta pelos fundos e forçam a porta da cozinha, que cede fàcilmente. Adiante, o doutor, pendurado na bandeira da porta do banheiro, bamboleia, com a língua de fora.

— Morto?

— Não. Brincando de enforcado.

FORA DE MODA...

(Cont. da pág. 5)

vem, à maneira americana, publicando interessantes anúncios de intercâmbio social e de casamentos.

E estamos seguramente informados que já se realizaram vários consórcios dessa maneira. Tudo indica que a humanidade tôda está retroagindo em questão de amor. Há verdadeira decadência do «flirt». Está fora da moda o amor à primeira vista. Agora os matrimônios são por correspondência como nos tempos medievais.

ONDE A MULHER SE OFERECE

Na referida seção de casamentos lemos êstes anúncios: «**Normalista**, morena, de cabelos oxigenados, 27 anos, 1,55, procura rapaz trabalhador, alto, 30-37 anos, para casar. Sou mineira e troco fotos. **Naty — Minas**».

Ai está uma professora à procura de um marido. Pelo seu anúncio vê-se que é uma moça modesta, não exigente.

Vejam agora o que diz essa gaúcha: — «**Loura**, olhos azuis, 1,57, 25 anos, simpática, educada, procura moreno alto, 25 — 35 anos, bem intencionado, estancieiro ou fazendeiro. **Gauchinha — P. Alegre**».

As vêzes a gente se sente deveras tentado a escrever a essas beldades que se oferecem assim tão candidamente. Mormente quando se trata de uma loura rica como esse anunciante:

«Loura, rica, bonita, 1,70, deseja corresponder-se com rapaz culto, maior de 30 anos, amante da filosofia espiritualista. — **Urgente — Campinas**».

VIUVAS ALEGRES E SOLTEIRAS SEM COMPROMISSO

Seria prolongar muito esta reportagem se transcrevêssemos todos os anúncios que achamos interessantes. Contudo afirmamos que há desde a viuva alegre à solteira sem compromisso, assim como os cavadores de dotes. Senão vejamos:

«Viuva, distinta, 50 anos, elegante, educada, prendada, de boa família, procura senhor simpático, bem colocado, ótima aparência, alto, para compromisso. **Princesa — Santa Maria**».

«Solteira sem compromisso, 31 anos, procura senhor, de 38-40 anos, simpático, bem colocado, de São Paulo. Sou morena clara, 1,63. — **Malaguenha — S. Paulo**».

«Procura-se jovem com posses, para casamento imediato. Sou moreno, simpático, educado, 21 anos, 1,65. Cartas para **Moreno — S. Paulo**».

A maioria dos anúncios é procedente do interior. Predominam os anunciantes do sexo feminino.

A razão disso está em que o homem emigra mais fàcilmente. E como o rio corre para o mar... correm... correm os homens para as capitais.

Quer para o serviço militar, quer em busca da nova vida. Daí ser maior o número de mulheres no interior do país. E daí também essa carência de amor.

OS REFRATÁRIOS AO CASAMENTO

Todavia, ao mesmo tempo que se esboça um movimento com o fim de incrementar os idealistas, os refratários ao matrimônio articulam-se.

Haja vista o que vêm fazendo os adeptos do existencialismo nese sentido. Há nas paredes do recém-fundado «Clube Existencialista de Copacabana», frases e pensamentos verberando o casamento, inclusive êste excêntrico testamento que, segundo contam, foi deixado por um pai ao seu filho:

Não te cases com mulher rica, porque há de chegar por fôrça o momento em que lance à cara a tua pobreza. Com mulher pobre também não deves casar, porque dois sacos vasios não param de pé. Não escolhas mulher bonita se não quiseres ver em tôrno dela um milhão de adoradores. Não busques porém, uma feia, porque te envergonharás de que alguém a veja em tua companhia. A mulher de mau gênio transforma a casa em um inferno; a de bom gênio representa o papel de vítima resignada.

Se tua noiva fôr alta, quererá dominar-se; se fôr demasiadamente baixa, te parecerá ridícula.

Não te cases com mulher muito instruída, porque quererá fazer vasa nas discussões; e se fôr ignorante, te fará passar maus quartos de hora.

A mulher velha nunca poderá fazer a felicidade de um jovem: a moça tem sempre inconvenientes.

Se, entretanto, encontrares uma mulher que não seja nem rica nem pobre; nem bonita nem feia; nem alta nem baixa; nem instruída nem ignorante; nem velha nem moça; não te cases também, meu filho!

PARA ONDE A LEVOU RANDY? TERIA LEE SEGUIDO OS DOIS ENAMORADOS?











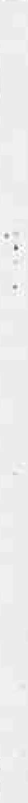






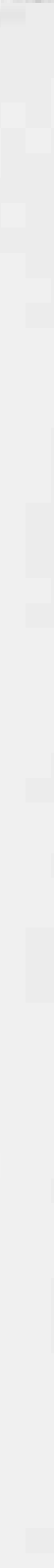
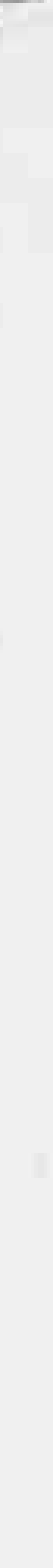
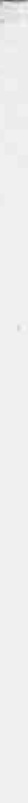
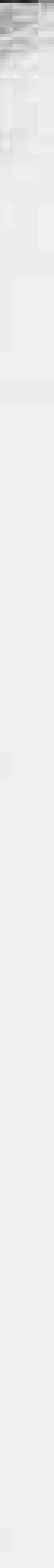
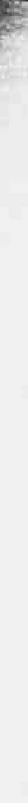
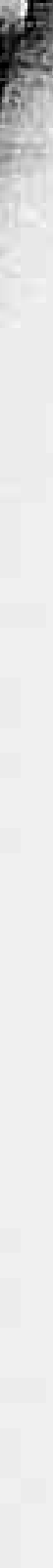











Continua

ROMANCE NA CHUVA



O «OURANG MEDAN», após haver pedido angustiosamente socorro, deixou de dar sinais. Pela posição, foi possível localizá-lo. Um silêncio macabro o rondava. O capitão do navio que correra em seu socorro subiu a bordo com alguns tripulantes. Havia sòmente cadáveres. Alertados, tiveram que abandonar as pesquisas. Ouviu-se uma explosão e o navio incendiou-se.

NAVIO FANTASMA

A HISTÓRIA DO "OURANG MEDAN" ★ EXCEDE A DO MOTIM DO "BOUNTY" E O AFUNDAMENTO DO "TITANIC" ★ NARRAÇÃO DA ÚNICA TESTEMUNHA OCULAR ★ DESVENDADO O MISTÉRIO ATRAVÉS DA NARRATIVA FEITA PELO ÚNICO SOBREVIVENTE DA TRAGÉDIA

Texto de WOLF KNEIP

I PARTE

A NARRAÇÃO DE SILVIO SCHERLI

"O mistério do "Ourang Medan" faz parte dos segredos que o mar nunca esclarecerá. Apesar de ter visto com meus olhos e tocado com minha própria mão os cadáveres dos vinte e dois marinheiros e seus oficiais no convés e passadiço, não tenho explicação para a causa da morte da tripulação dêste navio. As informações que se seguem baseiam-se em nosso Diário de Navegação.

Estávamos no princípio dêste ano a umas 400 milhas marítimas a suleste das ilhas Marshall, quando captamos do "Ourang Medan" na onda de 600 m o seguinte telegrama em inglês: "SOS from ship ourang medan stop pse ships with SW get urgent DH MEDICO stop". Em linguagem clara essa comunicação em código indica um pedido de SOS do navio "Ourang Medan" e significa: "Pedimos a todos os navios com transmissor de ondas curtas telegrafar por auxílio médico urgente para nós". Todos marítimos sabem que os navios sem médico a bordo podem a qualquer hora pedir auxílio médico por meio do rádio, havendo estações de ondas curtas que têm constante serviço de escuta para tais casos de necessidade e estão sempre em condições de entrar em contato com navios de passageiros ou de guerra, os quais têm no mínimo um médico a bordo. Mesmo assim êsse telegrama era estranho porque o telegrafista do "Ourang Medan" transmitira o pedido de socorro SOS antes do sinal do código pedindo auxílio médico DH MEDICO, o que indica circunstâncias extraordinárias visto que o SOS só pode ser dado quando há perigo direto para todo o navio e deve ser seguido pela indicação da posição. Perguntamos a nós mesmo se era o navio ou sua tripulação que estava em perigo, mas não perdemos tempo e repetimos o pedido de socorro na faixa de 41 m. Recebemos imediatamente resposta de diversas estações: "Médico disponível. Continue viagem". Respondemos: "Fiquem nesta faixa", e imediatamente voltamos à faixa de 600 m e comunicamos ao "Ourang Medan" que estávamos em contato com alguns postos de auxílio e pedimos nos indicassem imediatamente o que, afinal, êles necessitavam. Tivemos de repetir três vêzes nossa indagação e só depois de alguns minutos recebemos resposta, dada com o transmissor de emergência em vez da estação comum, o que só veio aumentar o estranho do caso. A resposta dizia: "SOS do ourang medan latitude 20 graus oeste longitude 17 graus sul pt estamos a deriva pt 1.º pilôto morto no passadiço pt comandante e chefe de máquinas mortos na casa de navegação pt possìvelmente todos os tripulantes na casa de máquinas mortos pt parte da tripulação...". Aqui a comunicação cessou repentinamente, isto é, ainda recebemos uma confusão de pontos e traços como se a mão do telegrafista ainda estivesse, no estertor da morte, batendo no manipulador. Unicamente duas palavras ainda foram entendidas: "ESTOU MORRENDO...".

Estou morrendo? Ainda telegrafamos diversas vêzes para o "Ourang Medan" em horas diferentes, da mesma forma outros navios e estações que tinham notado os pedidos de SOS, tentaram estabelecer contato com o "Ourang Medan", mas nem êles nem nós recebemos resposta. Só nos respondia o silêncio. Como a posição do "Ourang Medan" estava no nosso curso e como éramos o navio, entre muitos que navegavam esta noite no Oceano Pacífico, mais próximo do "Ourang Medan", resolvemos ir em seu auxílio. Naturalmente tínhamos várias hipóteses sôbre os acontecimentos no "Ourang Medan". Talvez houvesse fogo a bordo, talvez motim, talvez pirataria? Porém tudo que pudemos saber sôbre o "Ourang Medan" quando o descobrimos num registro chinês de navios, de antes da guerra, foram as indicações de que se tratava de velho navio de quarenta anos, de 5.000 toneladas, com uma chaminé, tinha mudado no mínimo umas dez vêzes de bandeira e de armador. Além disso o navio fôra, entre 1935 e 1937, dotado de quatro cobertas de madeira no seu amplo porão, para servir de transporte chinês de tropas. Era bastante claro que sua atual viagem só podia servir a qualquer interêsse inconfessável. Estudando o mapa calculamos que na melhor hipótese poderíamos atingir o "Ourang Medan" em dezesseis horas, levando em conta, naturalmente, a deriva em virtude de o navio ter comunicado que estava desgovernado. Como lá existem correntezas muito fortes, corrigíamos tôda hora nosso curso e telegrafávamos além disso tôda meia hora a comunicação: "Ourang Medan! Ourang Medan! Estamos nos aproximando a tôda fôrça." Porque muitas vêzes acontece que o transmissor falha mas o receptor continua funcionando, de qualquer maneira era possível que o "Ourang Medan" ainda estivesse nos escutando. Nosso navio navegava como nunca, a curiosidade fazia com que nosso pessoal trabalhasse ao máximo e assim chegamos a um recorde. Nossos cálculos demonstraram estarem certos quando pouco depois de meio dia, do dia seguinte, a cinquenta milhas da posição dada no pedido de SOS, avistamos um grande barco no horizonte, um pouco adernado para boreste, derivando lentamente com as máquinas paradas e sem bandeira. Quando chegamos perto lemos o nome — era o "Ourang Medan".

UM NAVIO DE MORTOS?

Nenhum ser vivo se mexia a bordo, nenhuma pessoa estava no passadiço. Três vêzes navegamos em tôrno do navio e não obtivemos resposta apesar de gritarmos com tôdas as fôrças no megafone: "Alô, alô — desejamos comunicação de bordo!". Será que estavam todos mortos? Um navio dêsse tamanho devia ter no mínimo 40 homens de tripulação! Para onde foram êles? Como já dissemos o navio estava um pouco adernado para boreste o que talvez fôsse devido à má distribuição do lastro ou consumo irregular das carvoeiras. Mas, segundo pudemos observar, o navio ainda se achava em perfeitas condições de navegabilidade, absolutamente não estava em perigo de ir a pique. Apesar disso sentimos que havia alguma coisa de estranho em tudo aquilo. Notamos que todos escaleres, com exceção de um, estavam nos respectivos turcos. Mas por que a tripulação abandonara o navio? Era possível que coubessem todos num só escaler? Enfim o comandante resolveu baixar uma baleeira e ver o que se passava a bordo do "Ourang Medan". O mar estava calmo, o tempo firme e depois de dez minutos encostamos a boreste do navio. O comandante, o 1.º pilôto, o telegrafista, dois marinheiros e eu próprio subimos, um por um, pelos cabos que estavam pendurados dos turcos. O restante do pessoal ficou na baleeira. Logo que pusemos os pés a bordo, nosso sangue gelou de susto e pavor. Só víamos cadáveres — até o cadáver de um cachorro lá estava. O estranho eram as posições contraídas dos mortos: estavam nas mais estranhas posições. Todos mostravam no rosto terrível expressão de pavor — olhos e bôcas estavam abertos como se o susto os tivesse matado. O comandante, apesar de atento, não pode constatar nenhum vestígio de sangue nem de morte violenta e mandou que se despisse inteiramente alguns dos mortos. A ordem foi cumprida, o 1.º pilôto examinou-os e confirmou que não estavam feridos nem tampouco foram estrangulados. Tratava-se na maior parte de mestiços, mas uma coisa todos tinham em comum — a expressão de pavor em seus rostos. Mas não tínhamos chegado ao fim de nossos sustos! Fomos ao passadiço e lá encontramos o corpo do 1.º pilôto — um branco. Também êle não apre-



FOTO DO NAVIO em chamas, à noitinha. Na madrugada seguinte só restava a superestrutura. Aos poucos adernou até afundar, levando para o abismo do mar o seu segrêdo.

sentiu lesões depois de o despirmos, mas sua bôca aberta e seus olhos cheios de pavor contavam a mesma história.

O ÚLTIMO TERROR

Foi êste o último, profundo, inarrável terror que exprimiam êstes rostos! Depois olhamos na estação de telegrafia e vimos o pobre rapaz contorcido no chão; sôbre sua cabeça balançavam levemente os fones de ouvido, acompanhando o jôgo do navio. Mas quem, Deus do céu, tinha interrompido a ligação? Por que não tivera fôrças de transmitir sua última mensagem, para fazer saber ao mundo o que se passara a bordo do "Ourang Medan"? Que pavor tinha matado os vinte e dois sêres humanos que encontramos no convés? Que tinham visto? Quem os matara sem derramar uma só gota de sangue? Não, não havia vestígios de luta, e homens dêsse tipo só poderiam ser derrubados numa luta muito violenta. Para onde tinham ido os membros restantes da guarnição, estando a terra mais próxima a 300 milhas de distância? O comandante fêz questão de examinar o camarote do comandante e do imediato que ficavam logo abaixo do passadiço; estávamos certos de lá encontrar alguma pista. Também tínhamos de nos apoderar dos papéis do navio. No momento em que entramos no estreito corredor que leva aos camarotes dos oficiais escutamos um chamado do nosso navio, que estava, segundo ordens do comandante, cruzando em volta do "Ourang Medan". O imediato berrou pelo megafone: "Abandonem imediatamente o navio! Fogo no porão quatro!". Corremos para as escadas do navio e dentro de poucos segundos estávamos em nossa baleeira quando sôbre nossas cabeças houve tremenda explosão e as chamas saíam do porão quatro. Logo que chegamos a bordo do nosso navio o comandante ordenou que nos afastássemos algumas milhas do "Ourang Medan" para observar de distância o que se passava. Seguiram-se mais três explosões e dentro em pouco o "Ourang Medan" era um mar de chamas. Tínhamos estado num vulcão prestes a estourar! Enquanto isto baixou a noite, mas ninguém foi dormir. Todos estavam na amurada olhando para o enigma em chamas — ante nossos olhos completava-se uma das mais misteriosas tragédias do mar. Quando surgiu a aurora, tudo tinha terminado. As chamas tinham destruído tôda a superestrutura — o "Ourang Medan" era só armação de ferro retorcido. Aos poucos foi adernando cada vez mais e por fim afundou ràpidamente. Levou consigo seu segrêdo porque lá o Oceano Pacífico mede alguns milhares de metros de profundidade.

ENIGMA INDECIFRÁVEL

Onde está a parte da tripulação que conseguiu escapar no escaler? Conseguiram atingir alguma praia, alguma costa? Ainda vivem? Falarão algum dia? Ficarão calados para sempre conservando consigo o mistério do "Ourang Medan"? Só Deus o sabe.

II PARTE

Após haver sido divulgado êsse depoimento do marinheiro triestino Silvio Scherli, a única possibilidade de solução do mistério era que algum tripulante poderia ter escapado no escaler que faltava. Foi isso o que se deu, e estamos em condições de esclarecer o mistério que por longos meses preocupou as autoridades marítimas internacionais. O relato que segue é do padre Christ, missionário em Toangi, nas ilhas Marshall.

O MISTÉRIO DO NAVIO FANTASMA

Há uma semana nativos trouxeram à minha casa um marítimo náufrago, por êles encontrado num escaler a poucas milhas da costa. Era o único sobrevivente de uma tripulação de sete pessoas, mas também estava em estado desesperador. Tomou ùnicamente chá e algumas gotas de "whisky" durante cinco dias, passando a maior parte dêsse tempo desacordado. Seus pés e mãos estavam completamente cobertos de úlceras que procurei tratar com sulfanilamida. Disse-me seu nome no segrêdo da confissão e não quis dizer sua idade. Tanto podia ser um jovem como um homem de idade mediana. Fiz por êle o possível mas só pude salvar sua alma, não seu corpo. À noitinha do quarto dia acordou de sua letargia, agradeceu-me pela minha ajuda e contou-me, apesar de meus pedidos para que descansasse, a sua história. Disse que não tinha tempo a perder, que já sentia a vida fugir-lhe e fêz questão de narrar

A HISTÓRIA DO "OURANG MEDAN"

cujo único sobrevivente dizia ser. "Começamos a viagem há cêrca de dois meses", falou. "O navio chamava-se "Ourang Medan" e penso que pertenceu originàriamente à frota mercante japonêsa. O capitão que me matriculou em Xangai afirmava ser alemão; falava, porém, tôdas as línguas da Europa e do Extremo Oriente e era, segundo minha opinião, um mentiço. Afirmou ser o dono do navio e dizia ter papéis que o provavam. Creio porém que êsses papéis eram falsos. Além dêle eu era o único branco a bordo; o restante da tripulação compunha-se de chineses ou de mestiços. Não perguntou por meus papéis de identidade; ùnicamente quis saber quais os meus conhecimentos de navegação e sôbre correntezas e águas do Oceano Pacífico. Minas respostas satisfizeram-no e não perguntou de onde vinha; sabia que era uma das inúmeras existências naufragadas do Extremo Oriente, o mesmo podia-se dizer do restante da tripulação. As pessoas só eram conhecidas por Jack, Jim ou Joe, não tinham papéis e provàvelmente vinham de presídios japonêses ou cadeias chinesas. Falavam pouco, ou nada, faziam seu serviço e eram sem nome, como o navio. Na primeira hora notei o grande número de cachimbos de ventilação no convés e calculei que êsse navio devia ter servido a sombrios generais chineses como transporte de tropas, um presídio flutuante. Agora, porém, era um navio de contrabando, e quando pegamos carga num pôrtozinho completamente desconhecido ninguém perguntou de que se tratava."

15.000 CAIXAS MISTERIOSAS

"Muitos "coolies" chineses carregaram noite e dia caixas para bordo. Eram em número de 15.000 e foram tôdas acondicionadas no porão quatro. Eu, como imediato, era o responsável pela carga e observei ao comandante que pelo menos metade da carga deveria ser colocada no porão um. Recusou minha proposta, dizendo que se tratava ùnicamente de 1.100 toneladas e que fazia questão que a pôpa ficasse com maior calado para que, mesmo em tempestade, o hélice não saísse dágua. Não mais tratei da carga — parece-me que êle desconfiou do meu interêsse pelas suas caixas. Como soube mais tarde, deveríamos tomar o rumo de Costa Rica, onde passaríamos a carga, em alto mar, para bordo de outro navio; depois seguiríamos para o Panamá, onde o navio deveria ser desarmado. Quando lhe observei que com nossos papéis teríamos dificuldades no Panamá, respondeu o capitão: "Oh, não, rapaz! Pouco antes de entrarmos no pôrto haverá fogo no passadiço e também meu camarote queimará. Até que os bombeiros do pôrto cheguem, estará tudo terminado. Receberemos, então, por alguns dólares, papéis novos perfeitamente legais". Finalmente levantamos ferro numa noite escura. O comandante ficou dezesseis horas no passadiço. Conhecia todos os canais dessa estranha rota. Viajávamos completamente apagados como se estivéssemos na guerra. A comida era paupérrima, tínhamos ùnicamente carne em conserva, bolachas, chá sem açúcar e só nos três primeiros dias uma verdura indefinível. Oito dias após a partida tivemos o primeiro incidente. Um dos foguistas foi trazido desmaiado para o convés. Estava estranhamente frio, pulso muito fraco mas rápido, pupilas diminutas, rosto desfigurado e respiração ofegante. Morreu; jogamo-lo imediatamente ao mar. Estava fazendo muito calor para que esperássemos mais tempo.

(Continua na pág. 45)



FOI ASSIM que encontraram os tripulantes do navio fantasma. Esse era o 1.º pilôto. Os cadáveres apresentavam-se intactos e sem ferimentos ou sinais de violência. Os que acorreram ao pedido de SOS, não chegaram a olhar os papéis de bordo. O incêndio e o afundamento esconderam por algum tempo o segrêdo. O único sobrevivente, antes de morrer o revelou



BOM HUMOR







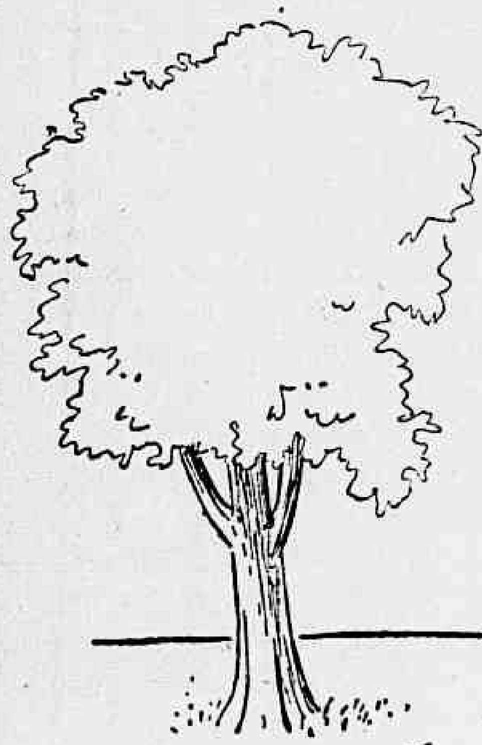
— Por via das dúvidas, é bom levarmos o guarda-chuva.



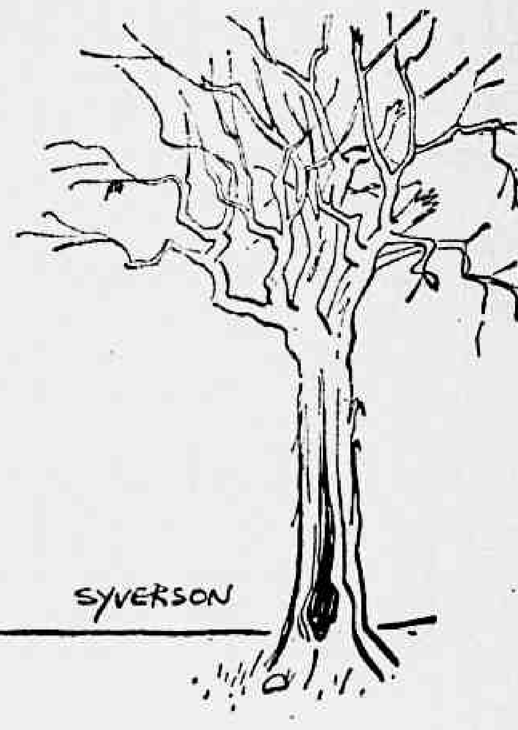
— Sr. Presidente, êste é o Bonifácio, do Departamento de Encomendas. Acaba de pedir-me em casamento, por isso não preciso mais do seu emprêgo, demito-me!...



— Não; ainda não é hora da saída; é apenas um camondongo...









GRUPO DE ESTUDANTES de várias nacionalidades trabalhando numa fazenda de sementes de Essex, na Inglaterra. Moram no acampamento situado em Kelveden, um dos 24 acampamentos espalhados na Grã Bretanha para estudantes que trabalham no campo durante suas férias. Mais de 5.000 estudantes, 1.500 dos quais estrangeiros, auxiliam os fazendeiros.

ESTUDANTES DO ALÉM-MAR TRABALHAM EM FAZENDAS DURANTE AS FÉRIAS

De A. K. ASTBURY

NA Grã-Bretanha existem amplas oportunidades para os estudantes trabalharem na terra durante as férias de verão. A União Nacional dos Estudantes — órgão representativo de todos os estudantes do Reino Unido — providencia certo número de acampamentos cada verão, nos quais jovens, moços e moças, podem morar enquanto trabalham nas fazendas vizinhas, e estudantes de tôdas as nacionalidades podem valer-se dêste arranjo.

Os estudantes assim gozam umas férias boas ao ar-livre, com a companhia de outros de tôdas as partes do mundo; e como o trabalho que fazem é valioso, recebem pagamento por êles. Êstes acampamentos rurais gozam de grande popularidade entre os estudantes da Commonwealth Britânica, porque muitos dêles vivem ansiosos para aproveitar esta oportunidade de trabalhar na terra durante as férias compridas do verão, que duram cêrca de três meses. A maioria não pode voltar para casa durante as férias, como os estudantes nacionais fazem.

Qualquer pessoa na Grã-Bretanha, até as crianças das escolas, pode gozar suas férias trabalhando na terra; e o Govêrno cuida de prover acampamentos especiais para seu alojamento, fornecendo também concessões especiais de mantimentos e viagem de ida e volta a baixo custo nas estradas de ferro. Mas êstes acampamentos organizados por estudantes para estudantes, são separados dos do Govêrno.

Durante o verão de 1949 formaram 25 dêstes acampamentos, organizados pela União Nacional de Estudantes (N.U.S.), que representa os Estudantes da Inglaterra, Gales, e Irlanda do Norte. (A Escócia tem uma Organização separada). Êstes acampamentos ficam sob a inteira responsabilidade da União. Convém explicar aqui, que uma União de estudantes, embora até um certo ponto se ocupa com as bonificações dos estudantes, etc., na prática vem a ser menos um sindicato que uma associação social e esportiva. A N.U.S. foi fundada em 1922, e baseia-se em umas 200 uniões, grêmios, e conselhos representativos dos estudantes, com um total de cêrca de 90.000 membros.

ESTUDANTES DAS UNIVERSIDADES NAS FAZENDAS

Frequentaram êstes acampamentos em 1949, 4.000 estudantes britânicos e 1.200 da Commonwealth e do estrangeiro, homens e mulheres. O primeiro acampamento abriu em 18 de junho e o último fechou em 21 de outubro de 1949. Houve acampamentos nos condados de Lancashire e Yorkshire, no Norte da Inglaterra, nos vales dos rios Wye e Severn, e em Somerset, Gloucestershire e Hereford, no oeste e em Essex, Lincolnshire e Cambridgeshire, no leste.

A maioria dos estudantes da Commonwealth que trabalharam nos acampamentos durante esta estação estavam frequentando Universidades na Grã-Bretanha. Muitos estudantes europeus, entretanto, fizeram a travessia para a Grã-Bretanha durante suas férias de verão, vindos da França, Bélgica, Holanda, Suiça, Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Luxemburgo e outros paises. Um estudante da Islândia, que foi trabalhar pelo segundo ano consecutivo num acampamento de fazenda dos estudantes britânicos, ganhou sua passagem trabalhando no navio, até à Grã-Bretanha, onde laborou no campo durante dois meses. Como divertimento durante os fins de semana, êle andava pelos campos da Inglaterra. Num acampamento — aquêle de Wisbech, centro do rico distrito agricola meio pantanoso do leste da Inglaterra — houve tantos estudantes suécos que formaram uma maioria. Nos jornais londrinos apareceram ilustrações mostrando-os gozando o verão na moda tradicional suéca.

O pessoal dêste acampamento de estudantes consiste só de estudantes. Os trabalhos feitos por êles nas fazendas inclui a colheita de frutas e de trigo, o desentêrro de batatas, a confeição de feno, a limpa de mato e a tranhplantação, e o trato das hortas. Os salários minimos são aquêles indicados por regulamentações da Lei dos Salários Agricolas, e geralmente são o suficiente para pagar suas despesas. Quando há muito trabalho para ser feito e êles trabalham bem, ganham bom dinheiro.

Durante a estação das frutas moles, por exemplo, é possivel ganhar até trinta shillings por dia (Cr$ 75,00 ao câmbio atual). Um tal proveito, entretanto, é um pouco fora do comum.

Os estudantes têm que pagar uma cobrança de quinze shillings para registro, uma quantia semanal de acampamento de trinta shillings, e um depósito de dois shillings e meio por semana para compensar qualquer quebra ou prejuizo. Cada semana os estudantes realizam uma reunião geral no acampamento para elegar uma comissão de auxilio na administração do acampamento e na organização das atividades sociais.

TODOS OS GÊNEROS DE DIVERTIMENTOS

A responsabilidade da organização dos acampamentos é puramente da N.U.S. sòzinha, mas o Ministério do Trabalho da Grã Bretanha fornece facilidades para viagens a custo reduzido; e o Ministério de Agricultura por meio dos seus Conselhos Executivos Agricolas dos Condados, avisa sôbre as condições de trabalho nas fazendas. Não se garante o trabalho; as mudanças súbitas do tempo e as variações de estação nas necessidades de mão-de-obra tornam isto impossivel. Entretanto é excepcional os estudantes ficarem ociosos por não lhes poderem dar trabalho os fazendeiros.

O primeiro aampamento foi estabelecido em 1940 e a instituição tem progredido aos pulos. Em 1948, de fato, os estudantes em acampamentos de fazenda contribuiram com quase 500.000 homens-hora de trabalho agricola vital. O trabalho é duro, mas é saudável e agradável, e há amplas oportunidades para o desenvolvimento de uma vida comunal entre os estudantes.

De fato, isto é uma das mais importantes funções dos acampamentos; nêles os moços e moças de tôdas as nacionalidades esquecem suas diferenças, trocam idéias, fazem novas amizades. Muitos estudantes já disseram que acham muito mais fácil entabolar novas amizades nos acampamentos que durante o resto do ano.



ESSA FOTO foi batida no acampamento de Kelveldon, na Inglaterra, onde estudantes trabalham durante as suas férias. Dois deles são franceses e aí estão descascando batatas.



O TOCADOR DE RABECA
de Van Ostāde



A FESTA DE SÃO NICOLAU
de Jan Steen

PEQUENOS MESTRES HOLANDÊSES

ARTISTAS FLAMENGOS DO SÉCULO XVII

Texto de JÓSA ANDREA SZABADOS

ESTAMOS na Holanda, em pleno século XVII. Em tôda a Europa, de norte a sul, reina sem par o estilo barroco, o periodo mais fecundo da pintura, o qual, depois da Renascença Italiana, gerou o maior número de vultos geniais nas belas artes.

A Holanda, orgulha-se com tôda razão, de ter Rembrandt como filho, uma das maiores figuras de todos os tempos. Êle é inevitàvelmente imenso e quando nos detemos maravilhados diante da enormidade dêsse gênio quase nos esquecemos dos chamados pequenos mestres holandeses da época.

Por que, a êsses a história, os cognominou de pequenos mestres? Que qualidades essenciais lhes faltaram na arte, ou que falhas artisticas permitiram, que merecessem essa denominação, hoje universalmente aceita? Não foi sòmente a grandeza de Rembrandt, que arrastou para a penumbra todos os outros artistas da época, porque a genialidade de Vermeer von Delft, é mundialmente reconhecida, da mesma forma como Ruysdael triunfa como o criador da paisagem holandesa e Franz Hals como retratista.

As razões daquela denominação, são mais complexas e



PAISAGEM — de Adalberto Cuyp

profundas e as raizes se encontram na estreita ligação que existe entre a evolução da arte e os acontecimentos históricos.

No terreno da política, a Holanda naquele século, combate enèrgicamente a Contra-Reforma e quando conquista afinal a nova República goza a independencia e o bem-estar, construidos pela burguesia, orgulhosa e enriquecida.

Os combatentes vitoriosos, são os burgueses protestantes, cujas caracteristicas essenciais, se encontram na contemplação tranquila e no senso da realidade sem fôrça imaginativa e que se agregam em corporações (guilde) profissionais.

Êsse espirito rasteiramente coletivo, não poderia ser bom solo, para mentalidades geniais, como se pode constatar, examinando-se a vida infeliz de Rembrandt.

Assim, a arte barroca na Holanda, aparece como o estilo da pintura burguesa. Sem tendências geniais. O gênio está sempre acima e fora de seu tempo. Para medi-lo e pesá-lo, existe um valor, eterno e imutável.

Nos chamados pequenos mestres holandeses, se lhes faltam nas obras, os traços geniais de expressão, existe contudo no conjunto, rica e generosa diversidade de mostrar, que exprime com perfeição a mentalidade da época, em tôdas as manifestações espirituais.

Êsse fato é tanto mais estranho e singular, quando sabemos que desde o declinio das catedrais, ou melhor, desde a invenção da imprensa, coube sempre à literatura exprimir as correntes espirituais da época. Nas obras dos pequenos mestres a diversidade dos temas é surpreendente e a unidade da maneira de representar, tranquilizadora.

Nesses quadros encontramos todos os setores da vida: natureza, séres humanos, animais e objetos. Muita vez, duas ou três gerações de uma mesma familia se tornam os legítimos representantes de um único setor desses temas.

Assim, membros das familias Van Beyeren, ou Van de Velde, são por excelência os pintores do mar e dos navios, que a par de telas notáveis no gênero, mostram igualmente a grandeza naval da Holanda no século. Êsse traço profundamente curioso e caracteristico da arte, quando inconscientemente se torna o porta-voz da grandeza nacional e do orgulho comum, origina-se e apóia-se nesse periodo holandês, no grupo das diversas corporações, onde a tranquilidade e a confiança própria de cada individuo, refletem a coletividade burguesa, hierática e rigorosa, base da prosperidade dessa rica época.

A natureza morta das flores, chega ao apogeu na pintura dêsses artistas. Nunca, antes ou depois, será a flor, tema tão absoluto. Êsse fato se constata não sòmente pelo elevado número de quadros no gênero como em atual e interessante episódio.

Em livro recém-editado e cujo tema é o papel das flores na pintura, o autor ficou tão maravilhado com os exemplares da pintura holandesa que das 40 reproduções do livro, a maior parte é constituida de mestres holandeses.

Quanto ao retrato — sabido que, com exceção dos grandes mestres universais no gênero, é por excelência criação da alma latina, sempre interessada na representação da figura humana e que deixa aos nórdicos desenvolver o tema paisagem — na Holanda barroca, floresceu de tal maneira



RETRATO DE UMA SENHORA
de Ferdinand Bol

que não podemos aceitar a manifestação natural de evolução artistica.

A multidão de retratos nos mestres holandeses, se deve mais à influência dos ricos burgueses, que sem igrejas católicas, encomendavam ao envés de quadros santos, retratos, quer singulares, quer em grupos.

Realmente, êsses retratos são pouco expressivos, não só porque os autores não eram verdadeiros retratistas, como também as roupagens e atitudes solenes das figuras, se apresentavam por demais estreitas e rigidas para poderem representar, profunda e fielmente as almas das individualidades retratadas. E' claro que estamos nos referindo aos retratos dêsses pequenos mestres citados.

A representação dos interiores é muito variável. As cenas de tavernas de Ostade, os lares rústicos da pequena burguesia de Steen, nos levam em Pieter de Hooch e Terborch, até os lares e as figuras imponentes da grande burguesia, podendo o contemporâneo traçar hoje, um perfeito quadro social da Holanda barroca, recorrendo apenas a 4 ou 5 pintores da época.

A caracterização dos locais, das figuras e das situações é de uma realidade total e impressionante, mas quando essa realidade é por demais prosaica e vulgar, sentimo-la coberta como por um verniz poético derivado da maneira sutil, fina e suporior de pintar.

Seria injusto não falar nas paisagens, cuja tranquilidade lisa e chã, caracteriza bem a alma simples dos homens do pais e do tempo.

A natureza morta, inicia-se também com êsses mestres, que foram os únicos que sentiram a ligação intima que existe, entre os rudes homens trabalhadores e os animais domésticos, representando-os juntos inúmeras vêzes, harmonizando-os com a paisagem tranquila.

A descrição e o anedotário dos pequenos mestres, são talvez infantis. A criançada diverte-se, utilizando sempre nas suas fabulações o adulto em cenas da vida real. O adulto, por sua vez, cria o conto de fadas, que é a forma ilusória de voltar à infância. Os mestres holandeses, como as crianças, infantis e ingênuos, adoravam as figuras da vida cotidiana, com todo o cortejo de pequenos acontecimentos.

Na falta de motivos religiosos ou biblicos, procuravam a razão final, representando a humanidade. Foram não sòmente pequenos mestres como também mestres das pequenas coisas. Não sendo geniais individualmente, conseguem-no, contudo, no sentido de serem os pintores de tudo para todos.

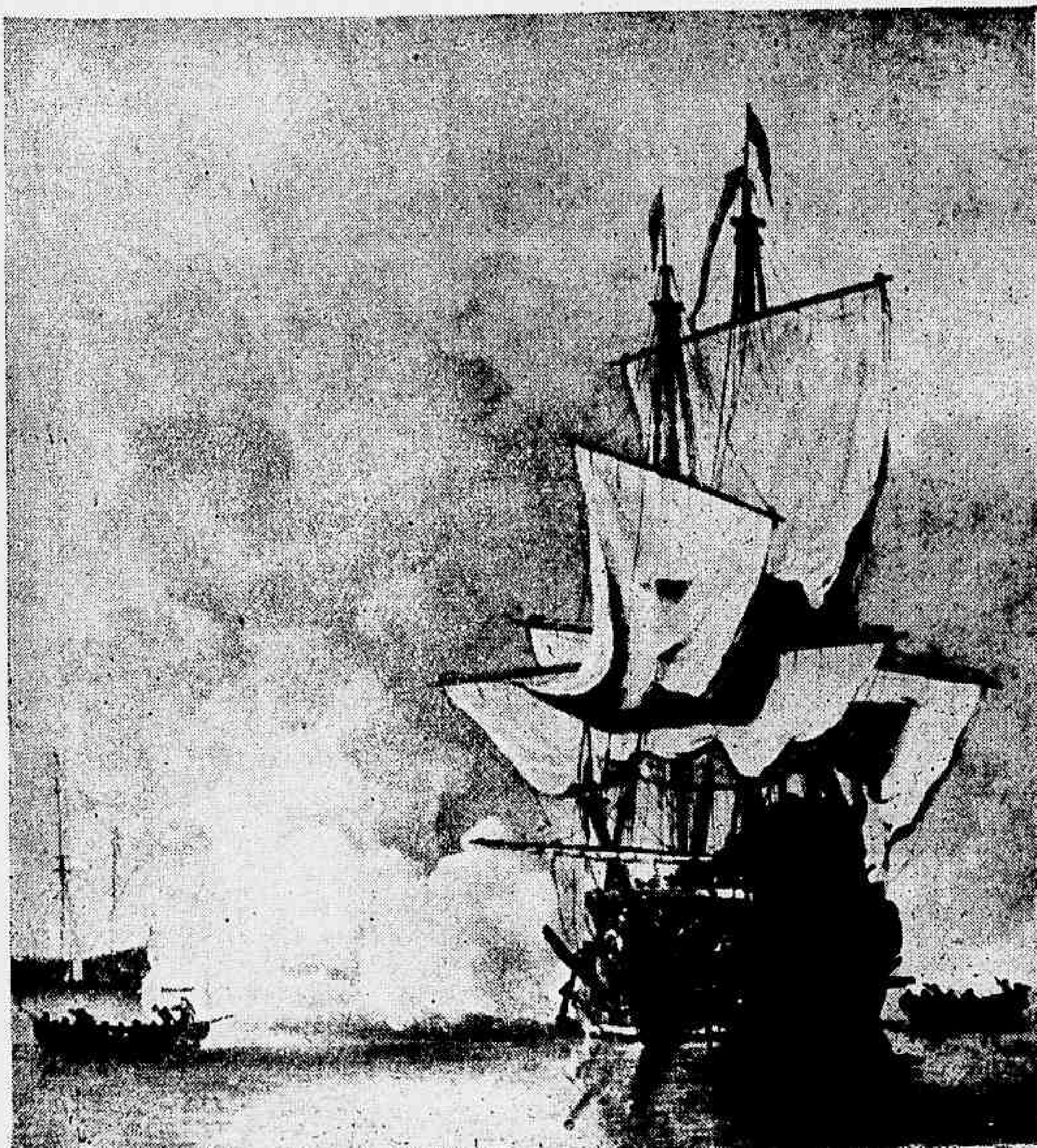
Se aceitarmos a tese, de que o ânimo está intimamente ligado ao destino do ser humano, podemos dizer que, nos pequenos mestres holandeses, a coragem e o ânimo estão vinculados à sorte de sua época, pois quer na paz, quer durante a guerra, sentimos que sempre guardaram um sadio bom-humor e a constante alegria de viver.

Na Idade Média, os homens ainda eram capazes de rir como os antigos, sem fronteiras nem limites, saudável e vulgarmente. Na Holanda do século XVII, vemos também o riso sadio dos camponeses simples, nas festas populares e campestres das quermesses e das tavernas. Podemos dizer, sem literatura, que os pequenos mestres, sancionaram para a arte as pequenas coisas simples e vulgares, as injúrias, os acontecimentos triviais das ruas e a má educação, tornando dessa forma mais rica e real a representação da vida.

O gênio, que êles não possuiram, já havia aparecido antes, na arte holandesa, com o misterioso mestre Bosch, atingindo o apogeu com Rembrandt e revivendo dois séculos mais tarde com Van Gogh.

Mas, mesmo sem a fantasia genial, êles possuem em alto grau, a perfeição profissional, o senso ótico da matéria, a representação da atmosfera e a visão panorâmica dos pormenores.

Ao contemplarmos os quadros dêsse conjunto de pequenos mestres, sentimos que a grandeza dêles se encontra realmente no fato de sem terem qualidades extraordinárias, ficarem sempre fiéis a si próprios, seguros e firmes, em sua sinceridade humana e pictorial.



O TIRO DE CANHÃO
de Van De Velde



A PARTIDA DE CARTAS
de Pieter De Hooch

TUDO ISTO ACONTECEU



58 ANOS DEPOIS

ESTA é de amargar. E' quase inacreditavel, impossivel de dar-se neste mundo e no outro. O fatô, em síntese, é êste: o sr. Adriano Rodrigues Pinto trabalhava como maquinista na Estrada de Ferro Rio Douro, quando, vítima de um desastre ferroviário, ficou incapacitado de trabalhar, pedindo indenização. Isso em 1892. Nada mais justo. Nesse ponto nossas leis são claras, precisas, humanas, admiràvelmente cristãs. "Legis Habemus", dizem os senhores causídicos. S'm, le's temos, e ninguém discute; agora, executá-las na prática, eis a dificuldade!

O nosso ve'ho Adriano R. Pinto (não vão pensar que é o do vinho), confiado nas leis, entrou com a papelada para os trâmites legais e esperou. Todos da família que já começavam a passar necessidades, diziam que tivesse confiança, que êle seria atendido. Mas, infelizmente, todos nós estamos sujeitos ao andar do tempo, e os ponteiros dos relógios nada têm que ver com as nossas desgraças. O sol surge e se esconde todos os dias; vem o inverno, vai-se, aparece a primavera, e vem ainda o outono, o verão, torna a surgir o inverno, etc., etc.

O primeiro ano da petição do maquinista vitimado e inválido se passou. E nada. Isso também já era de mais. Que demorassem a atendê-lo, aí por uns do's meses, vá lá; mas um ano? 365 dias? Isso era desafôro! Andou de'seca à meca Procurou os maiorais da política, os amigos do govêrno, advogados, padrinhos, senhoras caridosas... Nada! Por fim, depois de tanto andar, subir e descer escadas, o maquinista entregou a Deus e deu um adeus à indenização. Com susprêsa para os que vivem ainda, o caso de Adriano acaba de ser julgado e a seu favor: 58 anos depois...

MEMORÁVEL ACONTECIMENTO

SOB a presidência do sr. embaixador José Carlos de Macedo Soares, realizava-se a 5 de maio corrente a reunião quinzenal do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, com a presença de muitos dos seus membros, quando, dentre outros assuntos aprovados, pediu a palavra o engenheiro Flávio Vieira, representante do Ministério da Viação e Obras Públicas, para transmitir aos presentes uma auspiciosa notícia: acabava a E.F.C.B. de concluir o assentamento dos trilhos da via férrea que liga o sul do País à Bahia.



O Diretório reunido recebeu a comunicação sob vivo entusiasmo, entre prolongada salva de palmas.

Leitor: quem conhece o interior do Brasil, as suas deficientes vias de comunicação, as estradas fluviais inavegáveis em épocas de vasante, o fato que acaba de ser comunicado ao Conselho Nacional de Geografia encerra um acontecimento de grande significação para nossa pátria.

Ainda estamos lembrados do drama trágico que foi o período de guerra, quando tropas, povo e mercadorias, armamentos e víveres tinham que servir-se do único caminho possível a tão intenso tráfego: o rio de S. Francisco. Não se pode fazer uma idéia do que seja um viagem de rio acima da Bahia ou Pernambuco, até Pirapora em Minas, naqueles naviozinhos cinquentenários e com os canais do rio entupidos pelas erosões marginais. Meses de luta e de torturas. Só mesmo com uma ligação ferroviária entre o sul e o norte, poderá o Brasil conjurar os riscos que há em tais momentos. Pois é êsse auspicioso e festivo acontecimento que acaba de ser divulgado pelo engenheiro Flávio Veira, sem ter logrado a repercussão pública a que faz jus.



TODOS reconhecerão na foto o famoso lutador italiano Primo Carnera. Já foi campeão mundial de box, na classe dos pêsos pesados. Manteve o título por pouco tempo, sendo derrotado por Max Baer. Desapareceu, então, durante algum tempo e todos diziam que havia terminado sua boa estrêla. Tomou parte em espetáculos de «varieté» e fêz alguma pontinha em filmes italianos. Após a guerra, foi para os Estados Unidos e começou a se exibir em lutas livres. Tendo um corpo descomunal, dois metros de altura, musculatura ainda rija, submeteu-se a treinos rigorosos e metódicos, adquirindo, em pouco, forma extraordinária. Em lutas sucessivas venceu os adversários que se lhe apresentavam e ganhou o título de campeão da especialidade. Já tomou parte em mais de cem lutas, saíndo invicto em tôdas elas e suas exibições provocam sempre entusiasmo. Na foto aparece junto com a família, no Hotel Pensilvania, de New York. Para poder ficar com os seus sempre perto, pediu para êles a naturalização americana. Deixou definitivamente o box. Exibe-se três vêzes por semana em «lutas livres» e disse que sua única ambição é ganhar o suficiente para sustentar sua família nas melhores condições possíveis, proporcionando aos filhos uma educação esmerada, especialmente no que se refere ao menino, pois, conforme revelou textualmente, de vida de lutador basta a dele.

ARTIFÍCIOS DE NOIVA

JÁ ouviu o leitor falar de Miss Martel Shelton? Não? Pois se trata de uma jovem viúva de Evansille, Indiana, muito ladina e ousada. Enviuvando há pouco, e sendo um tanto desajeitada para viver do suor do seu rosto moreno e belo, Miss Shelton imaginou um meio de dispor de alguns milhares de dólares, sem fazer fôrça nenhuma.

Então mandou para uma revista norte-americana que mantém uma "Coluna de Cupido", um anúncio espalhando aos quatro ventos que desejava corresponder-se com um homem que se mostrasse disposto a ser seu espôso. E não tardou que lhe viesse às mãos uma resposta tentadora, assinada pelo respeitável Mr. Thomas J. Smith, viúvo, 55 anos, residente em Vancouver, Estado de Washington.

A morena de Indiana topou o velhote e lhe escreveu pedindo que mandasse dinheiro para que ela pudesse ir até Vancouver, pois que estava desprevenida. Mr. Smith, confiado e sonhando com a segunda



espôsa, mandou-lhe 400 dólares. Ficou numa ansiedade louca. Os dias se passaram e nada de aparecer sua beldade.

Mas alguns dias depois recebe êle uma carta em que ela lhe dá uma notícia desoladora. Fôra roubada e ficara sem tostão. Êle, porém, impulsionado pelo ferrão de Cupido, remeteu-lhe mil dólares. Esperou... esperou... esperou... E nada. Mas outra cartinha amável chegava. Desta vez adoecera e gastara tudo com médico, farmácia... Mais dinheiro! Foi quando Mr. Smith desconfiou da parada e procurou as autoridades denunciando a chantagem.

Miss Shelton foi chamada a explicar-se, tendo caído em contradições, sendo, por fim, desmascarada. Não queria nada com Mr. Smith. Queria era o seu dinheiro. Mas como se serviu do Correio para executar seu plano desonesto, foi descansar o espírito inventivo no xadrez, por uns anos...

HORROR AO MUNDO

A vida está insuportável, tanto aqui como nos antípodas. Os problemas não têm limite. Quando a gente tapa um buraquinho, eis que outros surgem, fazendo entrar água de mais no barco de nosa vida. Mas, como "mal de muitos consôlo é", vamos aguentando a parada e resolvendo os casos à feição da corrente da existência. Para que um cidadão amofinar-se, perder a serenidade, a calma, discutir, arranjar animosidades? Para quê? O melhor é cada um acomodar-se como puder e deixar o barco rolar...

Infelizmente, nem todos os indivíduos pensam asim. Por essa razão, diàriamente lemos nos jornais os registros de suicídios, de brigas, conflitos, agressões, o diabo a catorze por êsse mundo a fora. E' o choque permanente dos interêsses, o conflito da vida de A batendo no pára-lama da de B e assim por diante, todo um alfabeto a amofinar-se, a gritar, a estorcer-se, a brandir armas e a esbravejar na cara dos outros.

E' o mundo na sua trajetória a eliminar os fracos e a forjar as novas gerações que hão de vir para endireitar êste mundo louco. Aconteceu, porém, a 11 dêste mês de maio, um episódio que deixou todos os que dêle tiveram notícia, profundamente impressionados. Foi o suicídio de um padre na cidadezinha de Bernalda, perto de Motera, na Itália. Êsse sacerdote, faz algum tempo já, estêve envolvido num caso de costumes, tendo-se submetido a inquérito, apurando-se que êle era inocente. Ao que parece, porém, ficou naquela situação do outro: daqui que prove que coelho não é elefante... E, desgostoso com a humanidade, desgostoso com o mundo, o sacerdote de Bernalda suicidou-se!



TEMPOS atrás, os meios teatrais do Rio foram sacudidos por uma questão que lhes dizia respeito e que chegou a dividir a classe dos artistas em dois lados, um pró e outro contra a causa. Nossa revista teve ocasião de realizar uma enquête" para melhor informar os leitores sôbre a reação dos artistas à medida que vinha de ser tomada. O govêrno brasileiro decidira entregar a "Ordem do Cruzeiro do Sul" à atriz Henriette Morineau, e muitos diziam que ela, apesar de ser uma grande artista, nada fizera pelo teatro nacional. O ator Jaime Costa sugeriu mesmo que melhor seria ter entregue a comenda a Conchita de Morais que embora também não seja brasileira, fôra sempre uma artista "nossa". Pois a iniciativa tomou vulto e foi levada a bom têrmo. A 29 de abril passado, Conchita de Morais, que chegou ao Brasil em 1906 e que há 44 anos vem representando nos palcos brasileiros, foi agraciada, pelas mãos de Pascoal Carlos Magno, com a "Ordem do Cruzeiro do Sul". Num entreato da peça "As árvores morrer de pé", de que ela é a principal intérprete, foi realizada uma sessão em sua homenagem. Contando com a presença do representante do govêrno, colegas, convidados, amigos e admiradores, que possui em número incontável, a artista, cubana de nascimento mas brasileira de coração, teve o merecido reconhecimento oficial e público do muito que fêz para levantar o nível dos espetáculos teatrais em nosso país. E' a segunda artista a receber tal distinção e todos apoiaram sem restrição o ato governamental. Na foto, Conchita de Morais aparece com a comenda da "Ordem do Cruzeiro do Sul", que lhe foi concedida.

A OITICICA SALVOU-OS

NÃO é sòmente a carnaúba que representa, para os sertanejos do Nordeste, uma planta de salvação. Há ainda uma outra, a oiticica, árvore de porte frondoso de fôlhas que jamais caducam, cuja sombra à beira dos riachos são um refrigério para as longas caminhadas dos tropeiros e viajantes. Além de tudo, o fruto é rico em óleo, constituindo grande fonte de renda para vários Estados nordestinos. Mas também na recente calamidade das enchentes do Ceará, na zona do Jaguaribe, a oiticica prestou relevante serviço público. Uma dessas árvores salvou uma família de sete pessoas, livrando-as de morrerem afogadas.



Um casal de sertanejos, com seus seis filhos, morava na fazenda Carvalho, município de Limoeiro, Ceará quando, alta noite, o chefe da casa despertou com um ruído estranho. Acordou a mulher. Estavam cercados dágua e a casa ameaçando ruir dentro da fôrça da correnteza. Acordaram a filharada. Procuraram abrigo. Mas como? Alcançar a vila de Alto Santo era impossível. Então o sertanejo decidiu: atirar-se-ia à correnteza, a nado, em busca de socorro. A mulher e os filhos, todos menores, ficariam trepados nos galhos da oiticica ao lado da casa. As águas subiam e também procuravam arrastar a árvore; mas êle ia buscar auxílio... E o bravo homem assim fêz; lançou-se à torrente e nadou, no escuro, em busca da margem oposta direção de Alto Santo. A espôsa e os seis filhos ficaram trepados na oiticica. Em baixo o caudal infrene, a rugir. Amanheceu o dia. Nada do marido. Teria morrido afogado? E as águas a subir... a subir... As crianças choravam com fome, trêmulas de pavor. Ânimo! Já estavam quase desfalecidos quando chegou o aflito pai, com socorro em canoa. Aquela gente passara dez horas nos braços heróicos da oiticica...

COMO NO CINEMA

FAZ pouco tempo, nestas mesmas páginas, comentamos aquêle episódio de uns meninos de Belo Horizonte terem prendido um ladrão, entregando-o à polícia, no momento em que o mesmo ia assaltar uma casa de família.

Hoje, porém, vamos registrar um fato diametralmente oposto: crianças da mesma capital que invadem, alta madrugada, uma Delegacia e dali libertam um seu companheiro detido e pertencente a uma quadrilha de menores ladrões, muito bem organizada e em atividade na encantadora Belo Horizonte. O chefe da "gang" liliputiana era o Ari, de doze anos, cabeça dirigente e distribuidor de "serviços" pelos seus auxiliares. Mas a polícia andava à cata de suas proezas e, um belo dia, começos de maio, prendeu Ari, levando-o para o distrito.

O chefe era menor, como vemos, e, em tais casos, essas detenções obedecem a um rito diferente do que ocorre com os adultos. Entra em cena o Juízo de Menores e o Estado precisa mandar os pequenos delinquentes para estabelecimentos especializados. Enquanto o "comandante" estava nas mãos da polícia e ainda sob vigilância na prisão do distrito, os comandados se reuniam e acertavam os relógios para uma ação cinematográfica a far-west", direitinho como nos filmes de bandidos e mocinhos. Então surgiu a figura de um semi-chefe, o Geraldo, de treze anos, menino vivo e de decisões rápidas. Alta madrugada do dia 11 de maio, Geraldo, seguido dos seus comparsas, escalou o muro da delegacia e, entrando por uma janela, aproveitou o sono do guarda, libertando Ari. Pela manhã.., cadê o garôto? Foi um reboliço. A polícia saiu novamente nas pegadas dos meninos endiabrados até que prendeu Geraldo e mais dois. E Ari? Continua foragido...

DEPUTADOS A CR. 5.000,00

JÁ houve um tempo em que se comprava uma patente de oficial da Guarda Nacional por alguns mil réis; já se obteve, da mesma forma, um diploma de bacharel em direito, por sessenta cruzeiros; mas que pensasse alguém que se poderia ocupar uma cadeira de deputado por cinco contos de réis, francamente, é muita ingenuidade. Pois creia o leitor, isto aconteceu em Belo Horizonte. O vigarista Benedito encontrou-se com o fazendeiro Tertuliano e lhe meteu o "papa". Disse o malandro que representava na Câmara o Partido Naturalista Brasileiro, dirigido pela deslumbrante Luz del Fuego, o que vendia cadeiras para a Câmara dos Deputados de Belo Horizonte ao módico preço de CrS 5.000,00. O fazendeiro achou que era negócio da China; mas... quem seria essa Luz del Fuego? Aí o malandro lhe mostrou algumas fotografias da presidenta do P.N.B., aquelas fotos atômicas e anatômicas.

"Seu" Tertuliano não teve mais dúvidas: estava fechado o negócio. Compraria uma cadeira de deputado a fim de pertencer ao Partido daquela Eva deliciosamente tentadora... Mas, e por que motivo êsse representante não ficava mais tempo em Belo Horizonte? O malandro explicou: "Sou homem de altos negócios e tenho urgência de regressar ao Rio a fim de prestar contas aos meus correligionários, devendo em seguida embarcar para a Europa...". O fazendeiro de Santa Juliana, sem poder tirar os olhos da foto luzdelfoguiana, meteu a mão no bolso para passar as cinco pelegas de mil cruzas, quando a transação legislativa recebeu um choque: a Rádio-Patrulha! E tudo se esclareceu. O Benedito era um vigarista. Tertuliano escapou, por um triz de bancar o Adão...



YOGI APLICADO AO BALLET

A figura de uma dançarina, especialmente quando ela se apresenta com sua roupagem característica, coleante ao corpo e envôlta no pequeno saiote de tule, o que a identifica logo como uma participante do "ballet" clássico, isto é, o da escola russa, essa delicada figurinha, dizíamos, que bem poderia ser a da foto acima, atrai os olhares, as atenções e a curiosidade das pessoas sôbre sua atividade, sua arte. E' a respeito de uma famosa escola de "ballet", misto da escola russa e misticismo oriental, dirigida pela primeira bailarina do Czar, Nadina Nicolaeva-Legat, situada em Londres, que publicaremos em nosso próximo número uma reportagem. Poderão assim os leitores ficar a par de alguns dos detalhes dessa academia de ritmo, pela qual já transitaram mais de três mil alunos, entre os quais Serge Lifar, Alexandre Danilova e Tamara Toumanova. Aplicando os tradicionais métodos do "ballet" russo e não desdenhando os modernismos ocidentais e o exotismo oriental, a escola da espôsa de Nicolas Legat, já falecido, é sem dúvida uma das mais importantes da Europa.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A primeira convenção ... ano (Carlos Duarte) ... 3/7

Boneca de Pixe 1950 (S... bino Canalini) ... 10/13

A criança é pai do home... (Armando Pacheco) ... 16/17

Flagrantes de Roma no An... Santo (Celestino Silveira) ... 20/23

Cusco, a cidade sagrada (Alberto Conrado) ... 27/31

Navio fantasma (Wol... Kneip) ... 50/51

LITERATURA

O estudante (Mary Che... man) ... 14

Semana Literária (Edmund... Lys) ... 18/19

Dr. Penteado (Clóvis Bac... de Paiva) ... 34

HUMORISMO

Semana em revista (Théo) ... 15

A casca (Nicodemus) ... 26

Bom-Humor ... 52

FEMININAS

Novos maiôs — Uma carta de amor (Lyse) ... 35

Pela manhã ... 36

A moda dos bordados ... 37

Exóticos ... 38

Elegantes ... 39

Week-End na cozinha ... 40/41

ATUALIDADES

Fora de moda o casamento a primeira vista (Ada... Rodrigues) ... 24/25

Estudantes de além-mar trabalham nas fazendas durante as férias (A. E. Astbury) ... 53

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista Personagem da semana ... 8

Puxe pelo cérebro — Palavras cruzadas ... 9

A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 46

Música (Roberto Lyra F.º) ... 48

Tudo isto aconteceu ... 56/57

CINEMA

A vingança do Conde de Monte Cristo ... 32/33

ARTES PLÁSTICAS

Artistas flamengos do século XVII ... 54/55

FOLHETIM

Romance na Chuva ... 49

FOTOS: Arnaldo Vieira
Adir Vieira
Paolinifoto
Avulsas

BONECOS: Rafael

ILUSTRAÇÃO: Orval

NOSSA CAPA

Maureen O'Hara — Fox

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS AO TESTE

1 — A D. Sebastião, Rei de Portugal.
2 — São Januário.
3 — Praça Onze.
4 — Uma fortaleza.
5 — O padre Anchieta (...).
6 — Rua das Mangueiras.
7 — Os jacarés.
8 — O Passeio Público (...).
9 — Francisco de Castro ... (agôsto de 1710).
10 — Livrou da Inquisição sua família (De Manuel Gonçalves Velho).
11 — Gomes Freire de Andrade (novembro de 1753).
12 — José Alves Maciel.
13 — A Saldanha Marinho (1866).
14 — Invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão.
15 — O Banco do Brasil (12 de Outubro de 1808).
16 — D. Pedro I (1-12-1822).
17 — O segundo casamento de D. Pedro I (1829).
19 — Ilha dos Ratos.
19 — 1872.
20 — Maracanã.

MOVEIS
DECORAÇÕES

Especialidade em

GRUPOS ESTOFADOS

prontos para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS



de todo o mundo,
fabricados especialmente
para a

ASA UNES

MARCA REGISTRADA

65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A boite do Hotel Excelsior, animada pela magnífica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial... resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**